

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

***Formação de Palavras Compostas em Português Brasileiro:
uma Análise de Interfaces***

Taís Bopp da Silva

Orientadores

Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt

Prof. Dr. W. Leo M. Wetzels

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutor em Letras, na área de
concentração Estudos da Linguagem, linha de
pesquisa Fonologia e Morfologia

PORTO ALEGRE, 2010

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo estímulo e o apoio.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que faz parte da minha história de vida.

À Universidade Livre de Amsterdam, pela hospitalidade no período em que lá estive.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que me permitiu cursar disciplinas em seu Programa de Pós-Graduação.

Aos meus orientadores Luiz Carlos Schwindt e Leo Wetzels. Ao primeiro, agradeço a parceria ao longo de toda a caminhada; ao segundo, agradeço a hospitalidade em seu país e a confiança dedicada ao meu trabalho.

À professora Gisela Collischonn e ao professor Seung-Hwa Lee pelo fornecimento de material.

À professora Valéria Monaretto, pela ajuda nos momentos difíceis.

Ao professor Geert Booij, da Universidade de Leiden, pela atenção dedicada às minhas ideias.

Aos amigos “de fé” de Porto Alegre (que estão espalhados pelo mundo, na verdade) – eternos irmãos acadêmicos. Aos amigos conquistados na Holanda, que me mostraram outra maneira de ver a vida.

À equipe do Laboratório de Português do Colégio Farroupilha, com quem partilhei, nos últimos meses, angústias e teorias.

Ao CNPq, pela concessão das duas bolsas, que foram fundamentais.

(...) se você pegar um punhado de areia nas mãos, se você olhar para ela bem intensamente, a água também e até o ar, todos são incolores, se forem contemplados dessa maneira. Mas não há azul sem amarelo e sem laranja e, se você colocar azul no quadro, então terá também de colocar amarelo e laranja, não é verdade?

Vincent van Gogh

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	07
LISTA DE QUADROS	08
LISTA DE TABLEAUX	09
RESUMO	10
ABSTRACT	11
1 INTRODUÇÃO	13
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
2.1 A TEORIA DOS CONSTITUINTES PROSÓDICOS.....	17
2.1 STRICT LAYER HYPOTHESIS.....	23
2.2 A TEORIA DA OTIMIDADE.....	26
2.2.1 A TEORIA DA OTIMIDADE E A MORFOLOGIA.....	32
2.3 PRODUTIVIDADE EM FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	35
3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A PALAVRA COMPOSTA	44
3.1 VILLALVA (1992).....	44
3.2 LEE (1995, 1997).....	48
3.3 MORENO (1997, 2002).....	52
3.4 PEPERKAMP (1997).....	55
3.5 VIGÁRIO (1999, 2003).....	61
4 CONFIGURAÇÃO DOS COMPOSTOS DO PB	69
4.1 O CONCEITO DE PALAVRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	70
4.2 CONFIGURAÇÃO FONOLÓGICA.....	79
4.3.1 O ACENTO.....	79

4.3.1.1 O ACENTO NOS COMPOSTOS.....	81
4.3 CONFIGURAÇÃO MORFOLÓGICA.....	94
4.4 CONFIGURAÇÃO SINTÁTICA.....	104
4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA SEMÂNTICA DOS COMPOSTOS.....	112
4.6 SUMÁRIO DAS CARACTERÍSTICAS DOS COMPOSTOS DO PB.....	118
5 ANÁLISE.....	110
5.1 A COMPOSIÇÃO E OS PROBLEMAS DE INTERAÇÃO ENTRE OS COMPONENTES DA GRAMÁTICA.....	110
5.1.1 PROBLEMAS FONOLÓGICOS.....	110
5.1.2 PROBLEMAS MORFOLÓGICOS.....	122
5.1.3 PROBLEMAS SINTÁTICOS.....	127
5.2 ENCAMINHAMENTO DE UMA ANÁLISE DOS COMPOSTOS DO PB.....	129
5.2.1 RETOMADA DOS PROBLEMAS.....	129
5.2.2 ARSENAL TEÓRICO.....	130
5.2.2.1 AS RESTRIÇÕES DE DOMINÂNCIA PROSÓDICA.....	130
5.2.2.2 ALINHAMENTO GENERALIZADO	135
5.2.2.2.1 AG: CARACTERIZAÇÃO.....	136
5.3 ALTERNATIVA DE ANÁLISE.....	138
5.3.1 ANÁLISE FONOLÓGICA DOS COMPOSTOS DO PB.....	138
5.3.2 ANÁLISE MORFOLÓGICA DOS COMPOSTOS DO PB.....	141
5.3.3 ANÁLISE SINTÁTICA DOS COMPOSTOS DO PB.....	146
5.3.4 PRODUTIVIDADE NOS COMPOSTOS DO PB.....	151
5.3.4.1 A COERÊNCIA SEMÂNTICA.....	151
5.3.4.2 A FONOLOGIA.....	153
5.3.4.3 FATORES DE LEXICALIZAÇÃO.....	156

6 CONCLUSÕES.....	160
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	165
8 ANEXOS.....	174

LISTA DE ABREVIATURAS

AdvP	Adverb Phrase
AG	Alinhamento Generalizado
AP	Adjective Phrase
CON	Constraints
EGL	Elementos Greco-Latinos
EVAL	Evaluator
GEN	Generator
HP	Hierarquia Prosódica
NP	Noun Phrase
NURC	Norma Urbana Culta
OCP	Obligatory Contour Principle
P	Palavra
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PP	Prepositional Phrase
R	Radical
RFP	Regra de Formação de Palavra
RRL	Regra de Redundância Lexical
SLH	Strict Layer Hypothesis
TCP	Teoria dos Constituintes Prosódicos
TO	Teoria da Otimidade
VARISUL	Varição Linguística Urbana na Região Sul do País
VP	Verb Phrase
W	Word
WL	Weak Layering

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Configuração Fonológica dos Compostos do PB	82
Quadro 2	Configuração Morfológica dos Compostos do PB	98
Quadro 3	Configuração Sintática dos Compostos do PB	105

LISTA DE TABLEAUX

Epêntese Vocálica no PB	29
Compostos Familiares.....	57
Compostos Não Familiares.....	57
Representação da Frase Fonológica Frente a Exaustividade e Não Recursividade	139
Palavra Composta: Palavra Prosódica Recursiva	139
Emergência do Composto Fonológico	143
Representação do Sintagma e do Composto.....	148

RESUMO

Na presente tese, defende-se a ideia de que a composição – processo de formação de palavras produtivo em português – é um fenômeno de interface, uma vez que envolve informação fonológica, morfológica e sintática, além, obviamente, de informação de natureza semântica. Nosso objetivo geral é formalizar essa interação de modo a prover uma gramática não modular dos compostos, isto é, uma gramática por meio da qual podemos mostrar a interação de fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos. Para situarmos a relação fonologia – morfologia – sintaxe, necessitamos dispor de um arsenal teórico que permita algum grau de referência simultânea aos três componentes gramaticais supracitados. Nesse sentido, julgamos que a Teoria dos Constituintes Prosódicos (Nespor e Vogel, 1986; Selkirk, 1984 e 1986) e a Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky, 1993; McCarthy e Prince, 1993) são adequadas aos propósitos da tese que defendemos. Enquanto a primeira focaliza a fonologia em contextos menores e maiores que o morfema (como a palavra e o sintagma, nesse último caso), a segunda permite a postulação de restrições que fazem referência, ao mesmo tempo, à fonologia e a outros componentes da gramática. A partir desse referencial teórico e da análise de estudos anteriores sobre a composição (como Lee, 1995; Moreno, 1997; Vigário, 2003 e 2006, entre outros), buscaremos responder as seguintes perguntas, as quais traduzem nossos objetivos específicos: (1) no âmbito da hierarquia prosódica, em que medida uma sequência de palavras que forma um composto se distingue de uma sequência de palavras que forma um constituinte maior que o vocábulo? (2) tendo em vista a “não naturalidade” do composto na hierarquia prosódica, como formalizá-lo dentro dessa com um custo mínimo para a teoria? (3) como diferenciar composição e derivação? (4) do ponto de vista sintático, como diferenciar compostos e sintagmas? (5) na formalização dessa gramática dos compostos, quais restrições estão envolvidas? A hipótese que norteia nossa pesquisa é de que os compostos possuem estrutura própria que os diferencia de outras unidades – seja na fonologia (em que se estrutura como palavra prosódica recursiva) ou na sintaxe (em que se distingue do sintagma por violação a uma restrição de alinhamento) – e da palavra derivada (nesse caso, também pela atuação de uma restrição de alinhamento). A confirmação ou a rejeição dessas hipóteses deve revelar o mecanismo que subjaz à formação de palavras compostas no PB.

ABSTRACT

This dissertation seeks to demonstrate that compounding, a productive word formation process in Portuguese, is an interface phenomenon, since it involves phonological, morphological and syntactic information; besides, obviously, semantic factors. Our general goal is to formalize this interaction in order to provide a non modular grammar of compounds, that is, a grammar which can show the interaction of phonological, morphological and syntactic factors. In order to account for phonology-morphology-syntax relation, we need to make use of a theoretical background which allows some degree of simultaneous reference to the three grammatical components mentioned above. Then, in order to promote a dialog between phonology, morphology and syntax, we believe that Prosodic Phonology (Nespor and Vogel, 1986; Selkirk, 1984 and 1986) and Optimality Theory (Prince and Smolensky, 1993; McCarthy and Prince, 1993) fit our purpose. While the first focuses on phonology in contexts which are smaller and bigger than morphemes (like the word and the phrase, in this case), the latter allows postulating constraints which make reference, at the same time, to phonology and other components of the grammar. From this theoretical premises and from the analysis of previous studies on compounding (Villalva, 1992; Lee, 1995; Moreno 1997; Pepperkamp, 1997; Vigário, 2003 and 2006), we seek to answer the following questions, which are our specific objectives: (1) from the point of view of the prosodic hierarchy, to what extent a sequence of words that forms a compound is different from a sequence of words that forms a bigger domain? (2) considering the lack of naturalness of the compound within the prosodic hierarchy, how can it be formally integrated in this hierarchy with a minimal cost to the theory? (3) how can compounding and derivation be differentiated? (4) from a syntactic point of view, how can compounds and phrases be differentiated? (5) which constraints are involved in the formalization of the grammar of compounds? The hypothesis which guides our study is that compounds have their own structure that differentiates them from other units. From the phonological point of view compounding will be defined as recursive prosodic word; their difference from syntactic phrases will be expressed as a violation of an specific alignment constraint. Equally, their structural difference as compared with derived words will be shown to be consequence of misalignment. The confirmation or

rejection of these hypothesis points out the mechanism that underlies the formation of compounds in Brazilian Portuguese.

1 INTRODUÇÃO

No campo da morfologia, especificamente no que tange à formação de palavras, pode-se dizer que há um número considerável de trabalhos que se debruçam sobre a prefixação e a sufixação. Contudo, ainda são poucos os estudos que têm como foco principal a composição. Tal lacuna talvez se explique pelo fato de que a composição se apresenta como um fenômeno pouco homogêneo, ou seja, pelo fato de que a formação de palavras compostas seja um fenômeno que envolve aspectos dos diferentes componentes da gramática (morfologia, fonologia, sintaxe e semântica). Decorre daí que a composição ou se restringe a um tópico secundário no estudo da formação de palavras, ou é abordada de modo compartimentado nos poucos estudos que a ela fazem referência. Por “compartimentado”, queremos dizer que, na maioria das vezes, o estudo dos compostos é levado a cabo a partir de um dos componentes gramaticais sem, contudo, explorar as áreas fronteiriças de tal nível com os outros.

Esse parece ser um aspecto pouco explorado na formação de palavras compostas. Ainda que não exista isomorfismo completo entre as categorias fonológica, morfológica, sintática e semântica, na composição estas categorias se cruzam em determinados momentos, conferindo a esse tipo de formação de palavras um caráter próprio dos fenômenos de interface. Sendo assim, a pergunta que se coloca é *num fenômeno em que estas quatro categorias interagem, como poderíamos traduzir em termos formais esta interação?*

Essa sempre pareceu uma questão potencial nos estudos linguísticos. No entanto, até pouco tempo, enquanto se concebia uma gramática baseada em regras e de cunho serial, pouco se esperava da interação entre as quatro categorias. Ainda que a Fonologia Lexical representasse uma alternativa à interação entre fonologia - morfologia - sintaxe, percebia-se a delimitação das regras específicas de cada componente. Entretanto, com a chegada da Teoria da Otimidade, com um novo desenho de gramática, abriu-se a possibilidade de se repensar a questão da interação entre os seus componentes. Nesse aspecto, a gramática não é mais tratada modularmente, de forma compartimentada, e sim via restrições que podem traduzir informações dos seus diferentes componentes, e que conspiram a fim de eleger como ótimo um determinado alvo. A partir dessa

mudança na concepção de gramática, vislumbra-se uma nova perspectiva no estudo da composição.

Em nosso estudo, pretendemos abordar a problemática das fronteiras de interação na composição em dados do português brasileiro (PB), promovendo justamente tal interação entre os componentes da gramática. Partiremos da fonologia, seguindo os pressupostos da Teoria dos Constituintes Prosódicos (Nespor e Vogel, 1986 e Selkirk, 1984 e 1986). A partir da análise fonológica, buscaremos o entendimento da relação da fonologia com a morfologia, de um lado, e da fonologia com a sintaxe, de outro, a fim de compreendermos o funcionamento dos compostos do PB. Esclarecemos que questões de ordem semântica serão devidamente apontadas quando houver necessidade, mas não constituirão alvo em nossa pesquisa.

Nessa dinâmica, em que buscamos a construção de uma gramática em que os componentes estejam em interação, pretendemos responder às seguintes perguntas:

(1) Em que medida uma sequência de palavras se configura como um composto, em vez de se configurar como uma unidade maior que a palavra (entre a frase fonológica até o enunciado), dentro da hierarquia prosódica?

(2) Uma vez que o composto não está previsto em nenhum modelo de hierarquia prosódica, como adequá-lo dentro de uma hierarquia? Há algum custo na inclusão do composto na hierarquia prosódica?

(3) Sabendo-se que a composição é um processo de formação de palavras, em que medida esse processo se diferencia da derivação?

(4) Do ponto de vista da sintaxe, como diferenciar uma sequência de palavras que formam compostos de sequências de palavras que formam sintagmas?

Cada uma desses problemas faz referência a um dos componentes gramaticais envolvidos na composição.

As perguntas (1) e (2) estão situadas no campo da fonologia e dizem respeito à adequação do tratamento do composto dentro da Teoria dos Constituintes Prosódicos. A primeira pergunta sinaliza que devemos situar o composto num universo mais próximo ao da palavra e mais distante daquele das unidades maiores. A segunda pergunta diz respeito a como estabelecer esse lugar para o composto dentro da hierarquia prosódica. Fica claro que estabelecer um lugar para a composição na hierarquia não pode envolver sobrecarga na Teoria. Assim, devemos avaliar se a inclusão da suposta categoria “composto fonológico” (ou categoria equivalente, como a estabelecida por Vigário 2006) é universalmente sustentável, isto é, se tal categoria é verificável nas línguas de

modo geral, e também se a sua criação não poderia ser suplantada pela adoção de dispositivos mais genéricos que possam dar conta de certas lacunas no inventário de categorias prosódicas, como a violabilidade de princípios reguladores da hierarquia.

A questão (3) trata de um problema de morfologia que diz respeito à distinção entre diferentes processos de formação de palavras. Como será explicitado no devido momento, compostos e certos tipos de derivados partilham a característica de apresentar dois acentos. A partir disso, é nossa tarefa formalizar essa marcante interação entre a morfologia e a fonologia e encontrar o limite entre a composição e a derivação.

Por fim, a questão (4) busca a diferenciação entre compostos e frases sob a perspectiva sintática. Nesse sentido, buscamos entender como o composto se comporta enquanto unidade sintática. Assim, buscamos demonstrar que, no processo de composição, certos elementos perdem valor enquanto átomo sintático. Com isso, enquanto sequências de palavras formando sintagma preservam o valor de átomo sintático, seus elementos, na composição, podem perder a atomicidade sintática - ainda que preservando seu estatuto fonológico. Será através do pareamento fonologia – sintaxe, como veremos mais adiante, que vamos buscar explicitar o estatuto sintático dos compostos.

Essas perguntas, como já apontamos, deverão ser respondidas levando em conta uma gramática em que os componentes fonológico, morfológico e sintático interagem. Para que isso aconteça, adotaremos também como pressuposto teórico a Teoria da Otimidade, que é capaz de conjugar a um só tempo, por meio de restrições violáveis, os diferentes componentes da gramática. Por conseguinte, é necessário perguntar

(5) Quais restrições estão envolvidas na formação dos compostos? Estas restrições são capazes de prover melhor tratamento à composição do que o faziam as análises seriais?

A resposta a essas cinco perguntas nos revelará o mecanismo dos compostos produtivos em PB. De acordo com Aronoff (1976, p. 35), embora muitas coisas sejam possíveis em morfologia, algumas são mais possíveis do que outras.¹ Nesse sentido, estamos lidando, também em alguma medida, com a noção de produtividade, uma vez que nossa análise buscará demonstrar como os padrões composicionais vigentes na língua se organizam.

Estabelecidos nossos objetivos, seguiremos o seguinte percurso

¹ “Though many things are possible in morphology, some are more possible than others.”

O capítulo 2 será dedicado às teorias que conduzirão nossa análise. Para isso, apresentaremos os pressupostos teóricos da Teoria dos Constituintes Prosódicos (Nespor e Vogel, 1986), bem como da Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky, 1993; McCarthy e Prince, 1993), buscando justificar sua utilização para o exame de nossos problemas. No âmbito da primeira teoria, demonstraremos como se organiza a hierarquia prosódica e destacaremos quais são os componentes e os princípios necessários para o estudo dos compostos. Ao apresentarmos a Teoria da Otimidade, discutiremos a possibilidade de tratar a composição pelo viés de uma gramática que apresente maior interação entre seus componentes. Nesse aspecto, apontaremos as vantagens desta teoria, bem como o lugar dos fenômenos de formação de palavra neste terreno.

No capítulo 3, faremos um apanhado de alguns estudos sobre composição. Serão contemplados estudos sobre o PB (Lee, 1995, 1997; Moreno, 1997, 2002), sobre o português europeu (PE), conforme Villalva (2002) e Vigário (1999, 2003), além de um estudo sobre o italiano (Peperkamp, 1997). Tais estudos apontam tendências sob as quais o estudo da composição vem sendo empreendido e também nos oferecem *insights* sobre como manejar nossos problemas.

No capítulo 4, que será dividido em três seções, exploraremos mais de perto as configurações de compostos possíveis no PB. Essas configurações serão analisadas do ponto de vista da fonologia, da morfologia e da sintaxe e, em certa medida, da semântica. Em cada uma das seções, o leitor encontrará a definição dos tipos de palavra utilizados no exame da composição (a palavra fonológica, a palavra morfológica e a palavra sintática), bem como uma lista de fenômenos que auxiliam no seu diagnóstico. Esse capítulo constitui a parte eminentemente descritiva de nossa análise.

No capítulo 5, confrontaremos os problemas relacionados ao estudo da composição. Serão contemplados tanto os problemas intracomponentes quanto o encaixe do composto na hierarquia prosódica e, ainda, os problemas advindos da interação entre os componentes envolvidos na análise. Nesse ponto, será explorada a questão da falta de isomorfismo entre fonologia, morfologia e sintaxe na composição.

Por fim, no capítulo 6, reuniremos as alternativas que propusemos para lidar com os problemas levantados em nossa pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Tendo em vista o caráter híbrido do composto em português, necessitamos de uma abordagem que olhe para as categorias prosódica, morfológica e sintática paralelamente. Pensamos que duas teorias são as mais adequadas para atingirmos nosso objetivo: a Teoria dos Constituintes Prosódicos e a Teoria da Otimidade. A primeira constitui uma teoria de representação que nos fornecerá subsídios para o entendimento de como as categorias interagem. A Teoria da Otimidade, por seu turno, possibilitará a formalização adequada da gramática dos compostos, uma vez que rompe com a ideia de separação entre os componentes fonológico, morfológico e sintático, viabilizando uma formalização em que essas três esferas interagem paralelamente. Resta saber como estas duas teorias podem produzir restrições e rankings adequados para a resolução do problema.

2.1 A TEORIA DOS CONSTITUINTES PROSÓDICOS

A Teoria dos Constituintes Prosódicos, ou Fonologia Prosódica, tem importância em nosso trabalho uma vez que estabelece domínios de atuação de regras fonológicas. Esses domínios são representados pelos constituintes prosódicos, que, na versão de Nespor e Vogel (1986) são o enunciado (U), a frase entonacional (I), a frase fonológica (PP ou ϕ), o grupo clítico (CG), a palavra fonológica (PW ou ω), o pé (Ft ou Σ) e a sílaba (σ)².

Uma vez que investigaremos a interação da fonologia com a morfologia e sintaxe na formação dos compostos, nos interessam, mais especificamente, a frase fonológica, o grupo clítico, a palavra fonológica e a sílaba.

A **frase fonológica** congrega um ou mais grupos clíticos. Vale lembrar que não existe correspondência necessária entre frase fonológica e frase sintática, ainda que essas duas categorias, eventualmente, possam vir a coincidir. Podemos apontar a

² Estabelecemos, em nosso trabalho, que a simbologia representada pelos caracteres gregos será adotada nas representações (árvores e acolchetamentos) e que as abreviaturas serão utilizadas para retomadas, no corpo do texto, e na formalização de restrições. Seguiremos, no entanto, a padronização de autores citados em caso de tomarmos emprestados seus exemplos.

degeminação como regra que se aplica neste domínio prosódico, reestruturando palavras prosódicas e grupo clítico. O exemplo é de Bisol (1996, p. 238), extraído de dados do Projeto NURC.

(1)

[frutas]ϕ [que eu]ϕ [nunca havia visto]ϕ

[nuncavia visto]ϕ

Essa regra provoca desalinhamento de fronteiras de elementos, que se reestruturam sob um acento principal. Nesse caso, material proveniente de mais de um elemento terminal de uma árvore sintática se reestrutura sob um único acento. Temos, aqui, portanto, uma primeira instância de não isomorfismo entre categorias.

O **grupo clítico** é a unidade intermediária entre a frase fonológica e a palavra fonológica. Levando-se em conta que a palavra fonológica, constituinte imediatamente abaixo do grupo clítico, não pode ter mais de um acento, então a ela podem juntar-se os clíticos, que são elementos fracos. Booij e Lieber (1993) apontam que os clíticos constituem exemplo clássico de ausência de isomorfismo entre as categorias prosódica e morfossintática. Existem duas espécies de clíticos: os que se juntam à palavra de conteúdo, constituindo uma única palavra fonológica, e aqueles que apresentam comportamento independente em relação a ela.

Booij e Lieber (1993, p. 37) ilustram os clíticos dependentes com o pronome clítico *ie* do holandês, que é sintaticamente equivalente à contraparte acentuada *hij* “ele”. O pronome *ie* se funde prosodicamente ao hospedeiro, que lhe dá suporte:

(2)

(a) Komt hij? / Komt ie? (“ele vem?”)

(kom)σ (tie)σ

(b) Dat hij komt / Dat ie komt (“que ele vem”)

(da)σ (tie)σ

(c) Wat hij doet / Wat ie doet (“que ele faz”)

(wa)σ (tie)σ

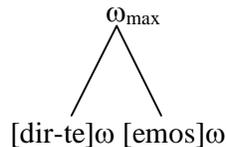
O que se observa, nos exemplos dos autores, é que o pronome *ie*, por não ser acentuado, se incorpora ao hospedeiro, junto do qual se ressilabifica, como se ambos formassem uma única palavra prosódica. Nesse caso, o não isomorfismo entre fonologia

e gramática se apresenta porque as duas categorias morfossintáticas, clítico e hospedeiro, passam a constituir uma única palavra prosódica, o que se verifica pela ressilabificação da coda *t*, de *komt*, *dat* e *wat*, como onset da sílaba *tie*, que abarca o clítico, nos três casos. Os mesmos fatos não são observados com relação ao pronome *hij*, que se mantém independente do hospedeiro.

No universo dos clíticos do português, podemos citar exemplo de Vigário (2003). Em sua análise do PE, a autora aponta para o comportamento de formações mesoclíticas cujos clíticos apresentam comportamento misto em relação à prosodização; isto é, o clítico interno, elemento fraco, se incorpora ao hospedeiro, formando com ele uma única palavra prosódica, e o clítico externo, por si só, forma palavra prosódica independente. O resultado é uma palavra prosódica máxima (ω_{\max}), designação que Vigário atribui à palavra prosódica recursiva, conforme veremos adiante.

(3)

dir-te-emos



A **palavra fonológica**, por sua vez, é um constituinte n-ário que possui maximamente um acento primário. É importante ressaltar que a palavra fonológica não tem correspondência em termos de um para um com a palavra morfológica.

Um exemplo de regra que tem como domínio a palavra fonológica no português é a harmonia vocálica, que consiste na assimilação do traço alto da vogal tônica pela vogal pretônica:

(4)

[menino]omega > m[i]nino

A regra da harmonia vocálica não se aplica, por exemplo, entre duas palavras prosódicas:

(5)

[fazer]omega [isso]omega > *faz[i]r isso

Entre palavras prosódicas contiguas, o levantamento da átona, quando verificado (6a), se deve ao fenômeno de neutralização da átona final. Isso se comprova pela sua ocorrência garantida em posição final absoluta (6b); ou seja, contexto em que não encontra um gatilho de onde possa assimilar o traço alto.

(6)

(a) [sempre]ω [tímido]ω > sempr[i] tímido

(b) [sempre]ω ___ > sempr[i]

Uma regra que tem como domínio a palavra prosódica e permite diferenciar os compostos é a silabação, conforme apontada por Nespor e Vogel (1986, p. 137), para o holandês. Nos exemplos abaixo, temos um par de radicais cujos elementos de fronteira são *d s p*.

(7)

(a) [[lood]σ [spet]σ]ω (“gota de chumbo”)

(b) [[loods]σ]ω [[pet]σ]ω (“quepe do capitão”)

De acordo com o Princípio de Onset Máximo³, a silabação prevê a distribuição *d* – *sp*. Enquanto no primeiro exemplo observamos esse padrão, em consequência da ressilabação, no segundo exemplo os dois radicais se comportam como dois diferentes domínios de aplicação de silabação, com *ds* na coda da primeira sílaba e *p* no onset da sílaba subsequente. Essa disposição nos aponta a existência de duas palavras prosódicas independentes formando um composto.

Por fim, vejamos a **sílaba**. Esta categoria figura como a menor unidade na hierarquia prosódica a qual estamos assumindo. Para efeitos de esclarecimento, vale lembrar que algumas versões da hierarquia prosódica (como a de Selkirk, 1982) levam em conta a mora como menor categoria, por essa desempenhar importante papel como domínio de atribuição do acento. Discute-se em Nespor e Vogel (1986) se é mesmo a sílaba ou a rima (parte da sílaba que carrega o peso silábico) que é o domínio da

³ “Maximal Onset Principle” (Selkirk, 1978, Vogel, 1977, e outros). Esse princípio define que consoantes intervocálicas sejam maximamente silabificadas como onset (de acordo com a classificação das consoantes na escala de sonoridade e com os padrões silábicos específicos de cada língua). É nesse sentido que, em havendo a sequência *d s p* em holandês, a preferência é que *sp* se concentrem no onset, em vez de apenas *p*.

atribuição do acento e do tom. As autoras, no entanto, argumentam que, ainda que seja a rima que desempenha o papel principal em eventos acentuais e tonais, essa não serve de domínio para regras segmentais, mas, sim, a sílaba como um todo.

A sílaba tem por cabeça a vogal, elemento de maior sonoridade, e seus dominados são as consoantes e/ou glides que ocupam o onset e a coda.

O domínio da sílaba serve para diagnosticar a palavra prosódica. No holandês, conforme apontado por Nespor e Vogel (1986, p. 66), sequências de nasal mais obstruinte são ressilabificadas em fronteiras de radical mais sufixos flexionais e/ou sufixos derivacionais de classe I (não neutros), conforme (8a). A mesma sequência, no entanto, não sofre ressilabificação em limite de radical mais prefixo e/ou sufixos de classe II (neutros) e em fronteira interna de compostos, conforme (8b).

(8)

(a) lamp-en → [lam]σ [pen]σ (“lâmpadas”)

(b) lamp arm → [lamp]σ [arm]σ (“parte de uma lâmpada”)

Nesse ponto, é importante notar que, em PB, existem alguns afixos que se comportam como sílabas e outros que se comportam como palavras prosódicas independentes, uma vez que carregam acento de palavra. Isso tem como consequência a existência de palavras derivadas que apresentam estatuto prosódico de palavras compostas, como veremos mais adiante, nesse trabalho.

É possível observar, então, que o domínio de cada constituinte é derivado a partir de informações de diferentes tipos. Estas informações podem ser fonológicas e não fonológicas, ou seja, além de contar com informações fonológicas propriamente ditas, os domínios também são derivados a partir de informações sintáticas e morfológicas. Entretanto, tendo os constituintes fonológico, morfológico e sintático cada um suas regras e princípios próprios, não há nada que garanta isomorfismo entre constituinte prosódico e outras áreas da gramática. A principal diferença entre constituinte prosódico e constituinte sintático é a recursividade, que atua no componente sintático, pois este tem a propriedade de gerar um número infinito de frases através de um número finito de regras, mas que não atua necessariamente no constituinte prosódico, que conta com informação do sistema fonológico que é finito. Esta premissa, entretanto, é ponto nevrálgico em nosso estudo. Por ora, contudo, apenas sinalizamos que tal ponto será devidamente discutido nos capítulos que se seguirão.

Como já foi mencionado há pouco, existem outras versões da hierarquia prosódica. Em algumas dessas versões, o elenco de constituintes se modifica. Além da mora, outro constituinte cuja necessidade de existência já foi muito questionada é o grupo clítico. O principal ponto de apoio contra a existência desse constituinte é a falta de generalidade de seu comportamento. Isso se dá tanto da perspectiva de língua para língua, do ponto de vista da relação que estabelece com outros componentes da hierarquia (ora se ligando à frase entonacional, ora à frase fonológica), quanto da perspectiva do seu comportamento dentro de uma mesma língua (a assimetria verificada na relação que enclíticos e proclíticos estabelecem com seus hospedeiros, ora se adjungindo, ora se incorporando).

Na proposta mais recente, Vigário (2006) lança o chamado grupo de palavra prosódica (PWG) que, se, de um lado, elimina o nível que é exclusivo do grupo clítico, de outro, contempla este componente num grupo que o reúne com a palavra e o composto. A proposta de Vigário (2006) é motivada pela necessidade de reintegração do grupo clítico na hierarquia prosódica. De acordo com a autora, a eliminação desse componente da hierarquia prosódica diluiu a diferença entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica, no sentido de que a primeira é recursiva, ao contrário da última. Isso teve como consequência, de acordo com Vigário, o enfraquecimento da generalização, segundo a qual uma palavra prosódica apresenta maximamente um acento principal de palavra. A alternativa, segundo a autora, foi reestabelecer o grupo clítico, dentro do novo componente, que abriga esse mesmo grupo, além dos compostos dotados de dois acentos e da palavra prosódica regular. O problema é que, dessa vez, esse grupo dilui a generalização de que a palavra possui um único acento.

É importante lembrar também que a organização da hierarquia prosódica é regulada por princípios. Estes princípios, que são universais, estão integrados numa hipótese denominada *Strict Layer Hypothesis* - SLH - (Nespor e Vogel, 1986). Segundo Vogel (2009) é o princípio de SLH chamado dominância estrita (*Strict Dominance*) que tem deixado os maiores desafios à manutenção da geometria original da hierarquia prosódica. Segundo o princípio da dominância estrita, um dado constituinte da hierarquia prosódica só pode dominar uma categoria do nível imediatamente inferior ao seu. Assim, uma categoria C pode dominar apenas uma categoria C-1. A partir dessa premissa, se rejeitam todas as categorias formadas recursivamente ou que incorram pulos de níveis, além daquelas em que C domina categorias supostamente mais altas (C+1, no caso). Tais proibições previstas pelo princípio de dominação estrita, no

entanto, são ignoradas em algumas línguas, que apresentam estruturas recursivas, por exemplo, ou em outras que demonstram elementos que supostamente pulam níveis da hierarquia. Nesse sentido, questiona-se, dentro da teoria, a rigidez de tais princípios e sua validade universal.

Como se vê, a constituição da hierarquia vem sendo matéria de debate. Em nosso estudo, pretendemos continuar a debater essa matéria, que não parece estar ainda de todo assentada.

2.1.1 STRICT LAYER HYPOTHESIS

O termo *Strict Layer Hypothesis* foi cunhado em Selkirk (1984). Nessa obra (1984, p. 26), ao descrever o conteúdo da hierarquia prosódica, a autora observa que as categorias são hierarquicamente organizadas e que uma categoria de nível C domina imediatamente uma sequência de categorias C-1. Essa ideia já provém de trabalho anterior, a saber, Selkirk (1981), quando a autora analisa as possíveis tipologias de pé com relação ao acento em inglês. Vejamos as três tipologias que traz a autora (Selkirk, 1981, p.383).

(9)

(i) F = [[CVC]s] ou [[CV:]s] pés monossilábicos, ambos fortes

(ii) F = [[S]s [CV(C)]w] pé dissilábico

(iii) F = [[[S]s [CV]w]s [CV(C)]w] pé trissilábico

Na representação acima, S responde por uma sílaba que pode ser do tipo CV, CV: ou CVC. De tal representação, nos interessa, aqui, (i).

Segundo Selkirk, o diagnóstico do acento segue da sua constituição em um pé. Assim, em pés monossilábicos, a sílaba única é considerada acentuada. Dito diferentemente, a sílaba é acentuada se pertence a um pé. Se essa sílaba única é considerada forte, conforme a autora, é porque há um princípio regulador que determina que uma categoria prosódica exhaustivamente dominada por outra é sempre interpretada como forte dentro daquela (Selkirk, 1981, p. 383).

Tal ideia de organização da estrutura prosódica é assumida em Selkirk (1984) e desenvolvida no trabalho de 1986, quando a autora formaliza as quatro propriedades definidoras da estrutura prosódica. Vejamos o que diz a autora (Selkirk, 1986, p.384).

(10)

“Properties of prosodic structure

- (a) It consists of prosodic (phonological) categories of different types, e.g. syllable, foot, prosodic word, phonological phrase, intonational phrase, utterance.
- (b) For any prosodic category, the sentence is exhaustively parsed into a sequence of such categories.
- (c) The prosodic categories are ordered in a hierarchy (in the order given above), and in phonological representation they are strictly organized into layers according to that hierarchy (cf. the Strict Layer Hypothesis- Selkirk 1984), i.e. prosodic constituents of a same category are not nested.
- (d) The hierarchical arrangement of prosodic categories forms a well-formed bracketing.”⁴

Dessa formalização, nos interessam, aqui, as alíneas (b) e (c), as quais respondem por exaustividade e não-recursividade, respectivamente. A alínea (b) prevê que uma dada sentença é exaustivamente escandida em sequências das categorias mencionadas em (a), repetindo, sílaba, pé, palavra prosódica, frase fonológica, frase entonacional e enunciado. A alínea (c) prevê que as categorias prosódicas estão ordenadas hierarquicamente em domínios, de modo que constituintes da mesma categoria não são agrupados dentro de si mesmos. Essas duas alíneas estão também representadas na descrição da representação fonológica em Nespor e Vogel (1986), descrição esta constituída de quatro princípios, dos quais nos interessam o Princípio 1 e o Princípio 2 (Nespor e Vogel, 1986, p.7).

(11)

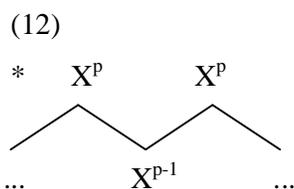
“Principle 1: a given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^P , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{P-1} .”

⁴ “Propriedades da estrutura prosódica: (a) Consiste de categorias prosódicas (fonológicas) de diferentes tipos, por exemplo, sílaba, pé, palavra prosódica, frase fonológica, frase entonacional, enunciado. (b) Para uma dada categoria prosódica, a sentença é exaustivamente escandida numa sequência de tais categorias. (c) As categorias prosódicas são ordenadas em uma hierarquia (na ordem dada acima) e, na representação fonológica, elas são estritamente organizadas em níveis de acordo com essa hierarquia (cf. the Strict Layer Hypothesis – Selkirk, 1984), i.e., constituintes prosódicos da mesma categoria não são agrupados. (d) A hierarquização das categorias prosódicas gera uma representação bem formada.” (tradução nossa)

Principle 2: a unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.”⁵

As autoras, seguindo Selkirk (1984), assumem o termo *Strict Layer Hypothesis* para o conjunto dos princípios 1 e 2 em seu trabalho.

Exemplifiquemos, então, a SLH. De acordo com a análise de Nespôr e Vogel (1986, p.104) a respeito das relações de proeminência, não é possível admitir que pés e sílabas sejam agrupados em relação de irmandade, dentro da palavra prosódica. Segundo as autoras, a SLH regula a formação da hierarquia, exigindo que todas as sílabas sejam agrupadas em pés, primeiramente, para, somente depois, serem agrupadas na palavra prosódica (seguindo o Princípio 1). Com relação ao Princípio 2, Nespôr e Vogel apontam, por exemplo, que todos os pés de uma dada sequência devem ser agrupados em palavras prosódicas. O princípio 2 requer filiação, mas vai além disso. A filiação é regulada de modo que cada pé, por exemplo, seja incluído em uma palavra prosódica, mas nunca partes de um mesmo pé pertençam a diferentes palavras prosódicas. O princípio de exaustividade requer que o elemento dominante esteja numa relação de um para vários com o elemento de baixo, mas nunca o contrário. Assim, uma frase entonacional contém exaustivamente uma ou mais frases fonológicas (cada qual em sua totalidade). Também a palavra prosódica contém um ou vários pés, mas um pé está exaustivamente contido em uma única palavra. Exaustividade também pede, então, que uma dada unidade de certa categoria esteja contida em sua totalidade numa mesma unidade de categoria mais alta, não havendo partilhamento de unidades, de acordo com a representação em (10) adaptada de Nespôr e Vogel (1986, p. 8).



A SLH também regula a definição da palavra prosódica. Por exemplo, prefixos acentuados terminados em vogal e que não formam um mesmo domínio com seu radical, mas com este estabelecem relação de irmandade, devem ser considerados

⁵ “Princípio 1: uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X^p, é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X^{p-1}.”

Princípio 2: uma unidade de um dado nível da hierarquia prosódica é exaustivamente contida na unidade imediatamente superordenada, da qual faz parte.” (tradução nossa)

palavras prosódicas independentes. No sentido de que o princípio de não recursividade prevê que uma categoria prosódica não deve ser dominada por um nó da mesma categoria, este prefixo acentuado se relaciona horizontalmente com o radical a que está anexado, pois ambos são palavras prosódicas que devem ser dominadas por um nó da categoria imediatamente mais alta, a frase fonológica. Considerando, então, que mesmo alguns prefixos podem ser considerados palavras prosódicas, desde que estejam em relação de irmandade com outras unidades acentuadas, a palavra prosódica passa a ser definida como qualquer unidade que porte no máximo um acento. Se dada unidade parece portar dois acentos, certamente tais acentos não estão sob um mesmo nó de palavra prosódica, mas são nós de palavra prosódica em relação de irmandade.

Como veremos mais adiante, Selkirk (1995) desmembra os dois princípios de SLH em quatro restrições violáveis, as quais agrupa sob o nome de Restrições de Dominância Prosódica. As restrições *Layeredness*, *Headedness*, *Exhaustivity* e *Non-Recursivity*, propostas pela autora, respondem por fatores de boa formação da hierarquia, tal como o ordenamento de domínios mais altos sobre os mais baixos, e vice-versa (*Layeredness* e *Headedness*), a proibição a pulo de níveis (*Exhaustivity*) e a restrição a recursividade de categorias (*Nonrecursivity*). Essa nova perspectiva, segundo a qual princípios de boa formação passam a desempenhar papel de restrições violáveis, é de fundamental importância em nossa análise.

2.2 A TEORIA DA OTIMIDADE

A utilização da Teoria da Otimidade enquanto pressuposto teórico decorre da nossa concepção de que a gramática apresenta interatividade entre seus componentes, não sendo, portanto, um objeto estático e compartimentado. É essa ideia que nos leva a pensar a composição, processo de formação de palavra em que interagem fonologia, morfologia e sintaxe, como um fenômeno de interface.

A Teoria da Otimidade (TO) surgiu na década de 90, como consequência dos esforços para um "enxugamento" das teorias gerativas, pois determina, para a escolha do *output*, a eliminação de todas as regras em prol de uma abordagem totalmente baseada em restrições. Nesse sentido, a teoria não dispõe de regras seriadas, que atuam uma após a outra, as quais determinam como deve ser a forma de output. Diferentemente, o output é visto como resultado da interação de restrições de boa-

formação que operam paralelamente. Este paralelismo significa que as restrições atuam sem que haja outputs intermediários; existe apenas o output final, que é determinado pelo modo como estas restrições interagem. Nesse caso, as restrições são ranqueadas umas em relação às outras, e aquelas que estão no topo do ranking irão definir o output, ou *candidato ótimo*. Assim, a Teoria da Otimidade é um modelo que manipula apenas restrições e dispensa níveis intermediários entre a forma subjacente e o output, apresentando-se como um modelo que busca eliminar a maquinaria constituída por regras, restrições, filtros e níveis, presentes nos modelos anteriores.

Kager (1999), por exemplo, analisa a síncope de vogais no tepehuan do sudeste por meio da interação entre restrições e chega a um resultado satisfatório dispensando a necessidade de apelar para níveis. Nesse caso, a síncope é vista como resultado de uma pressão resultante de condições de boa formação: a queda da vogal do input é consequência da necessidade de se alcançar um parse ótimo. Pela teoria baseada em regras, a síncope no tepehuan do sudeste seria o resultado da aplicação seriada dos seguintes processos: silabação, atribuição de pés, atribuição de acento e, por fim, síncope.

A arquitetura básica do modelo, então, é constituída de uma forma subjacente, o **input**, um **conjunto de restrições** organizadas em um **ranking**, um grupo de **candidatos** e, dentre estes, uma forma de superfície, ou **candidato ótimo**.

Uma definição de restrição está em Kager (1999). O autor define restrição como “uma exigência estrutural que pode ser satisfeita ou violada por uma forma de output”. Assim, diferentemente de regras, que devem ser obedecidas, restrições são passíveis de violação. Cada restrição individual irá avaliar um aspecto específico do candidato à forma de superfície. Esses aspectos podem ser avaliados a partir de critérios de boa-formação ou a partir de critérios de semelhança entre input e output. No primeiro caso, as restrições responsáveis pela avaliação são as restrições de marcação, que banem estruturas mais marcadas na língua. Exemplos de restrições de marcação são NoCoda, que proíbe sílabas de apresentarem coda, ou OCP⁶, que proíbe segmentos idênticos adjacentes. Já as restrições que buscam captar semelhanças entre input e output são chamadas de restrições de fidelidade. Estas, por sua vez, militam pela correspondência de traços ou de segmentos entre input e output. Temos, nesse grupo, MAX e DEP. Restrições que banem apagamento, no output, de elementos do input são as do grupo

⁶ “Obligatory Contour Principle” (Leben, 1973; Goldsmith, 1976; McCarthy, 1986).

MAX (*Maximality*), e as que banem inserção, no output, de elementos não existentes no input são as do grupo DEP (*Dependence*). Há, também, dentre as restrições de fidelidade, as restrições do tipo IDENT (*Identity*), que exigem que traços do input e do output sejam idênticos para um determinado segmento. Como exemplo de restrição desse grupo, podemos destacar IDENT(voice), que milita pela especificação de um segmento como vozeado ou como desvozeado no input e no output.

Assim, enquanto as restrições de fidelidade olham para input e output simultaneamente, as restrições de marcação olham apenas para a forma de superfície. Nesse aspecto, as restrições de marcação são responsáveis por eleger como candidato ótimo aquele com características menos marcadas na língua, independentemente das características do input. As restrições de fidelidade, por sua vez, cumprem duas funções específicas. A primeira delas é garantir que o inventário linguístico não se limite aos itens não marcados na língua e, assim, preservando formas, diversifique os contrastes lexicais. A outra função das restrições de fidelidade, sob o ponto de vista morfológico, é garantir a não discrepância na forma de realizações contextuais de um mesmo morfema. No âmbito da arquitetura da TO, o componente **CON** (*Constraints*) é aquele que contém o conjunto universal de restrições.

As restrições são, desse modo, universais, pois fazem parte da Gramática Universal. Nesse sentido, estão presentes em todas as línguas naturais. No entanto, deve-se observar que nem todas as restrições são, de fato, atuantes em todas as línguas. Enquanto algumas restrições são ativas, outras são relativamente atuantes ou até mesmo completamente inativas, dependendo da língua em questão. É essa assimetria no papel desempenhado por cada restrição que confere a diferença entre as gramáticas de línguas particulares.

Assim, a gramática de uma língua se define, primeiramente, pelas restrições atuantes nessa língua e, mais importante, pela relação que se estabelece entre essas restrições e as restrições menos ativas. Lembramos, aqui, que uma das diferenças entre a TO e a teoria baseada em regras é que a TO se caracteriza pela violabilidade das restrições. Há que se ressaltar, contudo, que a violabilidade de uma restrição deve ser mínima e que, portanto, só se justifica uma violação em nome da satisfação a outra restrição. Com isso, se evidencia que as restrições se organizam hierarquicamente e é essa hierarquia, ou ranking, que vai definir o que é a gramática de uma língua particular.

O ranking, que eleger o candidato ótimo, é função do componente **EVAL** (*Evaluator*) na arquitetura da TO. Este ranking avalia o conjunto de candidatos e eleger,

dentre estes, o candidato ótimo, que é aquele que satisfaz as restrições mais altamente ranqueadas ou que incorre em menor número de violações.

Vejamos um exemplo de competição entre candidatos e ranqueamento entre restrições.

(13)

Epêntese Vocálica no PB

/advogado/	*ObstrCoda	Dep I-O
a. [ad.vo.ga.do.]	*	
☞ b. [a.di.vo.ga.do.]		*

O fenômeno em jogo é o da epêntese vocálica, que serve de recurso para evitar segmentos obstruintes em coda, não licenciados em PB. Há duas forças conflitantes, presentes nas restrições. A restrição de marcação *ObstrCoda é responsável por banir consoantes obstruintes em coda, configuração marcada em PB, que aceita alguns tipos de elementos em coda silábica, exceto as obstruintes. Um recurso válido para desfazer a coda é a inserção do elemento vocálico, que promove a ressilabação da consoante, que passa a onset silábico, conforme verificado no candidato (b). No entanto, Dep I-O, enquanto restrição de fidelidade que bane inserção, no output, de elementos não presentes no input, assinala uma violação a esse candidato. Como os dois candidatos empatam em número de violações, o que define a forma de output é puramente o modo como as restrições estão dispostas em termos de hierarquia. Assim, o ranqueamento *ObstrCoda >> Dep I-O é que faz emergir o candidato (b), com epêntese, mas o ordenamento Dep I-O >> *ObstrCoda também seria possível, originando, como forma de output, o candidato (a), com a consoante obstruinte na coda.

Fica claro, nesse exemplo, que o ranking em TO não apenas dá conta das diferenças entre línguas particulares, mas, também pode captar diferenças dentro de uma mesma língua. É caso dos rankings acima, que correspondem à realização da epêntese vocálica no PB – que pode variar conforme a região geográfica e a escolaridade do falante. Essa aplicação da TO no que diz respeito à variação intralinguística, contudo, não será explorada nesta exposição.

Os candidatos avaliados pelo ranking são gerados por **GEN** (*Generator*), que é o gerador universal de candidatos a output. De acordo com McCarthy (2002), em consequência dessa universalidade, os candidatos gerados por GEN são os mesmos em

todas as línguas. GEN deve prover candidatos suficientemente para dar conta da diversidade das línguas. McCarthy (2002, p. 8) aponta, por exemplo, a resolução de clusters consonantais do tipo /br/, que podem se silabificar como [br.], no caso do inglês “alge.bra”, ou [b.r], como no árabe “jab.ri”. Essa propriedade de poder gerar uma grande diversidade de candidatos para um dado input é chamada de **Liberdade de Análise** ou de Inclusividade. A única restrição a essa liberdade é que todos os candidatos apresentem características estruturais da representação linguística, ou seja, estrutura fonológica (segmental ou prosódica, como traço, sílaba, mora, etc), morfológica (raiz, afixos, etc.) ou sintática (estrutura X-barra). Além disso, GEN é, de certa forma, estreitamente relacionado com o input, pois os candidatos por ele gerados refletem alguma característica da forma subjacente. Nesse aspecto, o que os candidatos carregam de semelhante e de diferente em relação ao input será avaliado pelas restrições de fidelidade.

Tal interdependência entre input e output também é verificada no princípio chamado **Riqueza da Base**. Assim como existe a liberdade de análise sobre os candidatos a output, há também que se considerar que não há restrições sobre o input. O conjunto de inputs possíveis é o mesmo no universo das línguas naturais. Toda diferença verificável entre línguas particulares se deve exclusivamente ao ranking de restrições, não havendo característica alguma de gramática particular determinada pelo input. Sendo assim, a base deverá ser rica o suficiente de modo que, a partir dela, possam vir à superfície as mais diversas formas gramaticais. As formas que vêm à superfície são produtos da atuação das restrições unicamente. Ou seja, sobre o input, que é comum a todas as línguas – e, portanto, rico o suficiente para prever a variação interlinguística –, atuam restrições dispostas em rankings de língua particular, as quais vão dar conta das diferenças entre as línguas. Com isso, se explica de que maneira, apesar da riqueza da base, algumas línguas selecionam determinados outputs, diferentes daqueles selecionados por outras línguas.

A riqueza da base pode nos transmitir uma ideia de que a forma de superfície é ampla e abstrata a ponto de ser indeterminável. No entanto, é possível determinar um input para uma determinada forma de output. No processo de determinação de um input, escolhe-se, entre todas as possibilidades, aquele que mais se assemelha com o output. Esse procedimento se dá pela **Otimização Lexical**. Com isso, dados os inputs /A/ e /B/ para uma forma ótima [A], calcula-se que o input /A/ é aquele que satisfaz este princípio. Kager (1999, p. 33) aponta que esse procedimento tem suas vantagens no que

diz respeito às violações, uma vez que minimiza os efeitos das restrições de fidelidade sobre esse input mais próximo à base em comparação com outros inputs hipotéticos.

Sumariando o que foi exposto nesta seção, a Teoria da Otimidade é um modelo de análise que se diferencia dos modelos baseados em regras porque se fundamenta em certos princípios. Um desses princípios é o de **universalidade**, pois todas as restrições fazem parte da Gramática Universal, ao passo que regras, presentes nos modelos anteriores, caracterizam línguas específicas. Outro princípio que norteia a teoria é o de **violabilidade**. O fato de que a restrição pode ser minimamente violada é pressuposto da teoria. Tal pressuposto está implícito na ideia de ranking, que assegura um *status* para as restrições violáveis. Nesse aspecto, a teoria prevê, para um dado fenômeno, restrições que são respeitadas e restrições que são violadas. No modelo anterior, diferentemente, toda regra supostamente teria de ser obedecida e uma violação era vista como exceção e sobrecarregava a teoria com mecanismos de reparo. Por fim, o princípio de **paralelismo** permite que a análise dispense regras seriadas. Nos modelos tradicionais, os outputs eram gerados a partir de derivações, ou seja, da aplicação de processos cumulativos e ordenados um após o outro, enquanto que na TO as restrições atuam conjuntamente, sem a necessidade de informação intermediária entre input e output. Além disso, a noção de paralelismo expressa a possibilidade de unificar os fenômenos de interface. Nos modelos baseados em regras, do mesmo modo que operações são seriadas, também não se pressupõe interação entre os diferentes componentes da gramática. Assim, regras fonológicas são analisadas à parte de regras morfológicas e de regras sintáticas. Na TO, diferentemente, pressupõe-se um modelo de interfaces, já que toda informação é analisada em paralelo. Isso torna possível analisar, a um só tempo, fenômenos de interação entre morfologia e prosódia, por exemplo, em que operações de concatenação de morfemas, de silabificação e de atribuição de pés, entre outros, estão imbricadas. Esse diferencial da teoria torna possível uma descrição mais adequada da formação dos compostos, que lida, como já mencionamos, com mecanismos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

De modo a reforçar o que foi dito, finalizamos nossa apresentação da Teoria da Otimidade trazendo as ideias de Collischonn e Schwindt (2003). Os autores apontam que além da **universalidade**, a TO traz ganho em **economia descritiva** e **uniformidade de análise**. Por eliminar as regras e trabalhar apenas com as restrições, a análise pela TO tem a vantagem de se tornar muito mais objetiva e econômica se comparada com os modelos baseados em regras. Enquanto tais modelos trabalham com diversas categorias

de regras responsáveis por justificar a violação de outras, supostamente invioláveis, a TO trabalha com a premissa de que todas as restrições são violáveis, o que confere à teoria maior uniformidade.

2.2.1 A TEORIA DA OTIMIDADE E A MORFOLOGIA

Apesar de a Teoria da Otimidade constituir uma teoria de gramática, supostamente adequada para lidar com fenômenos relacionados a todos os níveis de análise, foi na fonologia que a teoria ganhou força (para efeitos de diferenciação, chamaremos “TO tradicional” ao ramo da teoria que lida estritamente com a fonologia). No que tange a problemas de morfologia, apenas mais tardiamente começaram a surgir análises que contemplavam fenômenos morfológicos em Teoria da Otimidade.

Russell (1997) é um dos pesquisadores pioneiros no tratamento de dados de morfologia pela TO e, por isso, merece ser revisitado nas linhas que dedicaremos à reflexão sobre a morfologia e o seu lugar na Teoria da Otimidade. O autor, por meio de sua análise, teve a preocupação de traçar o lugar desse componente numa abordagem baseada em restrições, perseguindo as respostas para questões relacionadas (1) aos padrões de sons que estão associados a cada morfema; (2) à escolha do alomorfe correto para cada morfema e (3) à ordem dos morfemas na palavra.

Primeiramente, Russell (1997) salienta que, na TO tradicional, o mapeamento entre forma subjacente e forma de superfície é dado na dinâmica estabelecida entre GEN, que gera os candidatos à forma de superfície, e EVAL, que opera, a partir da hierarquia de restrições, a fim de eleger o candidato ótimo. Essa dinâmica não é diferente no tratamento da morfologia pela TO. Assim, a teoria assume a existência de uma representação subjacente associada a um morfema e que cada morfema deve possuir uma única representação subjacente. Portanto, não diferentemente da TO tradicional e da Fonologia Gerativa, o padrão de sons associado a cada morfema é estabelecido em uma representação subjacente. Ao contrário da Fonologia Gerativa, contudo, a TO não concebe as similaridades no padrão de sons entre input e output como coincidência (o output visto como produto que, por acaso, ficou similar ao input a despeito da atuação de regras), mas, antes, como resultado de restrições que requerem tal similaridade.

A fim de responder pela ordem de concatenação dos morfemas na palavra, Russell se utiliza da subteoria do Alinhamento Generalizado (AG). Essa subteoria foi idealizada por McCarthy e Prince (1993) a partir das ideias de Selkirk (1986), entre outros autores. O Alinhamento Generalizado é um esquema que provê restrições responsáveis pelo alinhamento de unidades de natureza idêntica ou diversa (morfemas, raízes, unidades prosódicas, etc.). AG deve especificar que um dos limites de uma unidade deve coincidir com um dos limites (direito ou esquerdo) de outra. As unidades manipuladas por AG podem ser pertencentes a diferentes categorias, o que permite relacionar morfologia, sintaxe e fonologia, e gerar, portanto, restrições de interface, ou podem ser provenientes de um mesmo componente, como é o caso dos constituintes prosódicos. Daí a possibilidade de haver restrições que demandam, por exemplo, alinhamento entre a palavra sintática e a raiz, ou entre a palavra prosódica e o pé, por exemplo.

Uma vez que AG é um esquema que está no escopo da Teoria da Otimidade, suas restrições são violáveis tanto quanto qualquer outra restrição das famílias marcação e fidelidade. Podem, assim, estar em conflito igualitário com restrições dessas duas famílias ou em igual conflito com outras restrições de alinhamento, sendo seu lugar na hierarquia unicamente determinado pelo ranqueamento de língua particular.

Kager (1997) também utilizou as restrições de AG para discutir a formação de pés em sibuṭu sama (Allison, 1979). Nesse caso, o autor mostra como duas restrições de alinhamento podem ser antagônicas. Vejamos, de acordo com Kager (1997), as restrições:

(14)

Align-Stem-L

Align (Stem, Left, Ft, Left)

A borda esquerda de um radical deve coincidir com a borda esquerda de um pé.⁷

(15)

Align-Word-R

Align (PrWd, Right, Ft, Right)

A borda direita de uma palavra prosódica deve coincidir com a borda direita de um pé.⁸

⁷ “The left edge of every stem must coincide with the left edge of some foot.” (Kager, 1997, p. 2)

Essas restrições de alinhamento interagem com a restrição de boa formação que requer pés binários.

(16)

Ft-Bin

Pés são binários do ponto de vista silábico ou moraico.⁹

Na análise de palavras trissilábicas do sibu tu sama, Ft-Bin e Align-WD-L dominam Alig-St-L. Vejamos os candidatos (Kager, 1997, p.3):

(17)

a. (*) (* .)	b. (* .) (*)	c. . (* .)	d. (* .) .
*bis.sá.la	*bis.sa.lá	bi.sá.la	* bis.sa.la

Quanto às restrições dominantes, Align-Wd-R é satisfeita em todos os candidatos, à exceção de (d). Ft-Bin, por sua vez, é violada nos candidatos (a) e (b), que apresentam pés formados por sílaba única. O candidato (c) viola a restrição Align-St-L, mas essa restrição não é dominante na hierarquia, permitindo que o candidato saia vencedor. O sibu tu sama reflete, pois, o ranking Align-Wd-R, Ft-Bin >> Align-St-L. Já a atribuição de pés do diyari (Austin, 1981), outra língua analisada por Kager (1997), reflete o ranking de imagem espelhada em relação ao sibu tu sama: o ordenamento Ft-Bin, Alig-St-L >> Align-Wd-R elege o candidato com um único pé binário alojado à esquerda da palavra prosódica como o ótimo.

(18)

(* .) .
pí.na.du

Os fatos do sibu tu sama e do diyari, apontados por Kager mostram que uma gramática nada mais é do que as restrições hierarquicamente dispostas e que a diferença de uma gramática para outra depende, simplesmente, de como estas restrições estão ranqueadas umas em relação às outras. Nesses dois casos, as restrições em jogo militam

⁸ “The right edge of every PrWd must coincide with the right edge of some foot.” (Kager, 1997, p. 2)

⁹ “Feet are binary under syllabic or moraic analysis.” (Kager, 1997, p. 2)

pela boa formação (Ft-Bin) e pelo alinhamento entre categorias prosódicas e morfológicas (Align-Wd-R e Align-St-L).

É sabido que o lugar da morfologia na gramática ainda é matéria de debate entre os estudiosos. Entre aqueles que acreditam na morfologia como um componente independente, ainda existe pouco acordo sobre como ela interage com os outros componentes. Conforme Russell (1997), em termos de Teoria da Otimidade, existem muitos estudos sobre fonologia e sobre sintaxe, mas não existem ideias claras sobre como esses dois componentes se relacionam, ou seja, sobre um componente de interface. Independentemente da hipótese modular, em que a sintaxe atua em primeiro plano, calculando a melhor representação, a qual servirá de input para a fonologia, ou da hipótese paralela, de uma gramática integrada, em que EVAL elege a um só tempo a melhor combinação sintática, fonológica e semântica, o terreno da morfologia ainda é bastante movediço e por isso é um campo a ser explorado.

Com relação aos aspectos da composição, em que a palavra fonológica, a palavra morfológica e a palavra sintática interagem, esperamos encontrar respostas às nossas perguntas também no âmbito do esquema de Alinhamento Generalizado. Nesse sentido, buscaremos explorar o que esta abordagem pode oferecer em termos de interface a fim de avançar em relação às análises baseadas em regras. Tais análises não previam a interação simultânea entre os três tipos de palavra acima mencionados e, ainda, necessitavam conceber vários níveis dentro do léxico. Tais estudos, não raro, ofereciam dificuldades, como paradoxos de ordenamento, e falta de economia descritiva decorrente da localização dos compostos em diferentes partes da gramática. Esperamos, com a Teoria da Otimidade e as restrições de Alinhamento Generalizado, prover uma análise mais econômica, uniforme e com maior poder explanatório para esclarecer fatos sobre composição no PB.

2.3 PRODUTIVIDADE EM FORMAÇÃO DE PALAVRAS

O conceito de produtividade em morfologia é, em geral, definido como a propriedade que permite ao falante formar palavras novas. Fundamental nesse conceito, que iremos discutir nesta seção, é o papel dos mecanismos linguísticos na formação das palavras de uma língua. Com isso, a noção de produtividade é importante em nosso

trabalho uma vez que objetivamos explicitar os mecanismos linguísticos que subjazem à formação de palavras compostas em PB.

Diferentemente da produtividade em sintaxe, a produtividade em morfologia não é um conceito pacífico, uma vez que há outras acepções de produtividade vigentes na literatura além dessa que tem como foco possibilidade de criação de termos novos. De acordo com Rainer (1987, apud Bauer, 2001), estas acepções se baseiam (a) em termos de frequência de outputs de uma regra de formação de palavra (RFP); (b) em termos de números de bases disponíveis para a aplicação de um determinado processo; (c) em termos de proporção entre palavras potenciais e palavras reais; (d) em termos de probabilidade de formação e mesmo de ocorrência de novas formas, e (e) em termos do número de ocorrência de novas formas em um período específico de tempo. Tais acepções, portanto, apresentam uma tendência que pode ser quantitativa, qualitativa, ou sincrônica.

Contudo, seja o critério quantitativo, qualitativo ou sincrônico, há algo na raiz do conceito de produtividade que tem de ser desvendado. Nesse sentido, buscamos alcançar com maior precisão o que significa chamar uma regra de formação de palavra de produtiva. Essa é uma das questões que nos interessam no presente trabalho, porque perseguimos os mecanismos subjacentes à configuração dos compostos que vigem no PB. Apesar de nosso foco não estar direcionado para as formações novas, a resposta a essa pergunta também nos apontará a tendência no sentido do que pode ocorrer em termos criação de novos compostos em PB. Isso porque acreditamos em uma acepção de produtividade segundo a qual palavras existentes e palavras potenciais da língua são formadas a partir dos mesmos mecanismos.

Para chegarmos ao conhecimento dos mecanismos produtivos que governam a formação dos compostos do PB, exploraremos o que, de fato, pode ser entendido por produtividade.

Examinemos, primeiramente, a dicotomia quantitativo *versus* qualitativo na determinação do que é uma regra produtiva. Para autores como Fernandez (1968), a produtividade de um afixo está diretamente ligada ao número de raízes a que esse elemento pode se anexar. Nas palavras do autor, “most of the derivational affixes seem to be relatively unproductive, i.e. few roots seem to occur with any particular affix; in some cases the affix occur only with one root”¹⁰. Plag (1999) aponta que existe uma

¹⁰“(…) muitos dos afixos derivacionais parecem ser relativamente não produtivos, isto é, poucas raízes parecem ocorrer com um determinado afixo; em alguns casos, o afixo ocorre com somente uma raiz.”

definição quantitativa de produtividade que é, ao mesmo tempo, a mais aceita e a mais rejeitada. Segundo essa definição, a produtividade de um dado afixo pode ser medida a partir da contagem de *types* que contenham tal afixo em um determinado ponto do tempo.

O fato que desfavorece essa noção de produtividade é que, de acordo com Plag, pode haver muitas palavras com um determinado afixo, mas os falantes podem não usar esse afixo frequentemente para cunhar novas palavras. Sendo a linguagem, por essência, criativa, uma visão de produtividade que se preocupa com formações já estabelecidas e lexicalizadas não dá conta da propriedade linguística de produzir novas formas.

Em outro extremo, alguns autores medem a produtividade com base no número de palavras potenciais que podem ser derivadas com um determinado sufixo. Nesse caso, a definição fica concentrada na potencialidade, e não nas palavras que de fato ocorrem na língua.

Para Aronoff (1976), uma medida quantitativa da produtividade de uma regra pode ser simplesmente a listagem de palavras que sofrem tal regra e, assim, sua produtividade está diretamente relacionada à extensão dessa lista. Mas o método, conforme aponta o próprio autor, parece estático, pois não dá a real dimensão da produtividade da regra. Alternativamente, Aronoff propõe que se pode medir a produtividade de uma regra relativamente a outra regra. No entanto, percebe-se através dessa metodologia que a produtividade não é propriedade da regra em si, mas resultado do comportamento de um afixo em relação a uma determinada base. É o caso, por exemplo, dos sufixos *-ness* e *-ity* em relação às classes de adjetivos terminados em *-ile* (“servile”) e *-ive* (“perceptive”). Conforme aponta Aronoff (1976), com relação à base terminada em *-ive*, se verifica uma quantidade cinco vezes maior de anexação de *-ness* (“perceptiveness”) do que de anexação com *-ity* (“productivity”). No entanto, no universo das palavras formadas a partir de bases terminadas em *-ile*, o sufixo *-ity* supera quantitativamente o sufixo *-ness*. Nesse sentido, a produtividade é determinada a partir da relação do sufixo com a base. Essa nova visão mostra que o critério baseado na quantidade é indicador da produtividade, mas a quantidade é impulsionada por fatores linguísticos, os quais devem ser buscados.

Para o autor, portanto, a produtividade não se define como uma mera questão de quantificação, mas é resultado da interação de alguns fatores. Seu método de investigação parte da comparação entre duas RFP’s que operam na mesma base e que tenham como resultado outputs de igual categoria lexical e mesma subcategorização.

Para desenvolver sua proposta, Aronoff examina o caso dos sufixos *-ness* e *-ity*¹¹ do inglês, ambos formadores de nomes abstratos a partir de adjetivos. Nesse processo de formação, esses dois prefixos concorrem quando a base tem a forma “Xous” (*monstruous*, por exemplo). Aronoff indica que parece haver uma maior tendência de formação de derivados em *-ness* do que de derivados em *-ity* e aponta três razões que podem estar por trás dessa tendência: a coerência semântica, a fonologia e a lexicalização (*lexical government*).

Semanticamente, uma regra de formação de palavra é coerente na medida em que se pode predizer o significado de uma palavra formada por esta regra. Aronoff aponta que entre as palavras terminadas em *-ous*, as de padrão “Xousness” são aquelas de significado mais previsível, se comparadas àquelas de padrão “Xousity”. Como exemplo, o autor nos traz os três significados predizíveis às formas “Xousness” (Aronoff, 1976, p. 38).

(19)

- a. “the fact that Y is Xous”¹²
- b. “the extent to wich Y is Xous”
- c. “the quality or state of being Xous”

Toda forma “Xousness” apresenta, portanto, estas três dimensões de significado e nenhuma outra além destas. As formas do tipo “Xous” terminadas em *-ity*, por sua vez, não mostram esta mesma distribuição regular. Assim, ainda que algumas destas formas possam apresentar os três significados, outras são lacunares ou, ainda, podem expressar significados além de (a), (b) e (c), com carga mais idiomática. Vejamos contextos com os significados possíveis para *variety* (“Xous” > “Xousity”) e seu enquadramento dentro e além de (a), (b) e (c) mencionados acima (Aronoff, 1976, p.38).

¹¹ Conforme o aparato teórico Chomsky e Halle (1968), adotado por Aronoff (1976), #ness e +ity. O símbolo # indica que o sufixo se anexa a fronteira de palavra, enquanto que o símbolo + indica anexação em fronteira de morfema.

¹² a. “o fato de que Y é Xous”
b. “o grau em que Y é Xous”
c. “a qualidade ou estado de ser Xous”
(tradução nossa)

(20)

- i. (a), (b) “The variety of the fish in the pond surprised me.”¹³
- ii. (c) “Variety is not always pleasing.”
- iii. (outros) “How many varieties of fish are there in the pond?”

Verifica-se, então, que, para *variety*, além dos contextos de significação mostrados em (19) e explicitados em (20i-ii), ainda é possível estabelecer o contexto em (20iii), que significa variedade em termos de espécie ou qualidade. Isso ilustra o papel da coerência semântica na produtividade.

Aronoff (1976) afirma que há uma relação direta entre coerência semântica e produtividade na medida em que a previsibilidade de significado da formação envolvendo um dado afixo concorre a favor da opção do falante de usar este afixo. Assim, quanto mais previsível o significado, mais produtivo é o afixo e, do contrário, quanto menos previsível o significado, menos o falante fará uso deste afixo e, portanto, este será menos produtivo.

Examinemos, agora, o fator fonológico. A anexação de *-ity* a bases do tipo “Xous”, conforme Aronoff, engatilha a perda do sufixo *-ous* precedente (regra denominada R1). Essa regra, no entanto, nem sempre se aplica, ainda que satisfeito seu contexto. Aronoff aponta para duas tendências na aplicação dessa regra: uma previsível, em bases do tipo “XVcious” determinada por um fator geral, e outra em que a regra é lexicalmente governada, em bases do tipo “Xlous”. Nas bases do tipo “XVcious” (*mendacious*), em que “cious” é precedido por uma vogal (V), a aplicação de R1 é esperada quando tal vogal é “a” ou “o”, mas não quando a vogal é “e”. Vejamos os exemplos de Aronoff (1976, p. 41).

(21)

mordacious	mordacity	*mordaciosity
precocious	precocity	*precociosity
specious	*specity	speciosity

¹³ i. (a), (b) “A variedade dos peixes no tanque me surpreendeu.”
ii. (c) “Variedade nem sempre é agradável.”
iii. (outros) “Quantas variedades de peixe há no tanque?”
(tradução nossa)

Já nas bases do tipo “Xlous” não há um condicionamento geral que preveja a aplicação da regra, podendo-se derivar formas que mantenham *-ous*, como *nebulosity* < *nebulous*, ou formas que só admitem o apagamento do sufixo, como em *credulity* < *credulous*. Com isso, pode-se notar que a regra é lexicalmente governada nessas bases.

Uma vez que é possível apontar o que engatilha RI nas bases do tipo “XVcious”, formadas de vogal, e ao mesmo tempo não se encontra um condicionamento nas bases “Xlous”, pode-se supor que a anexação do sufixo *-ity* é mais produtiva no primeiro tipo de bases do que no segundo tipo. É nesse aspecto que a fonologia se configura como fator relevante para a produtividade.

Também é importante refletirmos, neste espaço, sobre que significa uma regra ser lexicalmente governada. Para Aronoff (1976), palavras submetidas a essas regras estão arbitrariamente marcadas e listadas no léxico. Léxico, aqui, é referido nos termos de Bloomfield (1933) e Chomsky (1965), ou seja, como o repositório dos itens arbitrários da língua. A questão que surge, então, é sobre como a listagem no léxico pode afetar a coerência semântica de uma palavra e em que medida isso afeta a sua produtividade. A deriva semântica, que agrega um significado não usual a uma palavra, o qual deve ser depositado no léxico, pode ser responsável por isso. Assumindo que o significado de um afixo está conectado com sua distribuição, a habilidade de um falante em predizer o significado de uma nova forma com esse afixo será dificultada de acordo com a existência de significados arbitrários no léxico para formações com tal afixo. Assim, a listagem no léxico pode afetar a produtividade de uma regra a partir da semântica, como já foi mostrado em (20i- iii).

Além disso, há o fenômeno do bloqueio, que também concorre para afetar a produtividade. No bloqueio, a ocorrência de uma forma é impedida pela existência de outra com o mesmo valor. A título de ilustração, vejamos o caso da formação dos nomes agentivos no PB.

(22)

Nome Base	Agentivo (-eiro)	Agentivo (-ista)
verdura	verdureiro	_____
jornal	jornaleiro	_____
açougue	açougueiro	_____
flor	_____ *floreiro	florista

Supõe-se que, dado um radical, existe um *slot* a ser preenchido por um morfema quando da formação de uma determinada classe e que, para a formação de cada classe, há um morfema *default*. Na formação dos nomes agentivos, as formas em *-eiro*, conforme (20), preenchem o *slot* dessa categoria. Entretanto, se um dado radical já dispõe de outro sufixo agentivo, não há vez para o sufixo agentivo *-eiro*, e esse é bloqueado pela forma já existente, como podemos notar na forma “florista”, que dispõe do sufixo *-ista* formador de agentivo.

Pode-se apontar, assim, a semântica, a fonologia e a lexicalização (*lexical government*) como os três fatores que concorrem para a produtividade ou não de uma determinada regra. Pôde-se observar, também, que os três fatores estão intimamente imbricados, na medida em que toda a regra que é previsível, tanto fonológica quanto semanticamente, tem a tendência de ser produtiva e toda a regra que está à mercê do léxico, seja pela falta de condicionamento fonológico, seja pela deriva semântica, ou pelo bloqueio, tende a ser menos produtiva.

Cabe aqui também fazer referência a outro conceito relacionado à produtividade: o conceito de transparência. Basílio (1980) argumenta que o modelo de Aronoff (1976) falha na medida em que, apesar de dar conta das formações possíveis da língua, não contempla as formações que são transparentes e não produtivas.

Jackendoff (1975) distingue dois tipos de regras: as regras de formação de palavra e as regras de redundância lexical (RRL). Essas últimas expressam generalizações entre os itens que já fazem parte do léxico, ou seja, de certa forma analisam a estrutura desses itens, relacionando-os. No modelo de Jackendoff, RFP's e RRL's atuam conjuntamente. No modelo de Aronoff (1976), entretanto, as próprias RFP's desempenham o papel das RRL's. Assim, enquanto Jackendoff contempla a dimensão criativa do léxico, na medida em que as RRL relacionam os itens lexicais e, a partir daí, geram uma classe de palavras possíveis em uma determinada língua, a supressão dessas regras no modelo de Aronoff impossibilita identificar as formações que são, ao mesmo tempo, estruturalmente analisáveis e não produtivas. Ou seja, como exemplifica Basílio (1980), uma regra não produtiva como a formação de verbos ingleses pela anexação do sufixo *-ate* (“X+ate”, como em *participate* e *demonstrate*), está na base da formação produtiva de nominalizações com o sufixo *-ion* (*participation* e *demonstration*). Assim, mesmo que a formação dos verbos do tipo “X+ate” não seja produtiva, ela deve ser reconhecida para que, sobre ela se dê a formação da

nominalização “Xate+ion” (*demosntrate + ion*). A esse reconhecimento, que é decorrente de uma RRL, a autora chama transparência.

Em sua abordagem, Basílio (1980) equaciona o problema da distinção e da necessidade dos dois tipos de regras admitindo que toda RFP tem uma contraparte de análise estrutural. Regras de análise estrutural (RAE's) podem ser transparentes ou opacas. Assim, “uma RAE é maximamente transparente quando, para qualquer forma, (a) a composição fonética do sufixo que ela especifica é identificável sem ambigüidade, e (b) a função e/ou significado do sufixo que ela especifica é definida com precisão, assim como a classe de bases com que este sufixo pode ser combinado. Se alguma destas condições é violada, a regra é opaca. Assim, uma RAE é opaca quando as formas a que ela poderia ser aplicada podem também ser analisadas como tendo uma estrutura interna diferente ou como sendo indivisíveis” (Basílio, 1980, p. 52-53). O conceito de transparência parece ser um dos principais responsáveis pela produtividade de uma determinada regra, pois na medida em que o falante é capaz de reconhecer a estrutura interna de uma determinada formação, ele também é capaz de aplicá-la na formação de novos itens da língua.

Como visto a partir do que foi esboçado nas linhas acima, o conceito de produtividade está relacionado muitas vezes ao critério quantitativo. O desenvolvimento das pesquisas em morfologia, no entanto, apontou para o fato de que existem fatores que fazem com que uma regra proporcione mais saídas lexicais do que outras. Nesse sentido, podemos falar em produtividade em termos de mecanismos linguísticos com conseqüências quantitativas, mas nunca falar em produtividade associada unicamente a quantificação.

Porque temos como objetivo tratar os compostos pela Teoria da Otimidade, que não tem compromisso com estatísticas, nos interessam mais os mecanismos que estão por trás da formação das palavras compostas em PB do que uma análise puramente quantitativa.

Tais mecanismos são os fatores acima discutidos refletidos em restrições violáveis. Nesse aspecto, nosso papel é averiguar de que modo tais fatores fazem pressão para o desenho de um determinado ranking de restrições que respondem pela configuração dos compostos em PB. As tipologias mais produtivas, portanto, serão formalizadas em termos de rankings de restrições que respondem pelos compostos que vigem na língua.

Num sentido mais global, a Teoria dos Constituintes Prosódicos, a Teoria da Otimidade e a noção de Produtividade atuarão em conjunto a fim de nos conduzir às respostas sobre os mecanismos morfológicos, fonológicos e sintáticos que subjazem à configuração dos compostos do PB. Enquanto a primeira teoria nos fornecerá suporte teórico para lidar com o material composicional, a segunda nos proporcionará meios de formalizar a organização de uma gramática que conjuga morfologia, fonologia e sintaxe. O conceito de produtividade, por sua vez, nos ajudará a refletir sobre fatores atuantes na formação dos compostos em PB.

3 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A PALAVRA COMPOSTA

Este capítulo será dedicado ao exame de algumas análises que têm como foco a palavra composta. Contemplaremos, aqui, alguns estudos sobre a composição não só em PB, mas também em PE e em italiano. Assim, nosso objetivo não é somente revisitar a literatura sobre composição em PB, como é também buscar em outros estudos subsídios para a implementação de nossa análise.

Ficará evidenciado, com a leitura deste capítulo, que cada estudo privilegia um aspecto diferente da composição: seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, bem como os tipos de abordagem de representação do fenômeno. Todos estes aspectos são necessários para a nossa descrição da palavra composta e serão retomados em nossa análise.

O critério de aparição dos textos, aqui, segue nada mais que a ordem cronológica de seu lançamento. Após exposição das ideias dos autores – ou durante a exposição, quando for oportuno –, faremos um breve comentário sobre os principais aspectos de suas análises. Ainda que mencionemos eventuais lacunas desses trabalhos, nossa preocupação primordial não será, neste espaço, em lançar ideias sobre como sanar tais lacunas. O foco deste capítulo é, portanto, a recapitulação das ideias já apresentadas à comunidade científica.

3.1 VILLALVA (1992)

Villalva (1992) aponta a diversidade estrutural dos compostos do PE, a qual responde pelos diferentes comportamentos morfológicos desse tipo de formação. Tal complexidade é ainda maior, de acordo com a autora, se levarmos em conta que certos compostos compartilham algumas propriedades com as palavras derivadas.

Primeiramente, Villalva traça a distinção entre compostos formados por radicais e compostos formados por palavras. Compostos formados por radicais apresentam, em geral, elementos de origem greco-latina (EGL), os quais são utilizados exclusivamente para formações compostas, não sendo disponíveis para outros processos, tais como a derivação, que relaciona a forma nativa correspondente. É o que podemos perceber a

partir do par de exemplos abaixo, que contrasta a composição formada a partir de radicais greco-latinos e a forma derivada a partir do vernáculo *peixe*.

(23)

piscicultura [[pisci] + [cultura]] COMPOSIÇÃO
peixaria [[peixe] + [aria]] DERIVAÇÃO

Quanto à sua constituição interna, o primeiro elemento dos compostos formados por radicais pode ser um complemento ou um modificador, e o cabeça da formação sempre estará à direita. Segundo Villalva, é a localização do morfema de plural que indica o posicionamento do cabeça. Vejamos os exemplos.

(24)

[[pol]_{modificador} [i] [morfia]_{cabeça}]
[[morf]_{modificador} [o] [logia]_{cabeça}]

É possível verificar, a partir do par de exemplos, que os radicais greco-latinos podem ocorrer tanto na primeira quanto na segunda posição do composto. Entre os dois radicais, nota-se uma vogal de ligação; em geral *i* entre radicais latinos e *o* entre radicais gregos.

Compostos formados por palavras, de acordo com Villalva, compreendem formações que podem ser identificadas a partir de deriva semântica. Em tais compostos, não é a estrutura sintática que os diferencia de NP's. Villalva (1992) traz como exemplo *pés de galinha* e *selo de correio*, que têm a mesma estrutura sintática, mas são analisados diferentemente (o primeiro como unidade lexical e o segundo como NP).

Para a autora, sequências lexicalizadas não constituem mais casos de composição, mas de palavras simples. Esse é o caso de sequências que sofreram fusão de elementos (como *aguardente* < *água* + *ardente*), e mesmo daquelas que recebem pluralização ou sufixação avaliativa à direita, como os casos abaixo.

(25)

cor de rosa[s]
cor de ros[inha]

Villalva (1992), seguindo Di Sciullo e Williams (1987), classifica tais tipos de formações (com cabeça à direita, tal como palavras derivadas, e opacas para operações sintáticas) como objetos morfológicos.

Palavras sintáticas, por seu turno, não apresentam opacidade para aplicação de regras sintáticas e podem ser inseridas na posição X^0 , com uma interpretação específica diferente da de NP. Esse tipo de formação envolve uma estrutura frasal subjacente, contando com as seguintes estruturas sintáticas: AP's, NP's e VP's. Formações que envolvem AP's compreendem estruturas coordenadas (como *surdo-mudo*). Já as estruturas envolvendo NP's são formadas, em geral, por um cabeça mais um modificador nominal ou adjetival (*peixe-espada*), e aquelas que envolvem VP's compreendem um verbo e seu objeto direto (*quebra-nozes*) ou dois verbos coordenados (*vai e vem*).

A estrutura frasal subjacente pode estar refletida no comportamento morfosintático do composto, nomeadamente por meio do fenômeno da flexão. Uma vez que palavras sintáticas apresentam estrutural frasal, é de se esperar que a concordância de gênero e número se faça presente nessas formações quando necessária. Para Villalva, as formações composicionais que fazem uso da concordância têm as seguintes estruturas:

(26)

[N A]_{NP} mesa-redonda

[A N]_{NP} boa-vida

(27)

[V Comp]_{VP} guarda-roupa

Em (26) temos casos de NP's contendo um modificador adjetival. A pluralização, nessas estruturas, é do tipo sintática, atingindo os dois membros do composto, daí *mesas-redondas* e *boas-vidas*. Quanto à flexão de número, formas do tipo (27) apresentam flexão do tipo morfológica, ou seja, na margem direita do composto (*guarda-roupa*). Quanto à flexão do verbo do VP em (27), Villalva assume que esse está flexionado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, a forma menos marcada, ainda que esta seja uma forma verbal congelada no meio da estrutura composicional.

A mesma distinção, com base no comportamento frasal *versus* comportamento morfológico, Villalva (1992) observa entre as formas dos tipos (26) e (27) quanto à sufixação avaliativa. Compostos que seguem a tipologia de (26) recebem a sufixação avaliativa próxima ao cabeça, podendo esta ser atribuída internamente, conforme os exemplos abaixo.

(28)

mes[inha]-redonda

hor[inha]-extra

Compostos do tipo (27), à base de VP's, diferentemente, recebem a sufixação avaliativa externamente, tal como palavras sufixadas.

(29)

guarda-chuvinha[s]

A determinação da categoria lexical dos compostos do tipo palavra sintática é diferente nas formações à base de NP's e naquelas à base de VP's. Nas primeiras, se observa que a categoria do composto é consistente com a estrutura frasal subjacente, ou seja, formações com AP's são adjetivos (*côncavo-convexo*). Além disso, o cabeça desse tipo de composto é que determina seu gênero e número. Em *peixe-espada*, por exemplo, é o núcleo, *peixe*, que determina o gênero do composto como um todo; em *salas de aula*, é o plural em *salas* que aponta que o composto está no plural.

Compostos à base de VP's, por sua vez, não tomam a categoria lexical a partir da estrutura frasal da qual se originam. Tal fato é evidenciado uma vez que o cabeça do VP (flexão verbal) não pode ser cabeça morfológico, nem mesmo pode estabelecer gênero e número para o composto. Sendo assim, todo composto formado a partir de VP é, por regra *default*, masculino e singular, e seu cabeça é determinado morfológicamente, ou seja, à direita.

Por fim, Villalva (1992) aponta, conforme Eliseu e Villalva (1991), que a operação que mapeia a estrutura sintática em uma estrutura morfológica, originando palavras compostas envolve:

- (i) neutralização de algumas propriedades internas da estrutura sintática;
- (ii) criação de uma estrutura à qual podem se aplicar processos morfológicos;

(iii) reinterpretação categorial e estrutural.

O trabalho de Villalva (1992) constitui uma minuciosa descrição das estruturas de composição do português europeu. É, sobretudo, uma análise de cunho morfossintático que atenta para as formas subjacentes dos compostos. Contudo, essa análise, como os demais empreendimentos gerativos de sua época, restringe-se a classificar os compostos em diferentes níveis gramaticais. Assim, a dicotomia objetos morfológicos *versus* palavras sintáticas reflete uma crença num léxico estratificado e numa gramática baseada em operações seriadas. Isso porque existem, segundo a autora, compostos que se encontram na sintaxe, por apresentarem entre seus componentes operações semelhantes às operações que ocorrem entre os elementos sintáticos, e compostos morfológicos, que partilham características com os derivados. Ao mencionar a existência de um terceiro tipo de compostos, os lexicalizados, constituídos de elementos que sofreram fusão, e ao sustentar que tais compostos constituem palavras simples, a autora transmite a ideia de que o processo de composição se apresenta como um continuum que tem origem na sintaxe, passa pela morfologia e pode terminar no léxico profundo, onde elementos originalmente compostos são indivisíveis tais como raízes.

3.2 LEE (1995, 1997)

Lee define o composto como o elemento formado pela concatenação de duas ou mais palavras ou de dois ou mais radicais. A categoria lexical que resulta da formação composta em PB é [+N]: nomes e adjetivos. Essas formações têm características próprias que as diferenciam das palavras comuns, como a possibilidade de portar dois acentos primários e de sofrer flexão interna entre seus constituintes. O autor ainda aponta para a possibilidade de formação interna de diminutivo e de dupla flexão, como em *guardinha-noturno* e *homens-rãs*, respectivamente.

Em sua tese, Lee utiliza o modelo da Fonologia Lexical Prosódica, desenvolvido por Inkelas (1989, 1993), que incorpora a hierarquia prosódica no léxico a fim de organizar as regras fonológicas que aí atuam em domínios de aplicação – nesse modelo, estão contemplados o enunciado, a frase entonacional, a frase fonológica e a palavra prosódica.

Lee divide os compostos do PB em duas categorias: *compostos lexicais* (ou verdadeiros compostos) e *compostos pós-lexicais* (ou falsos compostos). Essa divisão reflete o nível em que se forma o composto. A tipologia dentro de cada uma das categorias é a que segue abaixo.

(30)

Compostos Lexicais (CL)

N + N	autopeça ferrovia radiotáxi
A + A	íalo-brasileiro sócio-econômico médico-cirúrgico
V + N	guarda-chuva puxa-saco toca-discos

(31)

Compostos pós-lexicais (CPL)

N + (p) + N	sofá-cama homem-rã pé de moleque
N + A	bóia-fria pão-duro carro-forte
A + A	surdo-mudo
A + N	curto-circuito primeiro-ministro boa-vida

A fim de justificar a sua classificação, Lee busca evidências sintáticas e semânticas que dizem respeito ao fenômeno da composição. Quanto à sintaxe, o autor começa por analisar a visão de Villalva (1990), que assume, para o PE, que os compostos podem ter núcleo à direita (*curto-circuito*) ou à esquerda (*carro-forte*) ou, ainda, podem não apresentar núcleo (*toca-discos*). Os traços do composto são tomados do seu núcleo e, quando esse é inexistente, os traços são, por regra *default*, da categoria nome e do gênero masculino. Assim, no composto *guarda-chaves*, por exemplo, os traços não são tomados nem da forma verbal *guarda*, nem do nome feminino e plural *chaves*, mas assumem as categorias masculino e singular por regra *default*.

Lee (1995) aponta para a problemática de uma visão centrada no núcleo, através da qual composto é visto como resultado da atuação de regras sintáticas. Segundo o autor, essa visão, que olha apenas para as propriedades do núcleo do composto, é insuficiente porque não leva em conta a opacidade para regras sintáticas nos compostos do tipo lexical. Além disso, esse tipo de composto ainda apresenta operações derivacionais aplicáveis a palavras comuns e que não ocorrem com frases sintáticas.

Tradicionalmente, sob o ponto de vista semântico, os compostos podem ser separados em compostos endocêntricos, ou seja, aqueles cujo núcleo determina sua referência, como *ferrovia*, e compostos exocêntricos, cujo significado é determinado por metáfora ou metonímia, tal como *boa-vida*. Nessa última categoria de compostos, o núcleo sintático não coincide com o objeto referido pelo composto. Assim, o composto *boa-vida*, faz referência a um tipo de pessoa, “pessoa com boa vida”, e não a um tipo de vida. De acordo com Lee, tal separação entre compostos endocêntricos e compostos exocêntricos não se presta a uma classificação adequada dos tipos de compostos porque pode haver tanto compostos lexicais quanto compostos pós-lexicais em qualquer um dos tipos descritos acima. Temos, assim, *ferrovia* e *bar-restaurant*, compostos lexical e pós-lexical, respectivamente, na categoria dos compostos endocêntricos, e *puxa-saco* e *pé de moleque* no âmbito dos compostos exocêntricos, sendo o primeiro um composto lexical e o segundo um composto pós-lexical. Lee sinaliza, portanto, que o critério semântico baseado na presença do núcleo não consegue fazer distinção de níveis de formação do composto.

O autor elenca outras evidências para distinguir compostos lexicais e compostos pós-lexicais. Vejamos, primeiramente, a formação de plural. Nos compostos lexicais, o morfema de plural é adjungido ao final do composto, como em *italo-brasileiros*. Nos compostos pós-lexicais, contudo, o morfema pode aparecer (i) mais de uma vez, como

se verifica em *boas-vindas*; e (ii) apenas no primeiro elemento, de acordo com *trens-bala*.

A derivação produtiva é outro fator que permite diferenciar os compostos: os lexicais são derivacionalmente produtivos ($[[puxa-saco]_A [ismo_N]]_N$), enquanto que a composição pós-lexical admite apenas derivações muito específicas, geradas a partir de prefixos que formam palavras prosódicas independentes, como é o caso de *ex-* e *super-*.

Também o fator localização do diminutivo aponta para a diferenciação entre os dois tipos de compostos. Nos compostos que se formam no léxico, o acréscimo do diminutivo se dá na margem direita do vocábulo, enquanto que nos compostos pós-lexicais, o núcleo é que é candidato a receber o diminutivo, mesmo que esteja à esquerda, conforme *horinha-extra*.

Por fim, outra pista que auxilia na distinção entre os compostos é a concordância. Lee argumenta que é possível estabelecer o lugar de formação dos compostos do tipo A + A, por exemplo, conforme a concordância entre seus elementos componentes. Os compostos lexicais se comportam como uma palavra inteira, não havendo concordância entre seus membros. Assim para *judeu-americano*, não se verifica a contraparte no feminino com a concordância de gênero entre os membros (**judia-americana*). Os compostos A + A pós-lexicais, em relação a esse aspecto, se assemelham a sintagmas, em que há concordância de gênero e número entre seus constituintes (*surdos-mudos*).

Lee sinaliza o problema de certos compostos que apresentam características de compostos lexicais e de compostos pós-lexicais ao mesmo tempo. Ou seja, esses compostos pluralizam os dois constituintes, apresentando, assim, característica de compostos pós-lexicais e também permitem derivação, comportamento típico de compostos lexicais. Este é o caso de *pão-duro* que pode gerar concordância na flexão, *pães-duros* e permite derivação à extrema esquerda, como se vê em *pão-durinho*. Deparando-se com a dificuldade de enquadrar estes casos, o autor classifica-os como compostos lexicalizados.

O estudo de Lee traz alguns avanços em relação à análise de Villalva (1992). A fim de empreender uma análise mais universal – no sentido prever a interação de todos os componentes da gramática –, o autor minimiza a importância do papel do núcleo sintático na caracterização dos compostos. Lee nos faz perceber que uma análise centrada no núcleo do composto tende a uma visão sintática, tratando como excepcional o composto que carrega informações morfológicas na sua borda direita, em vez de

carregá-las no núcleo. Ainda nesse sentido, Lee aponta que categorias não são isomórficas quando se trata de composição, pois, como sugeriu, o núcleo sintático de um composto nem sempre coincide com o objeto de mundo real referido pelo mesmo.

O trabalho de Lee, apesar de inovar, pois incorpora a hierarquia prosódica no léxico, mantém a separação dos compostos em diferentes níveis. Assim, o autor assume que existem compostos que nascem no léxico e compostos que nascem na sintaxe. Tal visão, que prevê a separação dos compostos, no entanto, pode ser considerada o primeiro passo para o reconhecimento de que os diferentes componentes da gramática interagem na formação dos compostos do PB.

3.3 MORENO (1997, 2002)

Moreno, diferentemente de Lee, acredita que todos os compostos têm sua origem na sintaxe. O primeiro ponto de divergência nas duas teses é quanto à flexão interna dos compostos que, de acordo com Lee, não ocorre nos compostos lexicais. O contra-argumento utilizado por Moreno se apoia na flutuação que esses compostos apresentam quanto ao seu uso. O autor diz que a flexão de número não é um critério seguro para identificar compostos lexicais e pós-lexicais, de acordo com a “hesitação que os falantes, como os gramáticos, demonstram ao tentar determinar quais as formas aceitáveis”. Segundo Moreno, a razão dessa insegurança é o caráter sintático dessas formações.

Em seguida, Moreno analisa os compostos do tipo N + N que, de acordo com Lee, podem ser lexicais ou pós-lexicais. Para esse autor, em *ferrovia* e em *homem-rã* é a localização do plural que determina o nível em que o composto é formado. O plural presente apenas no segundo elemento em *ferrovia* (*ferrovias*) e a possibilidade de pluralização do primeiro elemento em *homem-rã* (conforme *homensrãs*) distingue o primeiro composto como lexical e o segundo como pós-lexical. Moreno, contudo, argumenta que a não-pluralização do primeiro elemento não é argumento suficiente para classificar um composto como lexical. O autor diz que nos dois exemplos, o que deve ser levado em conta na pluralização é o núcleo, e não a localização da flexão. De acordo com Moreno, o núcleo apresenta flexão sempre, independentemente da sua posição no composto. Conforme seu raciocínio, o modificador que acompanha esse núcleo plural

pode ou não manifestar concordância, conforme as relações verificadas dentro de um sintagma nominal.

Moreno aponta que nomes e adjetivos situam-se entre fronteiras tênues. Com isso, a interpretação de um vocábulo composto como nome ou como adjetivo pode gerar diferentes interpretações para a sua estrutura. Se, numa sequência [X + Adj], X for tomado como adjetivo, teremos uma relação de adição, como em *econômico-social*. Se, contudo, for tomado como nome, teremos uma relação de modificação, tal como em *carro-forte*.

Segundo o autor, a falta de limite preciso entre nomes e adjetivos pode gerar ambiguidades de interpretação. Moreno observa que um vocábulo como *surdo-mudo* pode estar à mercê dessa ambiguidade. Para Lee (1995), esse vocábulo composto é formado de dois adjetivos no pós-léxico, mas Moreno discorda, apontando, primeiramente, que *surdo-mudo* pode ter interpretação diversa, N + A, com flexão obrigatória no primeiro elemento e opcional no segundo. No caso de ser interpretado como uma sequência A + A, *surdo-mudo* é uma coordenação sem núcleo, com flexão apenas no segundo elemento “como qualquer adjetivo composto”, nas palavras do autor.

Um outro ponto questionado por Moreno é a categoria dos compostos formados por verbo e complemento. De acordo com os critérios de Lee (1995), essa categoria de compostos é lexical, uma vez que não há flexão no elemento verbal, que é formado de radical verbal mais vogal temática. Moreno, contudo, argumenta que há, de fato flexão, pois esses compostos têm a estrutura sintática usual do tipo verbo transitivo mais complemento, sendo o verbo flexionado na terceira pessoa do singular. O que é discutível, para o autor, é se estas formas são provenientes do imperativo ou do indicativo.

Ao propor que os compostos que permitem derivação produtiva sejam lexicais, Lee (1995) cai num paradoxo de classificação em *pão-duro* e *dedo-duro*. Conforme já mencionado, ambos os vocábulos, apesar de se comportarem como compostos lexicais, por permitirem derivação (*pão-durismo* e *dedo-duragem*, por exemplo), têm característica de compostos pós-lexicais, uma vez que permitem flexão interna. Lee encaminha esses casos para as “formações lexicalizadas” ou cristalizadas na língua. Moreno, contudo, sugere que esta instabilidade seja evidência da entrada do composto para o léxico, e que ele pode existir como entrada lexical independente ao lado de seus membros constituintes. Ou seja, através de um mecanismo chamado *loop*, os compostos, depois de formados na sintaxe, regressam ao léxico, onde passam por

processos típicos de palavra, como a derivação. Com isso, as oscilações no comportamento dos compostos seria uma evidência forte de que eles se formam na sintaxe e é aos poucos que vão se consolidando no léxico, como palavra.

Por fim, Moreno defende, contrariamente a Lee, que a formação do diminutivo no primeiro ou no segundo elemento do composto não constitui evidência para distinguir compostos lexicais de compostos pós-lexicais. Aqui Moreno dispõe do mesmo raciocínio utilizado para justificar a flexão de número nos compostos N + N: é o núcleo que carrega o sufixo, independentemente da sua localização. Se o núcleo está à esquerda, aí fica o sufixo de diminutivo, como em *trenzinho-bala*; do contrário, o sufixo se aloja à direita, como em *videoclubezinho*. Nos compostos sem núcleo, o diminutivo se localiza à extrema direita da formação, conforme *porta-aviõezinhos*. Em palavras compostas que apresentam flutuação, ou seja, que ora apresentam o diminutivo à esquerda, ora o diminutivo à direita, a variabilidade, no entender de Moreno, é uma questão do grau de lexicalização atribuída na interpretação do composto. Em *pãozinho de ló*, em que o sufixo de diminutivo se aloja à esquerda, o composto é visto como frase sintática, enquanto que em *pão de lozinho*, com diminutivo à direita, o composto é reanalisado, ou seja, por meio do *loop*, é alçado da sintaxe para o nível 2 do léxico. Isso significa dizer que, após a sintaxe, o composto está sujeito a retornar ao componente lexical, para, lá, passar pelas regras do domínio da palavra.

Como se vê, a uniformidade da análise de Moreno, que aponta a sintaxe como o lugar de origem de todos os compostos, é apenas aparente. Ao sugerir que certos compostos retornam para o léxico, o autor também faz uso de níveis. Nesse sentido, se, tal como Lee, Moreno assume que há compostos que estão no léxico, paralelamente aos que estão na sintaxe, o único diferencial de sua análise é que ela unifica o *locus* de formação do composto. De resto, as duas análises contam com níveis.

Segundo nosso entendimento, pressupor necessariamente o nascimento do composto na sintaxe ao mesmo tempo em que se assume que alguns compostos sofrem processos lexicais pode acarretar sobrecarga na análise. No caso do estudo de Moreno, o autor teve de dispor do mecanismo de *loop* para poder remeter ao léxico compostos que apresentam certo grau de opacidade e sofrem processos exclusivos do nível da palavra.

Ademais, se comparada à análise de Villalva (1992), a análise de Moreno não traz inovações. Se, de um lado, a autora assume que o processo de composição se caracteriza como um continuum, que vai da palavra sintática ao objeto morfológico – adquirindo, por vezes, o estatuto de palavra simples, no léxico –, os pressupostos de

Moreno, que prevê o nascimento do composto na sintaxe e seu retorno ao léxico, também é baseado em graus de lexicalização. A diferença entre as duas análises é o dispositivo de que se utilizam seus autores para caracterizar esse processo de lexicalização. Villalva (1992) se utiliza da reanálise; Moreno (1997, 2002), no arcabouço da fonologia lexical, se utiliza do *loop*.

3.4 PEPERKAMP (1997)

A análise de Peperkamp traz como inovação o exame dos compostos via restrições. Além disso, a autora analisa a composição sob uma perspectiva prosódica, buscando, na medida do possível, fazer referência a aspectos morfológicos e sintáticos.

Uma das questões centrais de Peperkamp (1997) é a definição das fronteiras entre derivação e composição, uma vez que formações que contêm elementos greco-latinos (EGLs) ora são tratados como composição, ora como derivação e tendo em vista também o comportamento de certos prefixos acentuados.

A autora classifica os compostos do italiano em três diferentes tipologias, conforme a combinação de seus constituintes em palavras (W) e raízes (R)¹⁴.

(32)

W + W (palavra + palavra)	mezzogiorno (“meio-dia”)
R + R (raiz + raiz)	geografo (“geógrafo”)
R + W (raiz + palavra)	autocontrollo (“autocontrole”)

Peperkamp (1997) aponta que os elementos greco-latinos que podem aparecer nas combinações acima apresentam características de morfemas, uma vez que aparecem amarrados a outro elemento, mas também possuem um maior conteúdo lexical do que simples afixos, o que os aproxima de palavras. Ademais, enquanto EGLs podem se combinar em ordens não fixas (podendo aparecer no início ou no final de uma composição), os afixos aparecem sempre em uma posição fixa, ou seja, sempre prefixos ou sempre sufixos.

De acordo com a autora, as formações do tipo W + W são, geralmente, estruturadas como duas palavras prosódicas. A indicação de que se trata de duas formas

¹⁴ *Words* (W) e *roots* (R), de acordo com a autora.

acentuadas no composto é evidenciada pela qualidade da vogal, que é média-baixa. As formações lexicalizadas se apresentam como aglutinativas, como (33a), e as formações produtivas se estruturam por justaposição, tal como (33b).

(33)

(a) t[ɛ]rrac[ɔ]ta (“terra cozida”)

(b) par[ɔ]la mod[ɛ]lo (“palavra modelo”)

Os compostos do italiano podem se estruturar recursivamente, ou seja, podem se apresentar de modo que um nó de palavra prosódica domine um outro nó dessa mesma categoria. Cabe deixar claro, nesse momento, a noção de palavra recursiva adotada por Peperkamp (1997). Para a autora, a palavra recursiva é aquela cujos membros estão agrupados sob um nó maior de palavra prosódica ainda que um destes elementos não seja prosodicamente independente, de acordo com (34).

(34)



r[è]ggi s[é]no (“sutiã”)

Na estrutura (34), que representa o chamado composto familiar, o primeiro elemento não constitui uma palavra prosódica por não evidenciar manutenção da vogal média baixa, indicadora de acento. Contudo, em Peperkamp (1997), não é esse critério, o da manutenção do acento, que conta para apontar violação a Não Recursividade – restrição lançada por Selkirk (1995) e de que faz uso Peperkamp em sua análise.

A diferença entre o composto familiar e o composto não familiar, para a autora, é explicada pela obediência ou não a tal restrição, que é violada pelo candidato com vogal média-alta (*r[e]ggiseno*), o chamado composto familiar. No mapeamento do composto não familiar (*r[ɛ]ggi lume*, com a média baixa), não há violação a Não Recursividade porque, ainda que ambos os elementos sejam prosodicamente independentes, os mesmos não são considerados como sendo rotulados juntos sob um nó de uma terceira palavra prosódica.

Peperkamp também chama para a análise a restrição *Wrap*¹⁵, a qual demanda que os membros de um composto familiar sejam mapeados em um único X^0 (“wrapped”). Nos compostos familiares, essa restrição não será violada; tampouco, contudo, se verifica sua violação entre os compostos não familiares, conforme atestam os tableaux da autora, representados abaixo.

(35)

(a) Compostos Familiares

	Align	Wrap	Não Recursividade
(a) (r[e]ggiseno)ω	*!		
(b) (r[ɛ]ggi)ω (seno)ω		*!	
☞ (c) (r[e]ggi (seno)ω)ω			*

(b) Compostos Não Familiares

	Align	Wrap	Não Recursividade
(a) (r[e]ggilume)ω	*!		
☞ (b) (r[ɛ]ggi)ω (lume)ω			
(c) (r[e]ggi (lume)ω)ω			*!

É possível verificar, portanto, que *Wrap* não desempenha papel algum na diferenciação dos compostos familiares e não familiares. Além disso, não fica clara a diferença específica entre essa restrição e a restrição de alinhamento entre átomo sintático e palavra prosódica – *Align* (X^0 , L; PW, L), a qual prevê que as palavras sintáticas sejam alinhadas à esquerda com palavras prosódicas. A restrição *Wrap*, em nosso entendimento, poderia ser substituída por outra que demandasse simplesmente mapeamento de elementos dentro de um constituinte prosódico. Nesse caso, seria violada pelo candidato (b) do tableau (35a) e também pelo candidato (b) de (35b). Como está posta, tendo validade apenas para o mapeamento dos compostos familiares, essa restrição não atua sobre a saída do composto não familiar e, assim, nem mesmo tem sentido sua aparição no tableau (35b). Seu caráter, nesse sentido, é de uma restrição particular para dar conta de uma tipologia de compostos do italiano, o que sobrecarrega

¹⁵ Nos termos da autora: “*Wrap* (X^0 , fam): If X^0 is familiar, then, *Wrap* (X^0 , PW).”

o repertório de restrições universais. Além do mais, tal restrição faz referência à sintaxe, papel que poderia ser cumprido unicamente pela restrição de alinhamento.

Peperkamp também analisa a estrutura dos compostos formados de duas raízes, R + R, os quais pertencem às categorias nome e adjetivo. Tais formações se comportam como palavras monomorfêmicas e, assim, estão sujeitas a derivação, que acontece à esquerda, como a flexão.

(36)

philo+sofo	filósofo (“filósofo”)
filósofo + ico	filosófico (id.)
pre + filosófico	prefilosófico (“pré-filosófico”)

Apesar da semelhança, estes compostos se diferenciam prosodicamente de palavras simples. Enquanto as palavras simples apresentam acento na penúltima posição, compostos do tipo R + R do italiano apresentam acento antepenúltimo. A última sílaba do composto é marcada como extramétrica e um pé troqueu é construído sobre a última e a antepenúltima sílabas. O acento antepenúltimo, então, é resultado da extrametricidade e do padrão troqueu.

Os compostos do tipo raiz mais palavra (R + W) também aparecem na descrição da autora. No italiano, em formações desse tipo, a raiz pode ser tanto de origem greco-latina, quanto italiana (nativa). A lista de raízes gregas (originárias de nomes e adjetivos) candidatas a figurar nesse tipo de formação é mais diversificada se comparada à lista de raízes latinas (originárias de preposições e quantificadores).

Peperkamp prefere não postular limite preciso entre raízes e prefixos. Para entendermos a visão da autora, observemos os exemplos abaixo.

(37)

bisessuale (“bisexual”)
omosessuale (“homossexual”)

Dado que *omo* (“homo”) é considerada raiz (porque dissilábica e terminada em vogal – apesar de sua contraparte *bi* ser considerada prefixo), qual a diferença entre prefixos dissilábicos e raízes? Segundo Peperkamp, esses elementos híbridos, apesar de apresentarem comportamento prototípico de raiz, apresentam distribuição de prefixo.

Ou seja, *omo*, tal como o prefixo *bi-*, pode se combinar dentro de formações exocêntricas ou de cabeça à direita.

Em segundo lugar, tanto raízes deste tipo, quanto prefixos, podem se combinar em ordem livre dentro de uma mesma formação, conforme *anti+neo+facismo* e *neo+anti+facismo*. Além disso, se raízes podem ser fatoradas, prefixos terminados em vogal também o podem, conforme, *pre o posbellico* (“pré ou pós-guerra”), exemplo que traz a autora.

Em compostos do tipo R + W, em que aparecem raízes nativas, temos o *clipping*, que é a forma reduzida de uma palavra, com o mesmo significado da sua base. *Clippings* são derivados a partir do mapeamento esquerda-direita da base em um template mínimo, que é definido como um troqueu silábico terminado em vogal. Podemos citar como exemplos, *euro*, de *européu*, que participa na formação *euromercato* (“euromercado”), e *narco*, de *narcotici* (“narcótico”), que participa em *narcotraffico* (“narcotráfico”). Vale apontar, de acordo com Peperkamp, que o *clipping* é utilizado no italiano como forma livre. É o que podemos perceber nas reduções *bici*, de *bicicleta*, *foto* de *fotografia* e *moto*, de *motocicleta*. Isso levanta o problema em relação ao estatuto dos *clippings*, a saber, se constituem formas reduzidas ou formas básicas, uma vez que aparecem na composição. Caso sejam considerados formas básicas, formações com *clippings* seriam classificadas como W + W, e não R + W. Contudo, o fato de que nem todos os *clippings* ocorrem livremente, como *narco*, por exemplo, aponta para o seu caráter reduzido, formador de composição do tipo R + W.

Além das formações com *clipping*, existem as formações com raízes nativas a partir de subtração e acréscimo de *-o* final. É, por exemplo, o caso de *anarco-sindicalista*, cujo primeiro elemento deriva de *anarch+ico*. Nesse caso, diferentemente, a base não é mapeada em um *template*, mas gerada por redução da raiz e acréscimo de um sufixo que não é, necessariamente, o mesmo sufixo do segundo elemento do composto. Os compostos assim gerados possuem sempre cabeça à direita, onde recebem flexão.

Sendo os compostos do tipo R + W similares a palavras prefixadas, sua estrutura prosódica é similar às deste tipo de palavra. No universo da prefixação, as palavras que contêm prefixos monossilábicos constituem uma única palavra prosódica, e aquelas que contêm um prefixo dissilábico são formadas por duas palavras prosódicas adjacentes. Nas formações contendo raízes dissilábicas ocorre o mesmo. Contudo, pode ocorrer de estas duas palavras prosódicas serem interpretadas como uma única unidade, o que é

evidenciado pelo levantamento de /ε/ e /ɔ/ tônicos da raiz. Temos, nesse caso, o composto familiar. A forma [ε]urosocialista, com a vogal acentuada, passa a [e]urosocialista, com o levantamento da vogal apontando diferente interpretação do composto, com um único acento principal. Aqui também, nos compostos R + W, as restrições que respondem pela forma familiar são as mesmas que respondem pelas formas familiares dos compostos W + W; a título de recordação, Align, Wrap e Não Recursividade.

O estudo de Peperkamp (1997) traz um real ganho para a análise dos compostos na medida em que é a primeira tentativa de uma análise em paralelo do fenômeno, em que fonologia, morfologia e sintaxe interagem. A grande inovação trazida por Peperkamp (1997) é o uso da restrição de alinhamento e da restrição proibitiva a recursão de categorias, Não Recursividade.

Enquanto a restrição Align permitiu olhar para aspectos sintáticos e fonológicos paralelamente, Não Recursividade permitiu diferenciar compostos que apresentam distintos comportamentos prosódicos, relacionando-os a diferentes constructos. Compostos familiares e compostos não familiares poderiam ser pensados como representantes de diferentes estágios de lexicalização dos compostos – se usarmos aqui o raciocínio análogo ao de Lee (1995, 1997), Moreno (1997, 2002) e Villalva (1992). Mais do que isso, entretanto, Peperkamp, através da diferenciação entre os dois tipos de compostos, apontou para a fronteira entre derivação e composição.

No entanto, sua análise apresenta lacunas na medida em que não vai adiante no sentido de questionar a fronteira entre a estrutura composicional e a estrutura frasal. Apesar de esse não ser o foco da autora, sua análise gera essa expectativa no leitor. Isso ocorre em função da inclusão da restrição Wrap na análise, a qual não parece exercer papel algum na escolha dos compostos não familiares (aqueles que mais se assemelham a frases).

As restrições que de fato competem na análise dos compostos não familiares são Não Recursividade e Align. Na escolha desses compostos, Wrap está presente, mas sequer pune o candidato que apresenta elementos adjacentes sem filiação comum, o candidato vencedor.

A questão para Peperkamp é a análise dos compostos mais lexicalizados (os chamados compostos familiares, que partilham traços com derivados) em contraste com os compostos menos lexicalizados (os compostos não familiares, que apresentam características mais sintáticas). A relação estabelecida por Peperkamp não é a da

diferenciação entre esses últimos e o sintagma. Nesse aspecto, a restrição Wrap – ainda que fizesse referência aos dois tipos de compostos – deixa de ter seu alcance maximizado. Supondo que a diferença entre o composto e o sintagma fosse revelada pelo modo de filiação dos elementos composicionais e dos elementos dispostos em um sintagma, a restrição Wrap teria um papel mais significativo. Sua função seria eleger o vencedor numa competição entre um candidato com elementos desprovidos de filiação comum (que fere Wrap) e outro cujos elementos são filiados de tal modo que os princípios de boa formação da hierarquia prosódica sejam feridos (violando Não Recursividade, por exemplo).

A restrição Wrap nos parece ser um ponto frágil da análise de Peperkamp, do modo como está estabelecida. Em primeiro lugar, porque, ao fazer referência a compostos familiares, especificamente, delimita a abrangência da restrição a um tipo muito particular de formação de palavra. Em segundo lugar, enquanto Não Recursividade e Align fazem referência a pressupostos e elementos da hierarquia prosódica, Wrap é a única restrição da análise que não foi concebida dentro desse escopo. Assim, por fazer referência a um objeto particular e por não estar associada, como as demais restrições, à hierarquia prosódica, essa restrição carece generalidade e de uniformidade no contexto em que está inserida.

Os ganhos trazidos pela análise de Peperkamp (1997), no entanto, prevalecem sobre seus pontos frágeis.

3.5 VIGÁRIO (1999, 2003)

Vigário (1999, 2003) investiga o comportamento de palavras que apresentam mais de um acento principal em PE e busca, principalmente, averiguar a diferença entre compostos e sequências de palavras não compostas. A autora examina alguns fenômenos que têm a palavra prosódica como domínio de aplicação, como a redução vocálica, alguns processos de elisão, e a atribuição de foco e de acento tonal. A aplicação desses fenômenos é testada em compostos morfológicos e compostos sintáticos, a fim de verificar seu estatuto enquanto palavra prosodicamente composta.

A composição morfossintática compreende os compostos formados pela concatenação de radicais (38a) ou de radicais mais palavras (38b). Compostos formados por radicais podem não se distinguirem prosodicamente de palavras simples, na medida

em que podem apresentar um único acento. Contudo, também há compostos morfológicos cujos radicais podem apresentar comportamento similar ao de palavras prosódicas independentes, gerando palavras prosodicamente complexas. Essa distinção pode ser exemplificada pelos pares abaixo.

(38)

(a) [fotografia]ω

(b) [foto]ω - [montagem]ω

Em (38b), cada um dos elementos é portador de um acento de palavra, o que acarreta ausência de regras de vocalismo átono nas vogais tônicas. Adicionalmente, nessas estruturas, a vogal média em sílaba fechada por [r], como em *infor-jovem* (Vigário, 2003, p. 234), sofre abaixamento – fenômeno evidenciado na borda direita da palavra prosódica no PE –, o que confirma a presença do acento, segundo Vigário.

Uma vez diagnosticada a presença de duas palavras prosódicas no composto, Vigário busca estabelecer sua prosodização. Ou seja, a autora busca meios para averiguar se tais configurações constituem sequências de palavras prosódicas dominadas diretamente por um nó de frase fonológica (ϕ) ou se se agrupam num constituinte intermediário entre a palavra prosódica e a frase fonológica.

O teste de foco fonológico utilizado por Vigário (1999, 2003) nos traz pistas sobre a prosodização de elementos compostos em contraste com elementos agrupados diretamente na frase fonológica. De acordo com a autora, no domínio da frase fonológica, o foco pode ser atribuído tanto a um elemento final quanto a um elemento não final. A restrição à atribuição do foco fonológico dá-se na composição; ou seja, nesse tipo de formação, a atribuição de foco se restringe ao elemento final.

No exemplo de Vigário (2003, p. 236), o teste mostra que o foco é assinalado no segundo elemento da sequência *foto-montagem*:

(39)

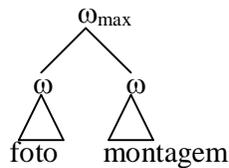
A: Disseste-me que o João é o responsável pela publicidade desta página?

B: Não. O João é o responsável pela foto-montagem desta página.

*foto-montagem

Se, na frase fonológica, o foco não é obrigatoriamente associado ao elemento final, então o padrão em (39), em que a associação de foco ao elemento final é compulsória, só pode ser explicado se considerarmos que, aí, estamos diante de uma categoria prosódica que não a frase fonológica. Para Vigário, esse tipo de formação é prosodizado numa estrutura recursiva dominada pela categoria a qual a autora chama de *palavra prosódica máxima* (ω_{\max}). Vejamos essa estrutura na representação abaixo.

(40)



A palavra prosódica máxima é assumida por Vigário (1999, 2003) para dar conta da prosodização de palavras que apresentam mais de um acento, como é o caso das palavras compostas. Essa estrutura constitui, na hierarquia prosódica, um constituinte intermediário entre a frase fonológica e a palavra prosódica.

Além dos compostos formados por radicais, vistos acima, existem também compostos formados pela concatenação de palavras que designam nomes de letras. As siglas são formadas pela concatenação de palavras que designam letras iniciais dos vocábulos fundamentais de uma designação ou título. Esse tipo de formação, ainda que composta por palavras, não apresenta organização sintática interna. As siglas apresentam acento de palavra em todos os elementos componentes e, conseqüentemente, as vogais portadoras de acento não sofrem processos de redução.

Para discutir o estatuto prosódico das siglas, Vigário também aponta para o processo de elisão da vogal média anterior (vogal não recuada – [-rec] –, nos termos de Vigário). Tal processo, que atua em fronteira direita da palavra, é bloqueado se a vogal em questão é seguida de uma vogal acentuada pertencente à palavra prosódica mais à direita em uma palavra prosódica composta. Vejamos os exemplos de Vigário (1999).

(41)

RN (erre éne) [j]/*0

RFM (erre éfe éme) 0/ [j]/*0

Se a elisão da vogal [-rec] não atua na vizinhança direita da palavra prosódica, conforme os exemplos acima, estamos diante de palavras prosódicas compostas.

Vigário analisa os casos de formações que resultam da composição sintática. Sabendo que esses agrupamentos são constituídos de duas palavras prosódicas, dada a presença de acentos de palavra, bem como a ausência de redução vocálica, a autora persegue a natureza fonológica dessas formações.

O primeiro teste é o de análise do comportamento da vogal posterior ([+rec], nos termos utilizados por Vigário) na concatenação de palavras. A elisão pode se aplicar, como alternativa à ditongação, se a vogal seguinte à vogal [+rec] for átona (*pequeno-almoço* [w]/0), mas é bloqueada se a vogal seguinte for portadora de acento (*salto alto* [w]/*0). Fora do composto, a elisão é bloqueada se a vogal seguinte receber o acento do sintagma fonológico, mas esse bloqueio não é obrigatório se essa vogal não for o cabeça da frase fonológica. Dentro do composto (conforme *porta óculos*), diferentemente, o processo é sempre bloqueado, independentemente da proeminência de frase fonológica, de acordo com exemplo (Vigário, 2003, p. 238).

(42)

João comprou (um porta-óculos castanho)φ [j]/*0

O que o bloqueio da vogal [+rec] evidencia, de acordo com Vigário, é que o composto se enquadra dentro de uma categoria que constitui a instância intermediária entre a palavra prosódica e a frase fonológica: a palavra prosódica máxima (ω_{\max}).

A atribuição de foco fonológico – que é à direita em formações compostas, de acordo com o que foi apontado previamente – também constitui, aqui, um argumento adicional, conforme Vigário (2003, p. 240).

(43)

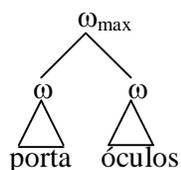
A: O João ofereceu um estojo à Maria.

B: Não senhor. O João ofereceu um porta-óculos à Maria.

*porta-óculos

A partir da evidência de atribuição de foco ao segundo elemento de *porta-óculos*, Vigário demonstra que compostos sintáticos são prosodizados como palavras prosódicas compostas:

(44)



Além dos compostos caracterizáveis como morfológicos e sintáticos, existem aqueles que, de acordo com Vigário (1999), ultrapassam as noções morfossintáticas de composição. Nesse contexto, estão as estruturas formadas com prefixos portadores de acento e prefixos dissilábicos (os chamados *pseudoprefixos*, cujo estatuto de prefixo ou radical não é de simples decisão – como também aponta Schwindt [2000] conforme veremos mais adiante). A presença de acento de palavra, e conseqüente não alteração da vogal acentuada, bem como a ausência de redução das vogais átonas finais em sílabas fechadas por [r] constituem evidências de que prefixos dissilábicos têm o estatuto de palavras prosódicas independentes. Temos como exemplos de compostos formados com esses prefixos *poli-copiado*, *extra-magro* e *hiper-mercado*. Além desses, existem prefixos monossilábicos que se apresentam como palavras prosódicas independentes, dada a presença do acento e a ausência de regras de vocalismo átono. Constituem exemplos de compostos formados com esses prefixos *pré-seleção*, *pós-guerra* e *pró-independência*.

Resta saber se essas formações se prosodizam em construções complexas. O teste de elisão da vogal [+rec] define que o contexto relevante para o bloqueio do fenômeno é o da vogal [+rec] seguida de vogal acentuada dentro de composto, conforme *extra-época* [ɐ]/*0, e não necessariamente o de acento de frase fonológica (conforme *a quinta ordem dada* (0)/ [ɐ]). Também o foco fonológico é atribuído ao segundo elemento do composto, indicando que ali se localiza o acento principal da formação:

(45)

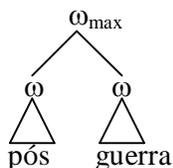
A: O teu irmão chegou a ir à festa ontem?

B: Não. O meu irmão foi ao mega-concerto ontem.

*mega-concerto

Segundo as evidências, essas sequências formadas com prefixos acentuados também são prosodizadas como palavras prosódicas compostas:

(46)



Além das estruturas formadas com prefixos acentuados, existem aquelas que se formam a partir de sufixos que recebem acento. É o caso dos sufixos *z-avaliativos* e do sufixo *-mente*, que recebem acento de palavra.

A presença do acento, pelo menos para as formas compostas com sufixos *z-avaliativos*, é evidenciada pela atribuição do foco fonológico, que é associado unicamente à segunda posição acentuada, de acordo com (47):

(47)

A: Acho que o João foi com a Maria ao cinema.

B: Não foi não. O João foi sozinho ao cinema.

*sozinho

Além dos sufixos, as bases destas formações também recebem acento. A pista indicadora de que tais formações constituem uma palavra prosodicamente composta é dada, então, pela não redução da vogal acentuada da base, de acordo com os exemplos de Vigário (2003, p. 219).

(48)

jacaré [ε] → jacar[ε]zinho *jacar[e]zinho *jacar[i]zinho

avó [ɔ] → av[ɔ]zinha *av[o]zinha *av[u]zinha

O sufixo *-mente* também forma com a base à qual está ligado uma palavra prosodicamente composta. Diferentemente do sufixo *z-avaliativo*, contudo, *-mente* não parece suscetível a receber foco, mas evidencia a presença do acento através do recebimento de acento tonal. Na distribuição tonal, palavras compostas têm sua primeira palavra prosódica acentuada quando estão localizadas no início de uma frase. A atribuição do acento tonal em compostos em posição não inicial de frase, de outro modo, recai sobre a sílaba acentuada da segunda palavra prosódica. Tal condição de atribuição de acento tonal é verificada nos advérbios contendo *-mente*, evidenciando que

estes apresentam característica prosódica de palavra composta. Vejamos o exemplo adaptado de Vigário (2003, p. 223).

(49)

a. Somente as professoras trabalham à tarde. POSIÇÃO INICIAL DE ϕ

[[[so] ω [mente] ω] ω_{\max} . . .] ϕ

T*

b. O material foi dado somente às professoras. POSIÇÃO NÃO-INICIAL DE ϕ

[. . . [[so] ω [**mente**] ω] ω_{\max}] ϕ

T*

A verificação desses fenômenos em sequências compostas, e comparação com sequências eventuais, leva a autora a estabelecer, portanto, uma nova categoria, a palavra prosódica máxima, a qual responde pelo agrupamento de palavras prosódicas em um constituinte diferente da frase fonológica, estabelecendo um limite entre sintagmas e compostos.

A análise dos compostos do PE empreendida por Vigário (2003) constitui uma sólida análise representacional. A fim de prover um lugar na hierarquia prosódica para a palavra composta do PE, a autora faz uso de uma gama de fenômenos como o vocalismo, o acento de palavra, o foco, o tom, entre outros.

Ainda que a autora não tenha como preocupação formalizar o fenômeno composicional em termos de uma gramática paralela, em que fonologia, morfologia e sintaxe interajam por meio de restrições, sua análise busca lançar um olhar sobre os compostos levando em consideração todos os três componentes. Acresce que sua análise tem o mérito de fazer isso sem estipular que certos fenômenos tenham de ocorrer em determinados níveis, como fazem Lee (1995, 1997) e Moreno (1997, 2002).

Seu trabalho também preenche a lacuna deixada por Peperkamp (1997), que se detém na diferença entre composição e palavra simples sem tocar nos limites entre composição e sintagma. Vigário elenca uma série de fenômenos para distinguir composição e sintagma e alocar a primeira na hierarquia prosódica. Contudo, apesar de provar que existe um lugar para a composição que é diferente do lugar da frase fonológica, a autora não explora a diferença entre a palavra prosódica simples e a

composição, valendo-se apenas da proibição de recursividade para dizer que o *locus* do composto não é o mesmo da palavra prosódica regular.

Segundo nosso entendimento, a decisão de estabelecer o constituinte palavra prosódica máxima tendo em mente a proibição à recursividade como único impedimento para abarcar o composto nessa categoria pode conferir a uma análise caráter particular. Ou seja, a autora não aponta para outros argumentos baseados em fenômenos de palavra prosódica – como o faz com fenômenos de frase fonológica – para sustentar a não inclusão do composto nessa categoria.

Aqui terminamos a revisão da literatura sobre palavras compostas. Nessa seção, nos limitamos a apresentar as análises que achamos que contribuem com o nosso estudo e, para que esse empreendimento fizesse sentido, procuramos apontar algumas lacunas desses trabalhos, mas não tivemos a preocupação de sinalizar, nesse momento, as propostas para uma análise mais completa. Cabe deixar claro que o que chamamos de “lacunas”, em relação aos estudos aqui analisados, são “lacunas” apenas do ponto de vista da análise que queremos empreender, a qual faz uso de pressupostos teóricos diferenciados e que tem como foco o português brasileiro. Todas as análises que fazem parte do nosso debate foram trazidas para o diálogo porque representam avanços na pesquisa sobre a formação dos compostos.

4. CONFIGURAÇÃO DOS COMPOSTOS DO PB

Dado o nosso pressuposto de que na composição há interação entre os diferentes componentes gramaticais, estão em jogo, neste tipo de formação, três tipos de palavra: a palavra morfológica, a palavra fonológica e a palavra sintática. A palavra “morfológica”, aqui entendida como a palavra do ponto de vista da morfologia, constitui unidade de significação que, junto com outro elemento da mesma categoria, dá origem ao composto, unidade com significado diferente daquele de suas partes. Por palavra fonológica, ou prosódica, entendemos aquela que carrega um acento principal. Por fim, a palavra sintática é aquela que figura na frase, constituindo um átomo sintático.

Nesta seção, procederemos à descrição morfológica, fonológica e sintática do vocábulo composto do PB. Consideraremos também alguns aspectos da ordem da semântica nessa descrição, ainda que esse componente não constitua foco em nosso trabalho. A descrição dos compostos segundo cada componente gramatical será feita em seções autônomas. O propósito dessa descrição segmentada é para que compreendamos o funcionamento de cada aspecto da composição segundo cada componente para que, posteriormente, entendamos melhor como os componentes interagem.

Nossa descrição é feita tendo como base dados de composição do PB. Uma vez que acreditamos que a composição é um mecanismo de formação de palavras produtivo na língua, optamos por pautar nossa análise não somente sobre dados já dicionarizados, mas também sobre dados de uso efetivo da língua – que nem sempre estão consagrados no dicionário. Tendo em mente esse objetivo, elegemos três fontes de dados: entrevistas do Projeto VARSUL, textos jornalísticos e palavras retiradas do portal de buscas Google.

As entrevistas do Projeto Varsul utilizadas como *corpus* deste trabalho provêm de uma amostra constituída de oito falantes adolescentes cuja escolaridade mínima é a sexta série do Ensino Fundamental, mais oito falantes universitários com menos de cinquenta anos de idade. Em ambos os níveis de escolaridade, metade do número de entrevistados era composta por homens e a outra metade era composta por mulheres. Essa estratificação, como se configura, teve o objetivo de captar o maior número de palavras compostas, tanto formas consagradas, já dicionarizadas, como formações

novas. Acreditamos que falantes mais jovens e com maior grau de instrução, por estarem inseridos em uma realidade regida pelo uso da tecnologia e pelo redimensionamento das relações sociais em geral, que abrem portas para a introdução de novos termos na língua, constituiriam o melhor caminho para chegarmos às estruturas composicionais produtivas em PB.

Quanto à fonte proveniente de textos escritos, acreditamos que essa é capaz de nos apontar dados de composição tanto coloquial quanto as formações mais eruditas ou aquelas que ainda estão restritas aos meios escritos. Para chegarmos a estes dados, nos utilizamos de exemplares das revistas “Veja” e “Revista da Semana” do ano de 2008.

O portal Google, por sua vez, nos forneceu dados e nos possibilitou a verificação de seu uso efetivo na língua. Todos os compostos aí encontrados passariam para o *corpus* se satisfizessem uma de duas condições. Uma delas era seu registro no “Dicionário Aurélio”¹⁶, e a outra era a ocorrência em pelo menos cinco contextos diferentes na internet. Cabe ressaltar, contudo, que algumas formações não usuais também entraram no *corpus*. Estas constituem criações com base em alguns compostos conhecidos na língua, como *pilantropia*, em analogia a *filantropia*, e também compostos formados por substantivos de entrada recente na língua, como *blogueologia*, formada a partir da palavra *blog*, proveniente do inglês.

Nossa descrição, portanto, será guiada por dados que configuram usos concretos da língua. Tais dados, que refletem criação e uso de itens na língua, nos apontarão o estatuto prosódico, morfológico e sintático da composição no PB. Nesse aspecto, consideramos que a intuição do falante tem papel determinante na caracterização da composição do português falado no Brasil.

Antes de adentrarmos à descrição dos compostos conforme cada tipo de palavra (fonológica, morfológica e sintática), discutiremos brevemente a própria noção de *palavra*. Tal discussão é fundamental em um trabalho que trata de compostos e justifica, em certa medida, nossa opção por tratarmos os três tipos de palavra separadamente.

4.1 O CONCEITO DE PALAVRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É bem conhecido na literatura o debate em torno do conceito de *palavra*. Tal debate, em geral, se inicia pela discussão do equívoco da definição de palavra pelo

¹⁶ Utilizamos a versão 5.0.

critério gráfico, discussão essa que não faremos aqui uma vez que tal assunto não está diretamente relacionado às problemáticas tratadas nessa tese. É consenso entre os linguistas o fato de que a palavra não se define por um único critério e que, ao contrário, os componentes fonológico, morfológico e sintático definem, cada um, palavra segundo seus pressupostos.

Tendo em vista essa pluralidade de pressupostos capazes de definir a palavra, o que se verifica é a impossibilidade de definir esse termo de modo que ele seja isomórfico em fonologia, morfologia e sintaxe. Mesmo dentro de cada componente, a unidade palavra também não é de fácil delimitação, e, na tentativa dessa delimitação, quando alguns pressupostos de um dado componente devem ser levados à discussão, a própria definição de tal componente pode ser rediscutida, como veremos.

Nosso debate pretende revisitar o conceito de palavra segundo os componentes fonológico, morfológico e sintático, examinando se existe isomorfismo entre os diferentes conceitos provenientes desses três componentes.

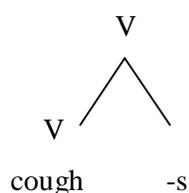
É importante lançar também um olhar sobre a visão da semântica, todavia. Começamos, então, analisando a correlação entre palavra e significado que é, ao lado do binômio palavra - símbolo gráfico, a mais generalizante e a menos esclarecedora. Do ponto de vista da semântica, a palavra é tradicionalmente definida como a unidade portadora de significado. Acontece que, quando se trata de linguagem, toda unidade transmite significado, seja esta o morfema, a palavra, a frase ou o fonema. Assim, dentro da morfologia, o morfema é portador de significado, independentemente de sua ocorrência como forma livre ou forma presa – o que difere é a natureza do significado, ou seja, se lexical ou apenas gramatical, mas todo morfema apresenta significação. Na fonologia, o fonema, ou mais rigorosamente, o traço, também pode ser tomado como um definidor de significado. Ainda que o traço isolado não apresente significação, dentro de um sistema ele pode determinar o significado de um ou outro signo. É o caso de pares mínimos que se diferenciam por apenas um traço, como “vaca” e “faca”. Os membros desse par se opõem apenas pelo traço [voz] da fricativa labiodental que, no primeiro membro do par, é vozeada e, no segundo, desvozeada. No âmbito da sintaxe, tanto a palavra quanto a sentença transmitem significados. A principal diferença formal, no entanto, entre a palavra e a sentença é que a primeira constitui uma unidade indivisível no plano sintagmático e a segunda é uma unidade que congrega vários elementos entre os quais operações podem ocorrer. Cada uma dessas unidades da sintaxe, contudo, porta significado.

Essa questão fica clara ao compararmos certas tipologias linguísticas. Línguas polissintéticas podem expressar através de uma única palavra uma ideia que em línguas analíticas são expressas através de frases, ou seja, de um grupo de vários elementos independentes organizados sintaticamente. Assim sendo, enquanto em línguas como o nootka (Aronoff e Fudeman, 2005) ou o groenlandês (Katamba e Stonham, 2006) existem palavras que transmitem significados que incorporam, a um só tempo, noções de sujeito, verbo e objeto, línguas como o vietnamita (Aronoff e Fudeman, 2005) apresentam uma relação de um para um entre morfemas e noções que expressam entidades e funções gramaticais. Portanto, diferentes línguas expressam certas noções de maneiras diversas, seja através de palavras, frases ou morfemas, o que indica que não é a palavra a unidade exclusiva do significado.

Mesmo no âmbito de uma única língua pode-se constatar que um determinado vocábulo e determinada perífrase apontam para um mesmo significado. Assim, no PB, “moedor” e “máquina de moer carne” se referem à mesma entidade. Nesse sentido, o significado é o mesmo, mas a unidade pelo qual ele se realiza é diversa. Daí o problema de se definir palavra pelo critério do significado.

Dentre os componentes fonológico, morfológico e sintático, sob os quais analisaremos a noção de palavra, escolhemos o último para dar seguimento a nossa discussão. Isso porque a sintaxe é tida comumente como o componente que tem a palavra como unidade mínima, e pensamos que isso merece ser discutido. Definir palavra como unidade mínima da sintaxe nos leva obrigatoriamente a discutir a definição de sintaxe, como alertam Aronoff e Fudeman (2005). Se tomarmos sintaxe como “a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frases”, definição esta retirada de um dicionário de linguística (Dubois ET AL, 1973), correremos o risco de considerarmos também certos morfemas como unidades sintáticas. Sob uma definição como essa, a combinação entre um verbo e um morfema flexional, categoria que interage com a sintaxe, poderia ser considerada de responsabilidade da sintaxe, como ilustram Aronoff e Fudeman (2005, p.34).

(50)



Assim, uma definição de sintaxe baseada na noção de combinação ou ordenamento de elementos significativos não é precisa, porque também a morfologia lida com combinação de elementos significativos – neste caso, os morfemas. Conforme os autores, a problemática da definição se resolveria se restringíssemos a atuação da sintaxe ao ordenamento de palavras prontas. Entretanto, isso implica um retorno ao problema inicial, ou seja, da definição da unidade palavra.

Como se observa, conceituar palavra como unidade mínima da sintaxe é uma definição circular, visto que o próprio conceito de sintaxe necessita delimitar o que, de fato, são suas unidades – o que são palavras e em que medida elas se diferenciam de morfemas. Não deixa de ser verdade que a sintaxe lida com produtos prontos da morfologia, mas, por outro lado, sabemos que há processos da morfologia que necessitam de informação da sintaxe. Ou seja, ainda que existam operações de combinação de elementos na palavra – que é de responsabilidade só da morfologia – paralelas às operações combinatórias na sintaxe, há certas operações que são de responsabilidade da morfologia, mas que dependem de informação sintática, como é o caso da flexão e da concordância. Nesse aspecto, combinação de palavras e combinação de morfemas não definem com precisão sintaxe e morfologia, respectivamente.

Talvez um conceito sintático adequado fosse aquele que definisse palavra como o elemento capaz de constituir isoladamente uma sentença. Nesse sentido, morfemas e também pronomes átonos – que têm caráter apenas funcional e cujo sentido se completa apenas frente a uma expressão de força lexical – estariam excluídos da categoria palavra, uma vez que não sustentam, sozinhos, uma sentença.

(51)

(a) Você falou direta ou indiretamente com o chefe? *In.

(b) Você lhe deu o endereço? *Lhe.

O que o exemplo ilustrado em (51a) nos indica é que afixos, em sua maioria¹⁷, são elementos dependentes, não podendo constituir um enunciado sozinhos. O exemplo (51b), por sua vez, demonstra que o clítico não é elemento apenas prosodicamente dependente. Sua dependência se dá também no nível sintático e semântico. Uma vez que o pronome *lhe* substitui uma preposição formadora de objeto indireto, seu sentido

¹⁷ Como veremos adiante, certos prefixos, chamados “prefixos composicionais” (Schwindt, 2000) apresentam certa independência. Tal característica, no entanto, é especial dessa categoria, como será explicitado.

só se completa se os elementos com as funções de sujeito e complemento indireto estiverem presentes na sentença. Isoladamente, portanto, afixos e clíticos não formam um enunciado isoladamente e, assim, não constituem palavra.

Temos de reconhecer, contudo, que, ainda que clíticos e morfemas presos não constituam palavras, ambos têm naturezas diferentes entre si. A relação do clítico com seu hospedeiro e a relação do morfema com a sua base são distintas. Enquanto morfemas são regularmente prefixos ou afixos, isto é, se anexam com regularidade ou à esquerda ou à direita da base, um mesmo clítico pode ora figurar à esquerda, ora à direita de seu hospedeiro, dando origem à próclise ou à ênclise. Outra diferença é que, enquanto entre base e morfema não pode se interpor nenhuma outra forma livre, entre clítico e hospedeiro essa interposição é possível, na sintaxe. Essa mobilidade do clítico em relação ao hospedeiro foi o que levou Câmara Jr. a postular a noção de forma dependente. Essa noção compreende os elementos que não são livres porque não funcionam isoladamente como um enunciado, mas que demonstram relativa independência sintática em relação ao elemento a que está ligado.

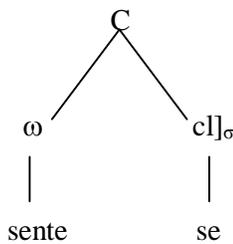
Porém, ainda que os clíticos não apresentem a mesma força de conteúdo que palavras lexicais, e, portanto, alguns teóricos não os considerem palavras, é fato que eles apresentam maior independência que morfemas. Para que possamos, então, classificar morfemas, de um lado, e formas sintaticamente independentes, de outro, é necessário investigar outros critérios. Aronoff e Fudeman (2005) e Booij (2007), entre outros, utilizam os critérios de não separabilidade e integridade como diagnóstico da palavra. Segundo o primeiro critério, palavras são aqueles constructos que não podem ser quebrados pela inserção de outro elemento sintaticamente livre. O segundo critério prevê que nenhum processo sintático pode ser aplicado entre as peças de uma palavra. Uma vez que, tanto entre diferentes palavras, quanto entre clítico e hospedeiro podem se evidenciar inserções e aplicação de processos sintáticos, as quais não se observam entre morfemas, podemos separar, de um lado, palavras e clíticos e, de outro, morfemas.

Nesse ponto, começa a ficar evidente que o termo palavra é demasiadamente amplo e não tem unificação assegurada ao ser analisado sob os diferentes componentes gramaticais. Ou seja, a definição de palavra sob o critério da significação não necessariamente corresponde à definição sintática. Para evitar a amplitude do termo palavra, adotaremos como unidade da sintaxe a noção de *átomo sintático* (de acordo com Di Sciullo e Williams, 1987), que abarca todo o elemento que ocupa um lugar na cadeia sintagmática, o qual é impermeável a operações morfossintáticas e dentro do

qual não se interpõe nenhuma forma livre; assim, integramos o clítico e a palavra em uma mesma categoria diferente da dos morfemas. A noção de átomo sintático será retomada no decorrer desse capítulo. Por ora, basta esclarecermos que a o termo átomo, aqui presente, remete a um elemento mínimo indivisível.

Do ponto de vista fonológico, muitos autores reconhecem que não se pode pressupor isomorfismo entre a palavra fonológica e o elemento terminal de uma árvore sintática (ou o átomo sintático). Fonologicamente, o que define a palavra é a presença de um acento. Em palavras isoladas, em certa medida é possível encontrar correspondência entre a palavra fonológica e o átomo sintático. O conflito começa quando tentamos estabelecer o estatuto dos clíticos, elementos dotados de autonomia sintática, uma vez que figuram nas terminações de uma árvore sintática, mas que, fonologicamente, são elementos dependentes por não possuírem acento. O clítico, nesse sentido, necessita se unir a um hospedeiro dotado de acento. Assim, ele buscará apoio em uma palavra prosódica independente à qual se adjunge com o estatuto de sílaba. O elemento resultante dessa adjunção também reflete falta de isomorfismo entre a fonologia e os componentes morfológico e sintático, conforme vimos anteriormente no exemplo de Booij e Lieber (1993) para o holandês e como segue abaixo, no exemplo extraído de Bisol (2000) para o PB.

(52)



Para além do clítico, algumas estruturas resultantes de certos fenômenos nos indicam essa falta de isomorfismo. É o que se verifica na atribuição do acento principal, ao compararmos sequências de palavras formando sintagma com outras formando compostos.

A fim de facilitar a compreensão do que está sendo dito, é interessante remetermos à noção de *pauta prosódica* proposta por Câmara Jr. para a identificação de vocábulos fonológicos. A pauta prosódica permite medir a intensidade do acento, sendo atribuído valor 3 para acento máximo, 2 para acento médio, 1 para sílaba pretônica e 0

para sílabas átonas. Quando houver um vocábulo isolado, esse será identificado com o acento 3, conforme (53a); havendo um grupo de força (sintagma constituído de dois ou mais vocábulos que constituem um grupo fonético significativo), esse será identificado pelo acento 3 no vocábulo mais à direita e acentos 2 nos vocábulos precedentes, de acordo com (53b), (Câmara, Jr. 1984 [1971], p. 36). Os exemplos abaixo nos indicam que a mesma cadeia fônica pode receber pautas diferentes.

(53)

(a) habilidade	celebridade
a.bi.li.da.de	ce.le.bri.da.de
1 1 1 3 0	1 1 1 3 0
(b) hábil idade	célebre idade
a.bi.li.da.de	ce.le.bri.da.de
2 0 1 3 0	2 0 0 3 0

A diferenciação entre acentos 2 e 3 permite reconhecer a individualidade prosódica de cada um dos vocábulos e, em certa medida, também mostra que a cada pauta acentual corresponde um átomo sintático.

Não é o que se verifica, no entanto, entre palavras compostas por justaposição (54a), as quais apresentam pauta idêntica a grupos de força (54b), mas constituem apenas um átomo sintático. Mais uma vez, tomamos exemplo de Câmara Jr. (1984 [1969], p. 37).

(54)

(a) grande chuva
gran.di.chu.va
2 0 3 0
(b) guarda chuva
guar.da.chu.va
2 0 3 0

Tanto o caso do clítico, mencionado anteriormente, quanto o caso de compostos justapostos evidenciam falta de isomorfismo entre palavra fonológica e átomo sintático. O clítico, que possui autonomia sintática, não apresenta autonomia prosódica e precisa

de um hospedeiro que lhe garanta relevância prosódica. O composto, por outro lado, se apresenta como um único átomo sintático, mas se prosodiza como um sintagma, uma vez que apresenta dois acentos de forte intensidade.

A existência de afixos acentuados também reforça a ideia de que palavras fonológicas não mantêm necessariamente correspondência com átomos sintáticos. É que se verifica no caso de sufixos como *-mente* e *-(z)inho*, que são dotados de acento, mas não são sintaticamente independentes. Tais sufixos constituem palavras fonológicas menores que um elemento terminal de uma árvore sintática. Por outra via, palavras formadas por esses sufixos constituem um único átomo sintático provido de duas palavras prosódicas.

Também o fenômeno da ressilabação, trazido por Bisol (2004, p. 9) serve para indicar que a correspondência entre bordas de palavra prosódica e palavra sintática podem não ser coincidentes. Isso se dá quando, numa sequência entre dois vocábulos, o primeiro termina em consoante e o segundo, em vogal, havendo a reestruturação desses elementos em uma única sílaba.

(55)

mar azul > [ma] [ra.zul]

paz antiga > [pa] [zan.ti.ga]

Acontece, então, que esse onset, que era parte do primeiro vocábulo, se incorpora ao segundo. Como resultado, esse vocábulo aumenta, por meio do ganho de material segmental do primeiro vocábulo, que diminui. Considerando que, no contínuo sonoro, certos átomos sintáticos se reestruturam, uma vez que incorporam material pertencente a elementos vizinhos, e também tendo em vista a necessidade que tem o clítico de hospedar-se a um elemento acentuado, é possível afirmar, de acordo com Bisol (2004), que existem palavras fonológicas maiores que palavras sintáticas.

Por fim, analisemos o conceito de palavra sob a ótica da morfologia.

Nos estudos morfológicos, aquilo que é reconhecido pelo senso comum como o constructo palavra se desdobra em outros constructos, os quais representam a pluralidade de aspectos que a palavra apresenta. Ao dissecar a palavra, a morfologia busca separar sua face abstrata e suas formas de uso potencialmente concreto. Temos, assim, de um lado, o *lexema*, que é uma abstração que encerra em si uma sequência fônica e um significado específicos e, de outro lado, temos a *forma de palavra*, que

constitui a concretização desse lexema através das formas em que pode se realizar, por meio das operações de flexão e derivação. Com, isso, o lexema BRINCAR apresenta *brinquei, brincar, brincando e brincarem* como algumas das suas formas de palavra.

Além do lexema e da forma de palavra, existe, o conceito de *palavra gramatical*, que é a representação de um lexema com especificações gramaticais próprias. Para o lexema BRINCAR, novamente, se individualizam as formas de palavra *brincamos* que representa 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, e *brincamos* que representa a 2ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, por exemplo.

Tanto o lexema quanto a forma de palavra e a palavra gramatical são objetos que são chamados de palavra num sentido amplo. Nesse aspecto, constata-se que aquilo a que genericamente chamamos palavra é analisado, na morfologia, dentro de um continuum que vai do mais abstrato (o lexema) ao mais concreto e específico (a palavra gramatical).

Desse continuum, talvez o mais relevante para o nosso estudo seja o lexema, que é a abstração a qual reúne um determinado grupo de formas. É o lexema que individualiza um termo, e não as suas especificações gramaticais. Especificações gramaticais estão representadas em morfemas que estão disponíveis para formar classes. No estudo da composição, especificamente, o lexema é a entidade mais importante porque é aquela que está mais próxima da significação mórfica. É a significação mórfica e, não suas especificações gramaticais, que são relevantes no processo de composição, como veremos mais adiante.

Palavra, de acordo com o que foi esboçado nas linhas acima, é um termo bastante amplo e de difícil delimitação. Assim, definir composição como a palavra formada por outras duas ou mais palavras não nos leva a um entendimento claro desse processo de formação. De acordo com nosso entendimento, o procedimento mais correto é definir a unidade palavra segundo cada um dos componentes gramaticais que estamos analisando e, a partir daí, observar como estas unidades interagem no processo composicional.

Nas seções seguintes, procuraremos estabelecer as configurações fonológica, morfológica e sintática dos compostos, tendo como pressupostos o conceito de palavra para cada um desses componentes.

4.2 CONFIGURAÇÃO FONOLÓGICA

A configuração fonológica é o ponto de partida para o estudo da interface entre os diferentes componentes gramaticais na composição. Do ponto de vista estritamente fonológico, que toma como pressuposto a hierarquia prosódica regulada pelos seus princípios, pressupõe-se que temos de analisar a composição respeitando o princípio de não recursividade, que prevê maximamente um acento para uma palavra prosódica. Visto que compostos são palavras que, por vezes, apresentam dois acentos, ou seja, apresentam o problema da recursão, a pergunta que norteia nossa análise fonológica é a seguinte: *como acomodar na hierarquia prosódica o composto enquanto palavra recursiva?* Esse problema tem suas repercussões na sintaxe e na morfologia. De um lado, há o problema de acomodar a palavra prosódica recursiva (duas palavras prosódicas) frente à sintaxe, uma vez que teríamos uma palavra sintática para duas palavras prosódicas em compostos que apresentam dois acentos – a questão da falta de isomorfismo. De outro lado, há certos afixos que apresentam estatuto prosódico independente e, nesse sentido, formam derivados prosodicamente compostos a partir da junção de tais afixos com um radical dotado de acento – a questão da fronteira entre compostos e derivados.

Antes de nos aprofundarmos nessas questões, contudo, é necessário que saibamos reconhecer a presença do acento na palavra. Para tanto, empreenderemos uma análise diagnóstica do estatuto prosódico dos compostos.

4.2.1 O ACENTO

O acento é um tema que tem crescido em autonomia desde o modelo gerativo clássico. Chomsky e Halle (1968) caracterizam o acento como uma propriedade da vogal, com o mesmo estatuto de qualquer outro traço. Nesse modelo, além dos traços de articulação, a vogal recebia o traço referente à sua proeminência, a saber [+acentuado] ou [-acentuado]. Vejamos, na formalização da regra de levantamento da átona final, um exemplo de matriz de traços que faz referência ao traço de acento.

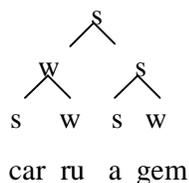
(56)

$$\left(\begin{array}{l} V \\ -ac \\ \alpha \text{ posterior} \\ \alpha \text{ arredondado} \end{array} \right) \rightarrow [\text{alta 2}] / \text{ ______ } \#$$

A regra (56) indica que a vogal não acentuada é candidata ao levantamento em posição final de palavra.

Com a Fonologia Métrica (Lieberman, 1975; Liberman e Prince, 1977), essa perspectiva mais estanque é substituída por uma visão relacional do acento. Ou seja, o acento é concebido como a proeminência relativa de uma sílaba em relação às outras sílabas de uma mesma sequência. A atribuição do acento se dá, neste modelo, através de uma árvore métrica que relaciona posições fortes (*s-strong*) e fracas (*w-weak*).

(57)



A árvore acima estabelece a relação de irmandade entre os nós, que se relacionam como dominante e dominado. Por fim, o acento recai sobre a sílaba “a” que acumula mais nós *s* até o topo da árvore. Outras propostas de análise foram introduzidas no modelo da Fonologia Métrica, como a grade (Lieberman e Prince, 1977), que combina a árvore com algarismos indicadores do grau de proeminência, e a grade parentetizada, que combina árvores com parênteses.

Hayes (1995) adiciona à Fonologia Métrica quatro propriedades tipológicas que representam critérios de adequação para a representação do acento: culminatividade, distribuição rítmica, hierarquia do acento e falta de assimilação. A culminatividade prevê que uma sequência, seja de sílabas na palavra, ou de palavras na frase, é portadora de um único acento principal (pico acentual no sintagma). As sílabas destas sequências, segundo o princípio de distribuição rítmica, devem ser espaçadas em igual distância, gerando padrões alternantes. A hierarquia do acento prevê a existência de múltiplos níveis de acento em certas línguas (primário a n-ário) e ainda prediz que tal gradação é

visível na fonologia, não sendo, portanto, consequência de regras fonéticas. A falta de assimilação, por fim, é uma propriedade universal, segundo a qual o acento não se espalha para as sílabas imediatamente seguintes ou precedentes àquela em que se encontra.

Dessas propriedades, parecem importantes para a análise dos compostos a hierarquia do acento e a culminatividade. A hierarquia de acento indica se os membros de um composto pertencem à mesma hierarquia e se, portanto, formam um mesmo domínio, através da distribuição dos níveis de acento. Nesse sentido, deve-se observar se o acento primário (mais alta proeminência na palavra lexical) e o acento secundário (a segunda maior proeminência numa cadeia de sílabas) caem em diferentes raízes ou não. Pelo critério da culminatividade, é possível estabelecer se duas palavras prosódicas estão agrupadas num composto. Em caso positivo, o acento principal culminará sobre o agrupamento das palavras em questão.

Sigamos, agora, para a investigação fonológica dos compostos, a partir da observação dos fenômenos indicadores da presença de acento na palavra prosódica.

4.2.1.1 O ACENTO NOS COMPOSTOS

Prosodicamente, existem dois tipos de compostos. De um lado, há aqueles que apresentam um acento primário e, de outro, existem formações que exibem dois ou mais acentos primários em sua configuração. Em geral, compostos que apresentam um único acento são aqueles que sofreram ajustes fonológicos na sua constituição; ou seja, seus componentes estão de tal modo fundidos que, prosodicamente, ambos constituem uma única palavra.

Diferentemente, existem os compostos que preservam os acentos dos seus elementos componentes. Nesse caso, a atribuição do acento incide sobre cada um dos elementos, que constituem palavras prosódicas independentes.

Em geral, essa diferença é refletida na escrita. Na literatura tradicional, compostos que evidenciam fusão dos seus elementos e apresentam um único acento, são chamados de aglutinativos – cabe ressaltar que algumas formações aglutinativas acabam perdendo o estatuto de composição, conforme veremos na próxima seção. Já aqueles que preservam a identidade de seus elementos são referidos como compostos por justaposição. Em princípio, por uma questão de referência aos dois principais tipos de

compostos fonológicos, adotaremos a nomenclatura tradicional, chamando de aglutinação aos compostos que portam um único acento principal e de justaposição aos compostos que carregam dois ou mais acentos principais. Vejamos os exemplos no quadro abaixo.

Quadro (1)- Configuração Fonológica dos Compostos do PB

Configuração	Exemplos		
Aglutinação	planalto	[pláno] + [áto]	> [planáto]
	hidrelétrico	[hídno] + [elétrico]	> [hidrelétrico]
	aguardente	[água] + [ardénte]	> [aguardénte]
	passatempo	[pássa] + [témpo]	> [passatempo]
	telentrega	[telefoné] + [entréga]	> [telentréga]
	carnatal	[carnavál] + [natál]	> [carnatál]
Justaposição	bem-vindo	[bém] [vínndo]	
	corda-bamba	[córda] [bámmba]	
	livre-comércio	[lívre] [comércio]	
	primeiro-ministro	[priméiro] [ministro]	
	recém-aberto	[recém] [abérto]	
	pau de arara	[páu] [de] [arára]	

Nos compostos resultantes de aglutinação, vale observar que a fusão pode ser consequência de ressilabação de seus elementos (como a degeminação em *água + ardente > aguardente*). Também é comum a composição por meio de *portmanteau*. Nesse caso, de acordo com Araújo (2002), ocorre a amalgamação de dois elementos, tomando-se, em geral, a parte inicial de um e a parte final de outro (*carna*, sílabas iniciais de *carnaval*, e *tal*, sílaba final de *natal*). O produto resultante da aglutinação é uma única palavra prosódica.

A justaposição, por sua vez, apresenta uma relação de um para um entre acento e raiz. Assim, a fusão é limitada pela presença do acento nos dois constituintes (como *cipó-abacate*, que preserva a vogal média baixa [ɔ] diante de [a]). Observa-se, aqui, portanto, a existência dos compostos que preservam os acentos de suas raízes.

Dado o pressuposto que assumimos, com a Teoria dos Constituintes Prosódicos, de que a palavra prosódica porta maximamente um acento, perguntamo-nos como

adequar os compostos dotados de dois acentos no escopo dessa teoria? Qual seria o estatuto da composição na hierarquia prosódica, visto que se perde a relação de um para um entre palavra e acento? Como podemos observar, nas formações compostas, instaura-se o problema da falta de isomorfismo entre palavra como unidade morfossintática e palavra prosódica. Nesse caso, a menos que fosse prevista uma permissão para múltiplos acentos na palavra (a possibilidade de violação ao princípio de não recursividade), o composto, por portar mais de um acento, se igualaria à estrutura frasal.

A classificação mencionada acima, que examina os compostos como estruturas aglutinativas *versus* estruturas justapostas, não é suficiente para caracterizar a formação composicional do ponto de vista prosódico. Isso porque tal classificação é, antes, um critério vinculado à escrita, perdendo a validade na medida em que existem compostos que apresentam seus elementos graficamente unidos ao mesmo tempo em que preservam o caráter acentual dos mesmos. Em função disso, faz-se necessária a busca de um critério mais adequado à classificação dos compostos sob a perspectiva de sua estrutura acentual.

Para tanto, buscaremos evidências para a tipologia dos compostos em fenômenos fonológicos que atuam no domínio da palavra prosódica. Seguiremos, aqui, a análise de Schwindt (2000) para os prefixos do PB. A fim de fazer distinção entre “prefixos composicionais” – os quais apresentam comportamento de palavra prosódica, por apresentarem acento, e dispõem de certa autonomia como forma livre – e “prefixos legítimos” – os quais se comportam como sílabas incorporadas a uma base – o autor lançou mão de dois grupos de fenômenos. O primeiro grupo conta com processos típicos de limite de palavra prosódica, a saber, a neutralização da átona final e o sândi vocálico externo. O segundo grupo é constituído de processos que têm como domínio de aplicação o interior da palavra prosódica, quais sejam a neutralização da pretônica, a harmonia vocálica e a assimilação da nasal. Através de evidências, o autor consegue comprovar que aos processos do primeiro grupo estão sujeitos os prefixos composicionais, uma vez que se estabelece entre esse e sua base um limite de palavra prosódica. Já os prefixos legítimos, por se comportarem como sílaba, estão sujeitos aos processos do segundo grupo, uma vez que formam com sua base uma única palavra prosódica.

Nossa hipótese, ao adotarmos a análise de Schwindt (2000), é a de que compostos sensíveis aos processos do primeiro grupo apresentam duas palavras

prosódicas em sua constituição, enquanto que compostos sensíveis aos processos do segundo grupo são formados de uma única palavra prosódica e contêm maximamente um acento.

Vejam, primeiramente, os processos do primeiro grupo. Começamos pela neutralização da átona final. De acordo com Câmara Jr. (2006 [1970]; 1984 [1969]), o fenômeno de redução da átona final abrevia o sistema de sete vogais de contexto tônico do PB (/i/, /u/, /e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/, /a/) a um quadro de cinco vogais em contexto átono (/i/, /u/, /e/, /o/, /a/). Em posição final, este quadro se reduz para três elementos (as altas /i/ e /u/ e a baixa /a/). Por constituir fenômeno de final de palavra, esse processo potencialmente atinge toda fronteira vocabular, com exceção em alguns dialetos. Nesse sentido, se tal processo se fizer presente no interior de determinada palavra composta, é porque estamos diante de um composto formado por duas palavras prosódicas independentes. Vejam, então, os exemplos.

(58)

ferro-velho	ferr[u]-velho
livre-comércio	livr[i]-comércio
bate-boca	bat[i]-boca
autodidata	aut[u]didata

A ocorrência de neutralização da átona final no primeiro membro de cada um dos compostos nos leva a crer que esses são constituídos de duas palavras prosódicas independentes; caso contrário, a neutralização não teria contexto de ocorrência, como se pode verificar no conjunto de exemplos abaixo.

(59)

quilograma	*quil[u]grama
fotocópia	*fot[u]cópia
mitologia	*mit[u]logia

Nesses casos, em que a vogal final do primeiro membro do composto não se neutraliza, preservando suas características, a fronteira vocabular entre esse e o segundo membro do composto já não é mais visível, desfazendo-se o contexto para a redução, evidenciando tratar-se, o composto, de um vocábulo prosodicamente simples.

A redução da átona final, portanto, é um processo que nos ajuda a diagnosticar a presença da palavra prosódica e, conseqüentemente, pode indicar como se prosodizam alguns compostos do PB.

Outro fenômeno que pode nos valer é o sândi vocálico externo, o qual promove a reestruturação de sílabas. Os processos de sândi externo são a ditongação, a degeminação e a elisão. Uma vez que os dois primeiros processos podem ocorrer tanto em fronteira quanto em interior de vocábulo, não nos servem de diagnóstico para a presença da palavra prosódica.

(60)

Ditongação

- | | |
|--|----------------------|
| (a) família <u>un</u> ida → famíli[aw]nida | FRONTEIRA VOCABULAR |
| (b) <u>ti</u> ara → t[ja]ra | INTERIOR DE VOCÁBULO |

Degeminação

- | | |
|---|----------------------|
| (a) criança <u>a</u> mada → crianç[a]mada | FRONTEIRA VOCABULAR |
| (b) <u>co</u> ordenar → c[o]rdenar | INTERIOR DE VOCÁBULO |

A elisão, por seu turno, ocorre apenas em fronteira vocabular, reestruturando sílabas átonas de vocábulos adjacentes, especificamente quando a vogal baixa /a/ se encontra diante de outra vogal. Vejamos as possibilidades de aplicação da regra.

(61)

Elisão

- | | |
|---|----------------------|
| (a) cara <u>e</u> stranha → car[i]stranha | FRONTEIRA VOCABULAR |
| (b) esva <u>e</u> cer → *esv[e]cer | INTERIOR DE VOCÁBULO |

Visto que a elisão se aplica entre palavras prosódicas independentes e é bloqueada em interior de palavra, pensamos que tal processo pode servir para testarmos a prosodização dos compostos do PB. Esperamos, então, que compostos prosodizados com dois acentos apresentem a elisão, uma vez satisfeito seu contexto de aplicação, e que compostos agrupados sob um único acento sejam imunes ao processo.

(62)

(a) *pedra-infernal* → pedr[i]nferral

(b) *porta-espada* → *port[i]spada

Enquanto em (62a) observamos a elisão de [a] e [i] em [i], apontando que *pedra* e *infernal* se apresentam prosodicamente independentes, o mesmo não se pode dizer de *porta* e *espada* em (62b), em que as mesmas vogais, [a] e [e], em posição adjacente, não são atingidas pelo processo, evidenciando que a sequência é prosodizada sob um único acento primário.

Passemos, agora, ao segundo grupo de processos analisados por Schwindt (2000). Dado que estes processos são típicos de interior de palavra prosódica, lembramos que compostos prosodizados sob um único acento são aqueles que esperamos estarem sujeitos a esses processos. Analisemos, primeiramente, a neutralização da pretônica.

Dos fenômenos de vocalização, além da já referida redução da átona final, o PB também apresenta a neutralização da vogal pretônica. Como descrito por Câmara Jr. (2006 [1970]; 1984 [1969]), em contexto pretônico, o sistema de sete vogais do português se reduz a cinco, por força da quebra da oposição entre vogais médias altas e médias baixas. Esse fenômeno é bastante visível quando comparamos vocábulos simples que contêm vogais médias baixas com seus derivados que apresentam vogais médias altas, conforme os exemplos abaixo.

(63)

b[ɛ]lo → b[e]leza

c[ɛ]go → c[e]gueira

m[ɔ]vel → m[o]veleiro

c[ɔ]bra → c[o]brejar

Os exemplos evidenciam que, dentro da palavra prosódica, /e/ e /o/ assumem qualidade média baixa apenas em contexto tônico. Estando na posição pretônica, transmutam-se em vogais médias altas. Assim, trazendo exemplo de Quadros e Schwindt (2008, p. 4), “é importante notar que a perda de acento da sílaba *be* em *beleza* se deve ao fato de o domínio de atribuição de acento nessa palavra incluir o sufixo *-eza*”. Uma vez que este é um fenômeno de interior de palavra prosódica, serão

considerados prosodizados sob um único acento vocábulos compostos cujo primeiro membro apresenta a neutralização. De modo diverso, compostos que preservam a vogal do primeiro elemento com qualidade média baixa evidenciarão que agrupam duas palavras prosódicas independentes.

(64)

porta-malas	p[ɔ]rta-malas
copo-de-leite	c[ɔ]po-de-leite
rodapé	r[ɔ]dapé

A preservação da qualidade média baixa no primeiro elemento dos compostos acima indica a presença do acento, que bloqueia a neutralização. Nesse caso, estamos diante de compostos formados por elementos prosodicamente independentes, ou seja, compostos formados de duas palavras prosódicas. Conforme Schwindt (2008, p.5), “o limite fonológico é preservado porque a análise da estrutura mórfica desses vocábulos (nos termos de Aronoff, 1976) é transparente para os falantes”, fato que exploraremos mais adiante.

Observamos, em nossos dados, que o número de compostos prosodizados sob um único acento parece mais restrito. Em geral, a prosodização sob um único acento, como ocorre em *corrimão* > c[o]rrimão, por exemplo, não parece ser muito frequente entre compostos cujas raízes têm origem vernácula. Isso é apontado pela análise de Quadros e Schwindt (2008), que atestou altas taxas de vogal média baixa nos compostos, especialmente naqueles formados de duas formas livres. Casos de prosodização simples são mais comuns no universo dos compostos formados por elementos de origem greco-latina, como

(65)

cosmopolita	c[o]smopolita
metrópole	m[e]trópole
televisão	t[e]levisão

Esse tipo de formação é vista como palavra simples, portadora de um único acento, dado que aí a neutralização é ativa. Observa-se, todavia, que ao lado das formações eruditas, sensíveis à neutralização, estão as formações híbridas, as quais

combinam um radical greco-latino com uma raiz vernácula. Essas formações apresentam dois acentos, conforme indica a preservação da vogal média baixa.

(66)

FORMAÇÕES ERUDITAS

sociologia s[o]ciologia
 fotografia f[o]tografia
 protozoário pr[o]tozoário
 retrovisor r[e]trovisor
 neologismo n[e]ologismo
 telegrama t[e]legrama

FORMAÇÕES HÍBRIDAS

sociocultural s[ɔ]ciocultural
 fotocondutor f[ɔ]tocondutor
 proto-histórico pr[ɔ]to-histórico
 retroescavadeira r[ɛ]troescavadeira
 neoliberal n[ɛ]oliberal
 telemensagem t[ɛ]lemensagem

A preservação da vogal média baixa parece apontar para a visibilidade do radical no interior da palavra. Tanto é assim, que alguns desses elementos já adquiriram independência lexical, figurando como itens autônomos, como *foto*, ou apresentam alto índice de produtividade, figurando em formações novas, como *neo*, por exemplo. Outros elementos de origem greco-latina adquirem autonomia via processo de *clipping*. Este é o caso, por exemplo, de *tele*, forma reduzida do vocábulo *telefone*, que dá origem a formações como *telemensagem* e *telentrega*, entre outras de criação recente.

Outro processo de interior de palavra prosódica que pode nos fornecer pistas sobre a prosodização dos compostos do PB é a harmonia vocálica. Tal fenômeno atinge as vogais médias /e/ e /o/, as quais são alçadas a /i/ e /u/ quando em contexto precedente a uma vogal alta. Vejamos os exemplos.

(67)

medida → m[i]dida
 pedido → p[i]dido
 coturno → c[u]turno
 coruja → c[u]ruja

Na composição, contudo, esse processo parece ser válido para testar apenas as formações cujo primeiro elemento é um monossílabo tônico, porque elementos dissilábicos estão sujeitos à neutralização da átona final, regra que também transmuta vogais médias em vogais altas.

(68)

(a) bate-bico → bat[i]-bico NEUTRALIZAÇÃO DA ÁTONA FINAL

(b) bom-dia → *b[u]m-dia BLOQUEIO DA NEUTRALIZAÇÃO DA AF

(c) bem-te-vi → b[i]m-ti-vi HARMONIA VOCÁLICA

O levantamento em (68a) é fruto da neutralização da átona final, e não de harmonização de [e] contíguo a [i]. Em (68b), por se tratar de um monossílabo tônico, *bom* jamais sofreria levantamento de [o] para [u]. Quando, contudo, o levantamento é verificado no monossílabo de (68c), é porque esse apresenta comportamento de sílaba fraca não-final que forma, com a palavra contígua, um único domínio para a aplicação da harmonia vocálica. Diferentemente, a não aplicação da harmonia vocálica, que preserva a qualidade da vogal do monossílabo, conforme (68b), indica que esse é uma palavra prosódica independente, com domínio próprio de aplicação de regras, imune à vogal alta do elemento contíguo que serve de gatilho à harmonia vocálica. O que procuramos esclarecer aqui é que, em um composto, um caso de levantamento de vogal média do primeiro elemento só pode ser diagnosticado como harmonia vocálica caso seja descartada a possibilidade do referido processo ser resultado de neutralização da átona final. A consequência disso é que apenas os compostos cujo primeiro elemento é monossilábico, os quais não sofrem neutralização da átona final, podem sofrer harmonia vocálica – caso sejam prosodizados junto com o elemento contíguo.

O comportamento da vogal nasal é o último dos processos de interior de vocábulo analisado por Schwindt (2000) para diferenciar prefixos composicionais e prefixos legítimos. Assumimos neste trabalho, a vogal nasal como o grupo V + C, vogal e consoante nasal, nos moldes de Câmara Jr. Para efeito de verificação do estatuto morfofonológico dos compostos, nos interessa saber a distinção entre sequências de nasal mais vogal e nasal mais líquida em interior e em fronteira de palavra.

Em interior de vocábulo, a nasal se manifesta como consoante coronal, quando seguida de vogal, conforme (69).

(69)

an + alfabeto → a[na]lfabeto

in + (h)ável → i[na]bil

Nesse caso, temos uma fronteira morfológica formada pela nasal em coda de prefixo legítimo mais a vogal da base. Aqui, a nasal ressilabifica com a vogal seguinte, emergindo como onset coronal.

Ainda em interior de vocábulo, vejamos os casos em que a nasal é contígua a uma consoante líquida em fronteira morfológica.

(70)

in + legal → i[l]egal

in + real → i[r]eal

Nesses casos, ocorre a assimilação total da nasal.

Quando a nasal está em fronteira de palavra ou mesmo entre os chamados prefixos composicionais e a base a que se anexam, não é a assimilação nem a coronalização o que se espera, mas uma das seguintes situações: (71) apagamento da nasal, (72) ressilabação como nasal palatal e (73) ditongação.

(71)

pan-eslavismo → p[ã:]-eslavismo PREFIXAÇÃO

(72)

bem-acabado → be[ɲa]cabado COMPOSIÇÃO

(73)

tem irmãos → t[ẽj] irmãos ELEMENTOS CONTÍGUOS NO SINTAGMA

Analogamente à análise de Schwindt (2000), esperamos que compostos prosodizados com dois acentos, cuja fronteira entre os elementos sejam N + V ou N + líquida, apresentem um dos três processos supracitados e jamais a coronalização ou a assimilação.

(74)

(a) bem-amado *be[na]mado

(b) bem-resolvido *be[r]esolvido

A sequência em (74a) é imune à coronalização devido ao contexto de fronteira prosódica. O mesmo fator bloqueia a assimilação da nasal em (74b). Em ambos os exemplos, emerge a ditongação.

Além dos dois grupos de processos fonológicos utilizados por Schwindt (2000), consideramos o teste de relação de proeminência levado a cabo por Vigário (2003 e 2006) para a descrição dos compostos do PE. Tal teste nos permite verificar se uma determinada sequência é dominada por um nó de frase fonológica ou se, diferentemente, é agrupada dentro de um constituinte intermediário entre a palavra e a frase fonológica. Segundo Vigário, quando se trata de um composto fonológico (ou seja, uma palavra prosódica recursiva), uma dada sequência apresentará proeminência maior no segundo elemento. Ilustremos tal fato com exemplo adaptado da autora.

(75)

(a) O híper-monstruoso ficou lindo!

(num universo de bonecos de plástico moldados de vários tamanhos)

(b) O híper monstruoso ficou lindo!

(falando-se de um hipermercado enorme)

Para Vigário (2003, 2006), a proeminência de *híper* é inferior em (75a) em relação a (75b). Segundo a autora, isso se explica se considerarmos que em (75a) os constituintes não estão dominados diretamente pelo nó de frase fonológica, tal como estipulado para (75b), mas por um constituinte intermediário a este e à palavra prosódica, a palavra prosódica máxima (ω_{max}), conforme Vigário (2003), ou *grupo de palavra prosódica* (PWG), constituinte em que a autora agrupa a palavra, o grupo clítico e o composto, em versão mais recente de seu trabalho (Vigário, 2006).

Sendo assim, o teste de relação de proeminência serve para diagnosticar, em termos prosódicos, a diferença entre sequências composicionais e sequências eventuais. Nesse sentido, a diferença entre tais formações reside no fato de que, nas sequências composicionais, o elemento mais à direita apresenta proeminência mais marcante se comparado ao elemento à direita na mesma sequência prosodizada num PWG. Vejamos o teste para dados do PB.

(76)

(a) Não gosto do povo francês, [mas o norte-americano é um belo povo.]

(a nacionalidade norte-americana)

(b) Não gosto dos Estados Unidos, [mas o norte americano é uma bela região.]

(a região norte dos Estados Unidos)

Em (76a), em que o composto *norte-americano* se refere ao habitante dos Estados Unidos da América, parece haver menor proeminência de *norte* em relação a (76b), em que esta mesma palavra figura ao lado também de *americano*, porém numa sequência não composta. Nessa sequência, *norte* e *americano* formam um sintagma adjetival. Nesse tipo de contexto, *norte americano*, *norte brasileiro* ou *norte alemão* se equivaleriam sintagmaticamente; não se trata do substantivo fechado para designar uma determinada nacionalidade como em (76a).

De acordo com a autora, quando se trata de elementos agrupados sob um nó de frase fonológica, o foco pode ser atribuído tanto ao elemento final quanto ao elemento não final. A única situação de bloqueio do foco fonológico é quando um elemento não for o portador do acento do PWG, ou seja, quando não for o elemento final de um composto.

O exemplo adaptado de Vigário (2006) evidencia que a restrição à atribuição de foco fonológico no primeiro elemento do composto tem prioridade em relação à focalização de acordo com a posição da informação semântica.

(77)

A: Ele é um poligâmico convicto?

B: (Não). Ele é um monogâmico convicto.

* monogâmico

No exemplo acima, a informação que revela o contraste semântico entre *monogâmico* e *poligâmico* se encontra no primeiro elemento da palavra (*mono*). No entanto, o foco recai sobre o seu elemento final.

Para verificar a validade do foco fonológico para os dados do PB, realizamos um teste com falantes nativos da língua. Para isso, nos valem de sentenças do tipo pergunta/resposta contendo compostos e outras contendo os elementos idênticos aos do

composto, porém agrupados em um sintagma¹⁸. Nosso objetivo foi diagnosticar a diferença na atribuição de foco – e a prosodização conforme Vigário – em compostos *versus* construções sintagmáticas.

Começemos por analisar (78) e (79).

(78)

A: O norte brasileiro é frio.

B: Não! O norte americano é que é.

(79)

A: O norte americano é mais pobre.

B: Não! O sul americano é que é.

Tanto em (78) quanto em (79), temos, nos termos sublinhados, sequências de NPs do tipo determinante mais determinado, e não compostos. Em ambas as sequências, não há restrição de atribuição de foco à direita ou à esquerda, por se tratarem de elementos agrupados sob um nó de frase fonológica. Em (78), debate-se sobre o país cuja região norte se afirma ser fria, e a informação que está à direita na sequência é que recebe o foco. Em (79), a questão é a região mais pobre. Aí vemos que é o elemento à esquerda que é focalizado. Assim, vemos que não há restrição à focalização de elementos agrupados em sequências não compostas.

Quando tratamos de testar a direcionalidade do foco em sequências compostas, via contraste de estruturas, contudo, não percebemos o foco no segundo elemento categoricamente.

(80)

A: O Mendez é sul-americano?

B: Não! Ele é norte-americano.

Em estruturas como a de (80), percebemos que o foco foi atribuído, por alguns informantes, ao primeiro elemento. Esse resultado, pensamos, pode ser efeito do contraste semântico, localizado no primeiro elemento em *sul-americano* e em *norte-*

¹⁸ O instrumento de verificação foi elaborado, primeiramente, na forma de um texto contendo as sentenças pergunta/resposta. Por constituir um exercício de leitura maior, que demanda concentração, o texto inibiu a naturalidade da fala dos informantes. Assim, decidimos por um instrumento mais objetivo, contendo apenas os pares de sentenças do tipo pergunta/resposta. Ambas as versões constam nos anexos.

americano. Notamos, contudo, diferença de realização em *sul-americano* (gentílico) e *sul americano* (região) – eliciado em outro momento do teste. Nesse caso, um dos informantes realizou o gentílico ressilabando a lateral da coda final de *sul* com a vogal inicial de *americano*, ou seja *su[la]mericano*. O mesmo informante não efetuou a ressilabação quando pronunciou *sul americano* se referindo à região. Nota-se, aqui, portanto, ajustes fonológicos no composto não encontrados na sequência sintagmática correspondente.

Os achados de nossa verificação não nos permitem apontar para um resultado absolutamente confiável sobre a relação entre a atribuição de foco à direita nos compostos e sua prosodização no PB, como o faz Vigário para o PE. No entanto, encontramos tendências, evidenciadas pela atribuição de foco sem o efeito do contraste semântico (76a) e pela ressilabação, que nos permitem querer aprofundar essa investigação.

Relações de proeminência, como a atribuição de foco são, portanto, fatores de ordem prosódica que podem denunciar a diferença entre elementos agrupados na frase e elementos constituintes de um composto.

Em suma, para efeitos de classificação fonológica dos compostos, adotamos o ponto de vista baseado em sua estruturação prosódica. Segundo essa visão, compostos se dividem entre aqueles que apresentam um único acento primário e aqueles formados por elementos que preservam seus acentos, os quais se reorganizam sob um acento principal. A aplicação dos fenômenos fonológicos acima descritos é o que nos permite diagnosticar o estatuto prosódico do composto.

4.3 CONFIGURAÇÃO MORFOLÓGICA

Do ponto de vista morfológico, analisaremos como os compostos se organizam internamente. Nosso objetivo, aqui, é descrever a organização interna dos compostos segundo os seus elementos componentes.

Nessa seção, para efeitos de delimitação, serão contemplados compostos morfológicamente complexos, ou seja, aqueles formados por pelo menos dois elementos com força lexical na língua. Assim, também é necessário estabelecer um critério para especificar quais são esses elementos. Obviamente, palavras são elementos com autonomia. Contudo, também verificamos que certas raízes e radicais, ainda que não

figurem isoladamente, possuem força lexical, no sentido de que possuem maior carga de significado se comparados a morfemas funcionais. Nesse sentido, para descrever o composto sob o ponto de vista morfológico, é necessário estabelecer uma categoria dentro da qual se incluem estes elementos mórficos de maior força lexical.

Assim, pensamos que, para efeito de classificação, poderíamos nos apoiar na noção de *palavra base* (β)¹⁹, estabelecendo que esta é um elemento provido de autonomia lexical, sendo representada, portanto, por uma raiz ou o por um radical. O conceito de raiz, segundo Câmara Jr. (2004 [1977]), “é a parte lexical de um vocábulo”, e é ligada à noção de semantema. De acordo com esse autor, o semantema tem seu uso multiplicado em duas vias. Primeiramente, pode se juntar a morfemas funcionais gerando novas palavras que especializam ou ampliam seu valor. Nesse caso, se evidencia a derivação. De outro modo, “o semantema também multiplica as suas aplicações pela junção com outra palavra ou partícula, o que dá, em vez da palavra derivada, a palavra composta” (Câmara Jr., 2004 [1977], p.215). A ideia de palavra base adotada aqui, segue do conceito de raiz e é, portanto, permeada semanticamente, na medida em que diz respeito à parte lexical do vocábulo.

A concepção de palavra base também se espelha na noção de lexema, como por nós descrita há algumas páginas, ou seja, a de palavra em sentido abstrato, a partir da qual se computam as formas de palavra. Assim, dos lexemas se originam palavras concretas, a partir das operações de flexão, derivação e composição.

Julgamos importante o conceito de palavra base tendo em vista a necessidade de separação de elementos morfológicos que portam carga de significado (e são potencialmente formadores de compostos) daqueles que não têm caráter lexical (e que não podem formar palavras compostas do ponto de vista morfológico). Nesse sentido, se observa a diferença entre composição e derivação com base na junção de raízes (*radio[comunicador]*), no primeiro caso, e na junção de raiz mais morfema (*radia[lista]*), no segundo.

Para efeitos de maior esclarecimento, vejamos como se comportam as palavras abaixo sob o critério da palavra base, acima delineada.

¹⁹ Para fins de representação, adotaremos o caractere grego β para designar a palavra base.

(81)

- | | |
|-----------------|---------------------|
| (a) carro | [carro] β |
| (b) carrinho | [carro] β [inho] |
| (c) carro-leito | [carro] β [leito] β |

Em (81a) temos o caso da palavra base simples, representada por um vocábulo formado por uma única raiz. No caso de (81b) a palavra base está atrelada a um morfema funcional e temos, portanto, uma palavra complexa que contém, no entanto, apenas uma raiz – caso de palavras derivadas. Já em (81c) há a junção de duas palavras bases, pois temos duas raízes atreladas, formando um composto.

Assim, a noção de palavra base adotada neste trabalho é assumida como aquela formada de um radical ou uma palavra, ou seja, um elemento com autonomia semântica. O composto, sob o critério da morfologia, é, então, a palavra complexa formada por, no mínimo, duas palavras bases. Isso significa dois radicais, duas palavras, ou a junção de uma palavra e um radical.

A delimitação do que é um composto do ponto de vista morfológico tem sentido em função da diferenciação desse em relação aos compostos puramente fonológicos. Ou seja, compostos que apesar de apresentarem dois elementos providos de acento, são constituídos de apenas um elemento de força lexical. É o caso de palavras formadas por sufixos *-mente* (*certamente*) ou *-(z)inho* (*potezinho*), por exemplo, que portam acentos, mas não constituem palavras ou radicais autônomos na língua, sendo palavras derivadas e não compostas do ponto de vista morfológico. Essa discussão, contudo, é tema do próximo capítulo. O passo seguinte na descrição morfológica dos compostos é estabelecer, de acordo com a categoria “palavra base”, compostos formados por palavras e compostos formados por radicais. Em nossa classificação, chamaremos de radicais (R) os elementos de origem greco-latina por oposição a palavras (P), consideradas elementos vernáculos (sejam palavras prontas ou radicais).

Tendo em vista, portanto, que a palavra morfológicamente composta é formada por pelo menos duas palavras bases e que esta, por sua vez, pode ser um radical greco-latino ou um elemento vernáculo, vejamos como se configuram os compostos do PB. Aqui, a atenção é dada a como esses elementos se combinam no interior do composto.

Assumimos como P tanto palavras vernáculos como os empréstimos linguísticos já adaptados ao padrão fonológico da língua. Como R, admitimos radicais de origem

greco-latina em seu sentido original (*foto*, significando *luz*, por exemplo). Elementos greco-latinos com sentido derivado serão tratados como palavras truncadas (como *foto* < *fotografia*)

Vejamos, no quadro abaixo, as possíveis combinações entre palavras (P) e radicais (R) na formação dos compostos do PB.

Quadro (2)- Configuração Morfológica dos Compostos do PB

Configuração	Exemplos	
R + P	neoliberal	[neo] _R [liberal] _P
	íto-braileiro	[íto] _R [braileiro] _P
	biopirataria	[bio] _R [pirataria] _P
	aeroporto	[aero] _R [porto] _P
	autoestima	[auto] _R [estima] _P
R + R	biologia	[bio] _R [logia] _R
	democracia	[demo] _R [cracia] _R
	cosmopolita	[cosmo] _R [polita] _R
	metrópole	[metro] _R [pole] _R
	pseudônimo	[pseudo] _R [nimo] _R
P + R	sexologia	[sexo] _P [logia] _R
	arquivonomia	[arquivo] _P [nomia] _R
	historiografia	[histori] _P (o) ²⁰ [grafia] _R
	cocainômano	[cocain] _P (o) [mano] _R
P + P	porta-malas	[porta] _P [malas] _P
	pronto-socorro	[pronto] _P [socorro] _P
	bate-boca	[bate] _P [boca] _P
	mal-educado	[mal] _P [educado] _P
	sul-africano	[sul] _P [africano] _P
	personagem-título	[personagem] _P [título] _P
	mal-estar	[mal] _P [estar] _P
P (truncamento) + P	autoescola	automóvel > auto [auto] _P [escola] _P
	homofobia	homossexual > homo [homo] _P [fobia] _P
	fotonovela	fotografia > foto [foto] _P [novela] _P
	euromercado	Europa > euro [euro] _P [mercado] _P

²⁰ O elemento entre parênteses constitui vogal de ligação. A origem do radical final, nessas formações, é que determina a categoria dessa vogal. Em se tratando de um radical de origem grega, esse elemento é *o*; caso se trate de um radical de origem latina, a vogal é *i*.

O quadro acima fornece um panorama das possíveis combinações entre Ps e Rs na formação de palavras compostas em PB. Pode-se constatar que, dados P e R, todas as combinações são possíveis, ou seja, combinações homogêneas entre Ps (P + P), entre Rs (R + R) e ainda combinações híbridas entre Ps e Rs, nas duas possibilidades de posicionamento (cada uma das categorias é apta a figurar à direita ou à esquerda, o que dá origem a P + R e R + P).

A categoria P + P se segmenta em duas subcategorias: a primeira, formada por palavras em sua integralidade, e a segunda constituída pelo que acreditamos ser truncamento de uma de suas partes. No processo de truncamento ocorre o mapeamento da palavra em um pé troqueado formado da direita para a esquerda, cortando parte do material da raiz sem que haja perda de sua significação (*europ* > *euro*, no caso de *euromercado*, por exemplo). Consideramos que em *fotonovela* não está em jogo o radical grego *foto*, que originalmente significa *luz*, mas uma redução da palavra *fotografia*. Do mesmo modo, em muitas formações, consideramos *tele* e *auto* truncamento das palavras *telefone* e *automóvel*, respectivamente. Isso porque as referidas formas, em sua origem clássica, designam, cada uma, as noções de distância e de independência e, no processo de composição com outros radicais geraram *telefone* e *automóvel*. Essas formas sofreram redução, e da primeira surgiu a palavra *telentrega*, na qual o radical não tem o sentido grego original de distância, mas é o truncamento de *telefone*. Da segunda originou-se a palavra *autoescola*, que não tem o sentido de *escola autônoma*, como poderia ser interpretado se tomássemos o radical grego em seu sentido original. Aqui, *auto* é resultado do truncamento da palavra *automóvel*, sendo *autoescola* a escola relacionada à condução de veículos automotivos. Vemos, assim, que tanto *foto*, quanto *tele* e *auto* apresentam duas contrapartes, uma que reflete o grego clássico, e nesse caso é radical, e outra de uso moderno, em que o radical toma o sentido da palavra de que faz parte e tem sentido lexical autônomo.

Ainda que não tenhamos medido quantitativamente essas estruturas conforme o tipo de configuração, arriscamos a formular uma hipótese de que as formações compostas unicamente por palavras (P + P) e aquelas que juntam palavras mais radicais (P + R e R + P) são as que se mostram mais produtivas na língua. Acreditamos que isso aconteça devido ao fato de o elemento P ser uma palavra vigente na língua, o que pode trazer pistas sobre o significado da estrutura composicional em questão. Em compostos do tipo P + R, ainda que R não seja transparente, seu significado é recuperado subtraindo-se o significado de P do significado global do composto. Assim, por

exemplo, das recorrentes formações em *logia*, o falante pode inferir o significado desse radical e, posteriormente, utilizá-lo na formação de novos termos, tais como *blogueologia*, que foi constatado em nossos dados. Pensamos que a recorrência de um radical é o que permite ao falante reconstituir sua significação (tal como ocorre com certos afixos que, apesar de não ocorrerem livremente, têm significado transparente em função do uso). Como radicais são pouco recorrentes na língua, sua utilização é escassa na produção de novas palavras.

Com isso, compostos do tipo R + R – e mesmo alguns que são formados por palavras vernáculas que sofreram processos fonológicos entre si (fusão, truncamentos, etc.) – podem ter sua estrutura interna obscurecida e já não mais evidenciar seu estatuto composicional sincronicamente, passando a ser analisados como palavras simples. Nesse ponto, começa a se desenhar a fronteira entre composição e derivação.

Dada a semelhança entre alguns prefixos e radicais greco-latinos, R, uma das problemáticas que se discute é o estatuto desses radicais. Uma questão é que, dada a opacidade desses elementos, poderia um composto formado unicamente por radicais greco-latinos ser considerado uma palavra composta? Além disso, há a questão dos compostos que combinam palavras com radicais. Nesse caso, temos a combinação de uma raiz vernácula, transparente, com um radical greco-latino que, sincronicamente, perdeu sua referência semântica. Além desse esvaziamento semântico, alguns desses radicais compartilham com os afixos a propriedade de se alojarem regularmente num dos limites da palavra. Tal situação pode ser observada com o radical *psico* que, como um prefixo, sempre aparece no limite esquerdo do vocábulo, como em *psicologia* e *psicografar*, ou o radical *logia* que, tal como um sufixo, sempre se localiza à direita nas formações de que faz parte, como em *sociologia* e *mineralogia*. A propósito, alguns radicais greco-latinos que costumam figurar no lado direito parecem estar adquirindo, aos poucos, caráter de sufixo. Isso se dá em função de sua produtividade, como também é consequência do fator semântico, na medida em que o acréscimo de tal radical não altera de todo, como na composição, mas especializa o significado da palavra à qual se acrescenta. É o caso das referidas formações com *logia*, donde temos *museologia* e mesmo formações novas como a já citada *blogueologia*. Nesse terreno, a fronteira entre composição e derivação perde sua nitidez.

Há, contudo, características da derivação que não são compartilhadas com as formações à base de radicais greco-latinos. Uma destas características se encontra no fato de a derivação promover a mudança da categoria gramatical de uma palavra,

propriedade não verificada nos produtos formados por aqueles radicais. Além disso, ainda que muitos dos radicais greco-latinos tenham sofrido certo esvaziamento semântico, estes ainda apresentam um teor de significado mais alto que o dos sufixos, que apresentam um caráter totalmente funcional. Isso se comprova pelo fato de que muitos radicais greco-latinos encontram no vernáculo uma contraparte com o mesmo significado. É o que se pode verificar em *agricultura*, em que *agro* corresponde a *campo*, ou em *hidrômetro*, em que *hidro* se refere a *água*.

Reconhecendo o terreno de intersecção entre afixos propriamente ditos e elementos como maior independência, Schwindt (2000) divide os prefixos do PB em duas categorias às quais chama “prefixos composicionais” e “prefixos legítimos”. Enquanto os prefixos legítimos se comportam como clíticos, uma vez que não são providos de acento e nem possuem autonomia como formas livres, os prefixos composicionais se caracterizam pela presença do acento e pela possibilidade, em um dado contexto, de se estabelecerem como formas livres.

(82)

PREFIXOS COMPOSICIONAIS

ante- (“antebraço”)

semi- (“semianalfabeto”)

vice- (“vice-diretora”)

“Joana agora é a *vice*.”

ex- (“ex-namorado”)

“O *ex* de Mariana ainda a procura.”

PREFIXOS LEGÍTIMOS

des- (“desintegrar”)

re- (“reabilitação”)

con- (“confraternização”)

* “Temos uma *con* de fim de ano.”

in- (“incapaz”)

* “A criança até doze anos é um *in*.”

Quanto aos prefixos composicionais, cabe ressaltar que os mesmos não são plenamente independentes do ponto de vista semântico. Formas como *ante-* e *semi-* parecem não figurar isoladamente. Também o uso autônomo de *ex-* tem referência unicamente para *ex-namorado*, não funcionando para *ex-chefe* ou *ex-emprego*, entre outros. Nesses casos, supomos que a autonomia do prefixo decorre de um truncamento de uma das formas em que ele aparece (*ex* < *ex-namorado*) e não de uma propriedade geral. Pode-se aventar, contudo, que a possibilidade de preservação da carga semântica após o truncamento é propriedade exclusiva de prefixos acentuados, o que não ocorreria com prefixos legítimos.

Prefixos composicionais, bem como radicais greco-latinos são, portanto, os típicos elementos que apresentam característica de palavra e de afixo ao mesmo tempo. Deste modo, pensamos que um olhar sobre o terreno move-diço em que se encontram afixos e radicais greco-latinos poderá iluminar o debate sobre o limite entre a composição e a derivação. Para tanto, incluiremos, palavras formadas com esses elementos na análise morfológica das palavras compostas. Contudo, seu estatuto será especial: formações composicionais eruditas, e sua análise estará mais restrita ao campo da morfologia.

Se a natureza desses compostos merece discussão, o mesmo não acontece com vocábulos cujo caráter composicional foi totalmente obscurecido por fatores de ordem histórica e fonética. Esse é o caso de compostos que promovem a fusão de seus elementos, bem como daqueles formados por elementos greco-latinos cuja contraparte vernácula é de difícil recuperação.

(83)

fidalgo (filho + de + algo)

vinagre (vino + acre)

petróleo (petra + oleum)

Tais vocábulos, em nosso entendimento, podem ser considerados vocábulos simples, uma vez que, seguramente, não há visibilidade de suas partes pela maioria dos falantes nativos.

Também é oportuno mencionar nessa seção os elementos de origem tupi que fazem parte do léxico do PB. Por motivo de espaço, referiremos especificamente um elemento muito recorrente na língua, o qual se verifica junto a vocábulos vernáculos. Esse elemento é *-mirim*, cujo significado é “pequeno”. Discutiremos brevemente o estatuto desse elemento, que ora aparece atrelado a bases, como sufixo, e ora demonstra autonomia, como vocábulo da língua.

Em sua maioria, os itens formados com *-mirim* são topônimos, como *Mogi Mirim*, e *Itapemirim*, os quais são formados integralmente por elementos de origem tupi-guarani. Observa-se, no entanto, um uso bastante produtivo de *-mirim* em formações com bases de origem portuguesa no PB: *abelha-mirim*, *tamanduá-mirim*, *cientista-mirim*, *caudilho-mirim*, entre outros. Enquanto o dicionário Aurélio prevê um verbete *mirim* como adjetivo e outro, *-mirim*, como elemento de composição, Sandmann

(1989) alega que, se *mirim* existe autonomamente, é como abreviação de *abelha-mirim*, não mais que isso. Há, no entanto, outros usos autônomos de *mirim*, além da referida abreviação. Faz-se o uso de *mirim* também para designar grupos infantis de danças tradicionais. Obviamente, esse uso também decorre da abreviação de *invernada-mirim*, mas sua autonomia como item lexical é tamanha que, a partir dele, se forma derivação. Assim, os falantes utilizam *mirinzinha* para se referir afetivamente ao grupo de danças infantil. Além disso, o uso de *mirim* para referir *abelha* é suficientemente recorrente, de modo que o dicionário Aurélio registra os verbetes *mirim-pintada*, *mirim-preguiça* e *mirim-rendeira* como espécies do inseto. Nessas formações, o elemento *mirim* figura na primeira posição, diferentemente de outras formações, em que aparece na segunda, contrariando a tendência verificada em afixos de se alojarem regularmente à direita ou à esquerda da base. Para efeitos de classificação e análise, portanto, consideramos *mirim* como elemento morfológicamente autônomo, apto a formar um vocábulo composto.

Sumariando as ideias, no âmbito da morfologia, consideraremos composto o vocábulo formado por duas ou mais palavras bases. A palavra base, por sua vez, pode se apresentar minimamente como raiz ou radical (R) e maximamente como palavra (P) – todos estes, elementos dotados de significação. No âmbito dos elementos R, se encontram raízes vernáculas da língua e radicais greco-latinos e, dentre os elementos P, encontram-se vocábulos de origem vernácula, empréstimos consagrados, fonologicamente adaptados ao português e, ainda, elementos de origem tupi-guarani que apresentam estatuto de palavra – caso de *mirim*.

Quanto às configurações possíveis, compostos podem apresentar exclusivamente Rs ou Ps ou, ainda, combinarem as duas formas. Nesse último caso, tanto pode ocorrer a ordem R + P quanto P + R. A única observação, contudo, é que há radicais que se alojam regularmente à direita e outros que se alojam regularmente à esquerda.

O principal ponto da descrição acima empreendida foi definir com maior precisão o tipo de elemento que forma a palavra composta (a palavra base, dotada de carga lexical) para, assim, prover a diferenciação entre a composição e a derivação. Nesse sentido, a composição se define como sendo a palavra dotada de pelo menos duas palavras bases, enquanto a derivação apresenta apenas uma palavra base e outros morfemas de valor apenas funcional.

A necessidade de precisão na conceituação de palavra base se justifica porque tal conceito nos ajudará a estabelecer o estatuto de certas palavras que são compostas apenas do ponto de vista prosódico (*eternamente*, *jacarezinho*), mas que,

morfologicamente, são palavras simples: os chamados compostos puramente fonológicos. Esta categoria de palavras é ao mesmo tempo composta (fonologicamente) e derivada (morfologicamente, pois é formada não por duas palavras bases, mas por uma palavra base mais um morfema funcional). Pensamos que a definição do estatuto formal dessa categoria híbrida frente aos compostos regulares e aos derivados regulares será mais bem elaborada com o auxílio da palavra base, como veremos adiante. Por ora, basta deixar claro esse conceito.

Por meio da análise das diferentes nuances da composição morfológica e de seu contraste com a composição fonológica e com a composição sintática, esperamos chegar a um entendimento satisfatório do processo composicional do PB.

4.4 CONFIGURAÇÃO SINTÁTICA

Do ponto de vista sintático, nos interessa saber qual o comportamento dos compostos em relação aos fenômenos de flexão e derivação. Fatores como a classe gramatical das palavras componentes, ou mesmo o grau de lexicalização do composto como um todo indicarão se apenas um de seus membros, e qual deles, portará sufixo de flexão ou de derivação, ou se a formação se portará como uma palavra única, recebendo toda a afixação à direita.

Nesse aspecto, é oportuno, a essa altura, esclarecer a noção de palavra sintática de que vamos nos valer. Tomaremos essa noção de Di Sciullo e Williams (1987), que definem a unidade frasal como o átomo sintático. A noção de “atomicidade” remete à propriedade de indivisibilidade, levando à ideia de que, assim como, na morfologia, o morfema é a unidade mínima a que se chega, na sintaxe, a palavra é a unidade mínima indivisível. Dessa forma, enquanto regras morfológicas atuam entre morfemas e não dentro deles, na sintaxe, as regras atuam entre palavras e não dentro delas.

No entanto, o fator complicador para uma análise da composição enquanto um processo de formação de palavras é justamente a atuação de regras da sintaxe entre os membros de alguns compostos. Com isso, se considerada a composição como um processo formador de palavra, a atomicidade como caracterizador da palavra sintática é um critério ameaçado. Ou, de outro modo, a composição não é palavra.

Vejamos o quadro abaixo, que apresenta as possibilidades de atuação de regras morfossintáticas nos compostos. Esse quadro aponta como sufixos flexionais e

derivacionais podem se anexar aos compostos: entre seus componentes, como na sintaxe, ou externamente, como qualquer regra de formação de palavra.

Quadro (3) – Flexão e Derivação nos Compostos do PB

Configuração	Exemplos
flexão no primeiro elemento	donas <u>z</u> de casa, azuis <u>z</u> -marinho
flexão no segundo elemento	guarda-roupas <u>z</u> , sócio-culturais <u>z</u>
flexão nos dois elementos	presidentes <u>z</u> -ministros <u>z</u> , lugares <u>z</u> -comuns <u>z</u>
derivação no primeiro elemento	homenz <u>inho</u> -rã, pãoz <u>inho</u> de queijo
derivação no segundo elemento	rádio-taxista <u>z</u> , puxa-saquismo <u>z</u>

Pressupomos que a localização dos sufixos flexionais e derivacionais pode ser reflexo da estrutura que originou o composto e pode ser, também, um indicativo do grau de lexicalização adquirido pelo mesmo. Nosso problema reside, especificamente, nas formações que ainda espelham características da sintaxe, ou seja, naquelas que apresentam aplicação de regras em seu interior. Isso porque buscamos na sintaxe um indício para diferenciar palavras compostas e sequências eventuais de palavras que figuram adjacientemente numa frase.

Di Sciullo e Williams (1987), bem como Villalva (1992), distinguem compostos do tipo objeto morfológico e compostos do tipo palavra sintática. A principal diferença entre os dois tipos de composto, em linhas gerais, é que os chamados objetos morfológicos são opacos para regras sintáticas além de apresentarem propriedades típicas de palavras, tal como núcleo e processos morfológicos à direita. Compostos do tipo palavra sintática podem apresentar, por sua vez, processos flexionais e derivacionais internamente, tal como as estruturas frasais.

Esse tipo de composto, de acordo com Di Sciullo e Williams (1987), dispõe de certas características de palavra, como a inserção na posição X^0 . Ainda que possam ser inseridos nessa posição, tal como palavras comuns, compostos do tipo palavras sintáticas não obedecem a regras morfológicas regulares (como flexão e derivação à

extrema direita), mas, antes, se constituem de uma estrutura semelhante à estrutura frasal. Nesse sentido, a formação da palavra composta obedece a uma regra de reanálise que mapeia a estrutura frasal em um item lexical da língua.

Uma vez que assumimos o pressuposto de que existem palavras compostas geradas a partir de frases, nossa descrição aqui deter-se-á fundamentalmente sobre as configurações sintáticas potencialmente geradoras de compostos. Nossa ênfase, nesta seção, incidirá, portanto, sobre a estrutura sintática subjacente dos compostos, ou seja, sua estrutura interna do ponto de vista da relação entre seus membros. Assim, examinaremos as tipologias frasais potencialmente geradoras de compostos do PB. Tomamos como base a classificação de Villalva (1992) para os compostos do PE, que será posta à prova com exemplos do PB.

O PB apresenta as seguintes configurações de compostos:

(a) [A + A]_{AP}

Tal configuração, formada por um AP, reúne dois adjetivos coordenados. É, portanto, uma formação sem cabeça, da qual resulta um adjetivo.

(84)

sócio-cultural

econômico-social

O desenvolvimento sócio-cultural é uma das metas para o próximo ano.

(b) [N + A]_{NP}

Aqui estão contemplados compostos formados por nome e adjetivo, com cabeça à esquerda. Esta configuração apresenta concordância entre seus constituintes, evidenciando flexão interna.

(85)

SINGULAR

PLURAL

boia-fria

boias-frias

pau-mandado

paus-mandados

O resultado é, em geral, um substantivo que pode, em alguns casos, funcionar como adjetivo.

(86)

O pão-duro é quase sempre infeliz. NOME
João é pão-duro. ADJETIVO

Compostos que designam cores também se incluem nessa categoria. De fato, em função do contexto em que aparecem, muitos dos termos que designam cores se comportam como substantivo e não como adjetivo. Villalva (1992) aponta que nomes de cor apresentam característica de adjetivo somente em posição pós-nominal (87a). Em posição pré-nominal, assumem rótulo de substantivo (87b).

(87)

(a) As gravatas vermelho-intenso são diferentes. [N_{singular} + A_{singular}]
ADJETIVO

(b) Os vermelhos intensos são cores alegres. [N_{plural} + N_{plural}]
SUBSTANTIVO

Nota-se, a partir do exemplo acima, que diferentemente da formação substantivada, a formação adjetival não sofre flexão interna. Essa última também não sofre intensificação de grau internamente, conforme os exemplos abaixo.

(88)

Pedro ficou vermelhíssimo.
*Comprei um vestido vermelhíssimo-intenso.

Isso talvez seja um indício de que a formação adjetival seja fechada, ou seja, com um caráter composicional já cristalizado, enquanto que a formação substantiva se trata de um agrupamento sintático regular.

(c) [AP + N]_{NP}

Compostos formados a partir dessa configuração, adjetivo mais nome, apresentam núcleo à direita.

(89)

curto-circuito

má-língua

Apesar da localização do núcleo à direita em relação ao modificador, configuração não canônica do NP em português, o que sugeriria um caráter de cristalização, esses compostos se apresentam transparentes para operações sintáticas. Vejamos os exemplos.

(90)

Os novos-ricos cultuam objetos de grife.

Estudantes rebeldes geralmente são uns boas-vidas.

(d) [N + N]_{NP}

A estrutura acima é formada por dois nomes, podendo estes se relacionar como núcleo e modificador ou em forma de coordenação.

No caso da relação núcleo - modificador, o núcleo pode se localizar à direita ou à esquerda.

Nota-se que, apesar de esta estrutura responder pela configuração geral dos compostos formados por radicais greco-latinos (91a), essa é também verificada entre compostos com elementos vernáculos (91b).

(91)

(a) autopeça

cineclube

(b) bomba-relógio

sofá-cama

Compostos do tipo (91a) não apresentam flexão interna, mas à direita, onde se localiza o cabeça. Compostos do tipo (91b), por sua vez, apresentam cabeça à esquerda, onde recebem flexão, evidenciando a possibilidade de operações sintáticas entre seus constituintes.

(92)

O candidato promete a construção de trens-bala.

Uma série de cartas-bomba foi espalhada pelo país.

Devemos notar o caráter modificador no segundo nome do composto. Essa peculiaridade faz com que o mesmo seja interpretado, por vezes, como adjetivo. Nesse caso, emerge a concordância núcleo - modificador, verificada na pluralização e aceita na norma culta.

(93)

SINGULAR

PLURAL

couve-flor

couve_s-flor ~ couve_s-flore_s

carro-pipa

carro_s-pipa ~ carro_s-pipa_s

Além dos compostos [N + N] de configuração núcleo - modificador, existem também, como foi apontado acima, aqueles compostos cujos membros se relacionam numa estrutura coordenada. Esses não possuem núcleo e são sintaticamente transparentes. É o que se verifica nas formas abaixo.

(94)

tenente-coronel [[tenente] e [coronel]] → tenentes-coroneis_{pl}

Para fins de classificação, contudo, nos interessa saber que os dois tipos de compostos [N + N] são transparentes para operações sintáticas, apresentando flexão interna. Esses compostos apresentam categoria nome. Quando, contudo, se trata de compostos [N + N] de categoria adjetivo, a flexão interna deixa de acontecer.

(95)

verde-amarelo [[verde] e [amarelo]]

Os corações verde-amarelos batem mais forte na final da Copa do Mundo.

De configuração semelhante, ou seja, apresentando sequência de nomes, são os compostos com adjuntos preposicionados (modificadores preposicionados), como veremos a seguir.

(e) [N + PP]_{NP}

Esses compostos, diferentemente daqueles referidos há pouco, permitem flexão apenas no elemento interno, nunca no elemento à direita. Isto porque sintagmas preposicionais não necessitam estabelecer concordância com o núcleo do NP.

(96)

pé de moleque	*pés-de-moleques
banana da terra	*bananas-das-terras
cabelo de anjo	*cabelos-de-anjos

(f) [V + N]_{VP}

A presente estrutura é encontrada nos exemplos abaixo.

(97)

vira-lata
lança-chamas
porta-chaves

Esse tipo de configuração, formada por verbo mais complemento, é vista de maneiras diversas na literatura; é, pois, contraditória do ponto de vista da flexão interna. Lee (1995), na linha de Câmara Jr. (2009 [1970]), assume que o verbo, aí, é constituído pelo radical mais vogal temática, não apresentando traços de flexão. Moreno (1997), diferentemente, acredita que estes verbos possuem flexão de terceira pessoa do singular, ora no imperativo mas, na maioria das vezes, no indicativo.

Em se assumindo a presença de flexão, contudo, não há que se assumir automaticamente que o composto é transparente do ponto de vista sintático. Vejamos as possibilidades de ocorrência de flexão dentro do composto *guarda-chuva* nos contextos abaixo.

(98)

O guarda-chuva amarelo é meu.
Os guarda-chuvas amarelos são meus.
*Os guardam-chuvas amarelos são meus.

Os exemplos evidenciam que, quando o composto é inserido como X^0 na frase, o verbo permanece invariável. Trata-se, portanto, de uma forma flexionada, porém cristalizada. De acordo com Villalva (1992), o verbo, neste tipo de composto, está flexionado na terceira pessoa do singular, a forma menos marcada do paradigma verbal, uma vez que não apresenta morfemas de número e pessoa.

À parte da flexão verbal, o composto formado por verbo e complemento é sintaticamente opaco para outras operações, como a sufixação avaliativa, que ocorre no segundo elemento; nunca no primeiro.

(99)

guarda-roupinha

*guardinha-roupa

Nossa pressuposição está de acordo com Moreno e Villalva, qual seja, de que tais formas verbais estão flexionadas. Para efeitos de classificação, entretanto, assumimos tratar-se de uma forma verbal congelada, estando o composto de que faz parte imune a operações sintáticas internas.

(g) [V + V]_{VP}

Esse composto pode se apresentar de duas formas diversas. A primeira delas é com a reduplicação do verbo.

(100)

corre-corre

pisca-pisca

fedede-fedede

De outro modo, podem ocorrer formas com verbos coordenados.

(101)

vai e vem

sobe e desce

come e dorme

Tal como as estruturas formadas por verbo e complemento, as estruturas formadas por verbos em coordenação são opacas para operações sintáticas internas.

(102)

*Os garotos são uns comem e dormem.

A descrição acima, que pretendeu esmiuçar a configuração sintática dos compostos, permite-nos assumir o pressuposto de que a sintaxe está espelhada na formação dos compostos. Tal pressuposto, por sua vez, nos permite trabalhar com a ideia de que alguns compostos possuem uma interpretação mais lexicalizada, na medida em que se sujeitam a regras típicas do domínio da palavra, e outros refletem de maneira mais transparente a estrutura sintática que lhes deu origem, uma vez que estão sujeitos a processos sintáticos.

Compostos sintáticos do primeiro tipo podem ser exemplificados com os nomes de cores (*cor de rosinha*, que recebe flexão à direita, a despeito da sua estrutura sintática), e com as formas geradas a partir de VPs (*guarda-roupa*), que apresentam flexão verbal cristalizada. Compostos sintáticos do segundo tipo, diferentemente, ainda que se insiram na posição X^0 , apresentam um comportamento morfossintático mais semelhante ao de uma estrutura frasal. São exemplos desta classe aqueles formados por adjetivo mais nome (*curto-circuito*, que, na pluralização, faz *curtos-circuitos*, estabelecendo concordância entre o nome e seu modificador).

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA SEMÂNTICA DOS COMPOSTOS

Confome Aronoff (1976), o fator semântico é um dos determinadores da produtividade de uma dada regra de formação de palavra. Assim, ainda que a semântica não constitua um dos objetos centrais de nosso estudo, se quisermos compreender a dinâmica que governa a formação dos compostos no PB, é de fundamental importância traçar aqui as relações que se estabelecem entre as estruturas fonológica, morfológica e sintática, de um lado, e interpretação semântica, de outro. Com isso, um olhar sobre as relações semânticas entre elementos componentes nos guiará na busca dos padrões produtivos de compostos do PB, ou seja, nos auxiliará na identificação dos compostos que vigem na língua.

O que essa seção apresenta, portanto, é uma série de considerações que evidenciam que a composição não foge à semântica; ao contrário, tais considerações apontam a ciência do significado como um fator de engrenagem do sistema.

De acordo com Booij (2007), a premissa da arbitrariedade na relação entre forma e significado do signo linguístico pode constituir um problema para a flexibilidade do sistema chamado Gramática Universal. Se o significado de todos os signos fosse totalmente arbitrário, o falante teria de memorizar todas as expressões linguísticas, aumentando o papel da memória no sistema. Essa concepção, então, iria de encontro a uma arquitetura sustentável de linguagem, qual seja, a de um sistema computacional em que um número limitado de regras (em sentido genérico) atua de forma a combinar um número também fechado de formas linguísticas, produzindo um número infinito de expressões numa determinada língua.

Uma vez, então, que a linguagem se constitui como um sistema combinatório, toda expressão linguística é formada de subpartes, ou constituintes imediatos, que foram arranjados entre si para expressar um determinado sentido. Nesse aspecto, o significado de palavras complexas segue determinados padrões de construção, pois são apenas determinadas combinações de formas que são permitidas para a geração de sentido. Tendo isso em vista, o significado de uma palavra complexa é em certa medida motivado, fugindo à total arbitrariedade.

Palavras complexas seguem, portanto, o Princípio da Composicionalidade (Booij, 2007, p. 207), segundo o qual, o significado de uma expressão complexa é função de seus constituintes e do modo como eles se combinam. No caso das palavras compostas, o significado se dá em função da relação R entre o cabeça (X) e seu modificador (Y), de modo que o sentido de um composto se estabelece como “X com alguma relação com Y”. Assim, temos, para um composto com cabeça à esquerda, por exemplo, o seguinte esquema

(103)

R (X, Y)

R (peixe, espada)

“peixe-espada”: peixe que tem aparência de espada

R (carro, mão)

“carro de mão”: carro movido com as mãos

Na composição, a relação que se estabelece entre as partes é, contudo, menos previsível do que a relação estabelecida entre os componentes no caso de derivação. Isso significa que, ainda que saibamos que *peixe* e *espada*, de um lado, ou *carro* e *mão*, de outro, se relacionem, a natureza exata dessa relação não se determina automaticamente, mas depende de fatores contextuais, em certa medida. O acesso à metáfora e o conhecimento de mundo, por exemplo, podem ser determinantes na interpretação do significado de uma palavra composta.

Entretanto, ainda que exista maior imprevisibilidade na formação do composto, alguns padrões relacionais de significado entre cabeça e complemento podem ser estabelecidos:

(104)

RELACÃO DE SIGNIFICADO	EXEMPLOS
R (Y, X) Y qualifica X	mal-agradecido, bem-aventurado
R (X, Y) Y qualifica X	salto-mortal, cachorro-quente
R (X, Y) X que se assemelha a Y	peixe-espada, homem-mosca
R (Y, X) X que tem características de Y	afro-samba, ítalo-descendente
R (X, Y) X feito de Y	pão de mel, leite de soja
R (X, Y) X ativado por Y	fogão a lenha, carro de mão
R (X, Y) X atua no momento Y	guarda-noturno, cegueira diurna

Essa lista de relações de significado está longe de ser exaustiva. Temos que considerar também que além dessas, expostas acima, existem outras de uso menos recorrente, cunhadas para o uso de apenas um ou dois compostos, e também relações mais difíceis de precisar. Vejamos o grupo abaixo.

(105)

- (a) ama-seca
- (b) comédia-pastelão
- (c) rádio peão
- (d) dente de leite
- (e) delegado-celebridade
- (f) heroína-título

Embora essas estruturas sejam do tipo cabeça mais modificador, tais modificadores não são qualificadores diretos. Ou seja, *ama-seca* não faz referência a uma cuidadora de criança que é seca, mas a uma “cuidadora de criança, a qual não amamenta; portanto, com as mamas desprovidas de leite, ou seja, secas”. Do mesmo modo, *dente de leite* não refere um dente feito de leite, mas a um “dente característico da infância, fase da vida cujo principal alimento é o leite”. O que se evidencia, portanto, é que as relações que se estabelecem entre cabeça e modificador nem sempre são captadas diretamente, podendo, no mais das vezes, ser entendidas unicamente por meio de uma perífrase, fugindo da regularidade esperada das relações de significado.

Além disso, compostos como *heroína-título* e *delegado-celebridade* não estão dicionarizadas e tão pouco se mostram recorrentes, se verificarmos suas ocorrências no site de buscas Google. Trata-se de compostos recolhidos de manchetes jornalísticas, e sua função é, em geral, suprir a necessidade imediata de condensação de informação. O fato de existirem esses compostos eventuais indica, em primeiro lugar, que o falante faz uso das relações de significado já estabelecidas, inserindo novas palavras componentes e criando novos compostos. Por outro lado, o falante também pode investir na criação de compostos eventuais de estrutura relacional totalmente imprevisível, o que aponta para a versatilidade nas possibilidades de se estabelecerem relações de significado na composição. O que queremos dizer é que não entendemos o que significa *dente de leite* e *comédia-pastelão* apenas por serem compostos já estabelecidos no português, mas que há um mecanismo que permite a criação e compreensão de compostos com estrutura relacional menos transparente. É o caso do composto *rádio peão*, com o significado de “intriga entre operários, que chega ao conhecimento da chefia”. Aqui, *rádio* significa, então, “transmissão de notícia a longa distância” (distância entre patrão e empregado) e *peão*, o “meio de onde a notícia se propaga”, no caso, o ambiente operário.

A possibilidade de se gerar essas formas evidencia, portanto, que as relações de significado entre os membros formadores de um composto não constitui uma lista exaustiva. Assim, a interpretação e mesmo a criação de novas palavras compostas pode se definir contextualmente e instantaneamente, de acordo com a necessidade do falante. E é isso que se verifica na aquisição da linguagem com relação aos compostos. Alguns trabalhos mostram que a composição é um processo essencialmente criativo porque aparece desde cedo na linguagem de crianças em fase de aquisição.

Conforme aponta Berman (2009), crianças em fase de aquisição do inglês, quando solicitadas a derivar agentes e instrumentos cujas entradas lexicais não são ainda

estabelecidas, mostram facilidade em fazê-lo por meio de compostos. Seu estudo mostrou que, quando o pesquisador pedia a crianças para nomear um rapaz cujo serviço era o de puxar vagões – donde *pull* (“puxar”) + *wagon* (“vagão”) –, as mesmas o nomeavam fazendo uso de estruturas compostas. Além disso, Berman aponta para o aumento natural da complexidade da estrutura conforme a idade da criança. Crianças de três anos de idade nomearam o agente como *wagon-boy*, *pull-wagon* ou *puller-wagon*²¹, enquanto que crianças mais velhas, em torno dos cinco anos de idade, o fizeram por meio da estrutura padrão de um composto agentivo do inglês, qual seja, com a inversão da posição verbo/objeto quando da passagem da forma verbal à forma nominal pelo acréscimo do sufixo *-er*. Conforme Berman (2009), isso mostra que o composto dispõe de uma simplicidade formal e de uma transparência semântica que conspiram para a sua produtividade.

Compostos que são cunhados livremente para sanar a questão da objetividade jornalística, bem como a preferência pelo uso de compostos entre crianças muito jovens, em fase de aquisição, mostram o quão criativo e natural é o processo de composição.

A análise do ponto de vista semântico mostra que a composição, por um lado, é um processo de complexa descrição e apreensão, pois os padrões de relação de significado não constituem uma lista fechada. De outro lado, alguns itens dessa lista não são de fácil formalização, e outros pouco se prestam a representar mais que um item da língua, o que prejudica a sistematicidade da sua descrição semântica. Por outro lado, a despeito de tal falta de generalidade, podemos reconhecer a facilidade do falante para criar e compreender novos compostos. Essa dualidade no comportamento semântico da palavra composta é o que irá fomentar, mais adiante, a discussão sobre a produtividade da composição enquanto processo de formação de palavra.

A semântica, além dessas questões, traz outras. O Princípio de Composicionalidade (Booij, 2007), que calcula o sentido de um composto com base nas relações de significado entre seus componentes, também atua no âmbito das palavras formadas por afixos derivacionais e dos idiomatismos.

Vejam os casos dos derivados, primeiramente. Num primeiro plano, o Princípio de Composicionalidade determina o significado de palavras derivadas, de acordo com a relação entre a base e o prefixo. Acontece, no entanto, que certas palavras portadoras de sufixos derivacionais carregam um significado idiossincrático.

²¹ Tais itens podem ser entendidos como “garoto do vagão”, “puxa-vagão” e “puxador de vagão”.

Assim, por exemplo, o sufixo avaliativo *-(z)inho* em certos vocábulos expressa significados diferentes daqueles do de grau. O vocábulo *jeitinho*, por exemplo, não significa o diminutivo do substantivo *jeito*, mas é sinônimo de *astúcia*. *Baixinho*, já não significa unicamente o diminutivo do adjetivo *baixo*, mas também se apresenta como um substantivo autônomo que designa um sujeito de baixa estatura. Uma vez que vocábulos como esses já adquirem um sentido especializado, não tão previsível a partir da soma das partes, como na derivação produtiva, pode-se dizer que, de certa forma, este sentido é mais composicional. Com isso, somos obrigados a admitir que a noção morfológica de composição transcende o limite dos vocábulos formados apenas por radicais, ou seja, por elementos com independência na língua. Contudo, para efeitos de análise, tomaremos como compostos morfológicos os elementos formados de dois ou mais radicais com independência na língua – a palavra base. Não incluiremos as formações derivacionais de valor idiossincrático no campo da composição, ainda que reconheçamos aí um tema produtivo para debate.

Quanto aos idiomatismos, reconhecemos que é o fator semântico que define seu estatuto enquanto entidade lexical. Semanticamente, idiomatismos e compostos são entidades formadas por mais de um item lexical que transmitem um significado a parte daqueles expressos por cada um de seus itens componentes. Do ponto de vista morfossintático, a composição se diferencia do idiomatismo principalmente pelo fato de alimentar a formação de novas palavras. Além disso, ainda que o composto não tenha uma estrutura morfológica completamente regular, como os derivados, sua composição é mais ou menos previsível com base na relação de significado entre suas partes, como mostrado em (104), ao contrário do idiomatismo, que apresenta apenas estrutura sintática. Essas características podem indicar que o composto tem uma estrutura formal mais próxima do léxico se comparado ao idiomatismo, que é mais sintático. Nesse sentido, a semântica é que garante o lugar dos idiomatismos dentro da esfera lexical.

A semântica, portanto, além de nos auxiliar na descrição dos compostos e apontar seu aspecto criativo enquanto processo de produção de palavra, nos aponta que as fronteiras onde se delimita a composição é muito tênue. Isso, por outro lado, vem a ratificar a necessidade de uma abordagem de interfaces para a sua descrição.

4.6 SUMÁRIO DAS CARACTERÍSTICAS DO COMPOSTO EM PB

A revisão da literatura sobre a composição, bem como a análise da configuração morfológica, fonológica, sintática e semântica dos compostos por nós empreendida, nos permitiu traçar o comportamento desse processo de formação de palavra no português. Nas linhas que seguem, sumariamos estas características.

Os compostos do PB, portanto,

- são formados minimamente por duas palavras bases. Quanto à origem e à combinação desses elementos, os compostos do PB, à semelhança dos compostos do italiano (Peperkamp, 1997), podem ser formados por duas palavras nativas ou por dois radicais de origem greco-latina. Também se verificam formações mistas, com um elemento nativo e outro de origem clássica, o que, por vezes, obscurece a fronteira entre composição e derivação.

- podem se reestruturar, formando uma palavra fonológica sob um único acento primário, ou podem apresentar duas palavras fonológicas com acentos primários independentes. Nesse último caso, estarão violando o princípio de não recursividade da palavra prosódica, o qual rege a boa formação da hierarquia prosódica.

- enquanto unidade lexical, ocupam, na frase, uma posição X^0 . Contudo, há compostos que se comportam como palavras independentes e outros que apresentam comportamento sintático. Assim, dependendo do tipo de composto, os fenômenos de flexão tanto podem ocorrer à extrema direita como internamente. Os fenômenos de derivação também podem ocorrer internamente ou à extrema direita. Isso demonstra que alguns compostos regularmente deixam transparecer a sua estrutura sintática, enquanto outros se mostram já lexicalizados.

- podem apresentar comportamento misto do ponto de vista do domínio das operações morfossintáticas: um mesmo composto pode apresentar operação de flexão internamente, como sintagmas, e apresentar a derivação à extrema direita, como palavra. Nesse último caso, os vocábulos componentes são vistos conjuntamente como um todo semântico, podendo formar base para outras operações de flexão. É o caso de *pão-duro*, que gera, na flexão, *pães-duros* e, na derivação, *pão-durismo*. Essa última forma, por sua vez, serve de base para a flexão à extrema direita, como em *pão-durismos*, não admitindo a flexão interna *pães-durismos*, de acordo com o raciocínio de Lee (1995).

- podem apresentar cabeça à esquerda, obedecendo à ordem canônica do PB, núcleo-modificador, ou mesmo à direita, casos mais raros. Podem, ainda, se apresentar sem cabeça, no caso de compostos formados por coordenação.

- configuram-se como endocêntricos ou exocêntricos, do ponto de vista da referência. A literatura costuma apontá-los como compostos que possuem e que não possuem núcleo, respectivamente. No entanto, muitos dos compostos que são considerados exocêntricos no PB apresentam núcleo sintático, o qual apenas não coincide com o objeto referido semanticamente. Assim, o não isomorfismo entre sintaxe e semântica se evidencia pelo fato de o cabeça sintático não possuir valor do ponto de vista da referência semântica.

- seguem o Princípio de Composicionalidade, e seu significado se estabelece a partir da relação que o cabeça estabelece com seu modificador. Apesar de que alguns padrões relacionais possam ser descritos com facilidade, outros não são de fácil captação. Além disso, alguns desses esquemas fogem à previsibilidade, sendo sua interpretação, e mesmo criação, estabelecidas contextualmente.

5. ANÁLISE

Após a descrição dos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da composição, este capítulo tratará da interação entre esses três componentes na formação desse tipo de formação de palavra. A partir dos problemas advindos da investigação dessa interação, encaminharemos uma análise para os dados do PB.

5.1 A COMPOSIÇÃO E OS PROBLEMAS DE INTERAÇÃO ENTRE OS COMPONENTES DA GRAMÁTICA

5.1.1 PROBLEMAS FONOLÓGICOS

Começemos nossa discussão observando o exemplo abaixo, que traz o composto *pão-duro* escandido em termos fonológicos (ω), morfológicos (β) e sintáticos (X^0)

(106)

[[pão] ω β [duro] ω β] ω β X^0

Em (106) temos o caso de uma palavra composta do PB. Esta palavra composta é formada por duas palavras bases (β). Cada um destes elementos constitui, por seu turno, uma palavra fonológica independente (ω), pois cada um apresenta um acento primário. O processo de composição conjugará estes dois elementos e o composto será o produto deste processo. Esse produto, que apresenta em sua constituição duas palavras fonológicas e duas palavras bases, se diferencia de sequências de palavras adjacentes num grupo sintático eventual. O fato é que a configuração em (106) se caracteriza por uma interpretação lexical própria, como qualquer palavra que se insere na posição X^0 . Assim, (106) apresenta característica também de átomo sintático. Vejamos o contraste abaixo.

(107)

(a) É impossível mastigar este pão duro. GRUPO SINTÁTICO

i. [[pão]_ω [duro]_ω]_φ

ii. [[pão]_N [duro]_A]_{NP}

(b) João é pão-duro quando a questão é finanças. PALAVRA COMPOSTA

[[pão]_ω [duro]_ω]_ω

A problemática deste tipo de configuração aterrissa em questões que subjazem às teorias das quais tomamos nossos pressupostos. Primeiramente, examinemos o problema que o contraste entre (107a) e (107b) apresenta para a hierarquia prosódica (problema que tem raiz na exaustividade). Em seguida, abordaremos a questão trazida por (107b) para os princípios de SLH.

De acordo com a hierarquia prosódica, o nível imediatamente acima da palavra prosódica é a frase fonológica, conforme a representação fonológica em (107a i). No entanto, (107b) nos apresenta uma sequência de palavras fonológicas agrupadas não sob um nó de frase fonológica, mas sob um nó de palavra fonológica.

Uma das questões que perseguimos neste trabalho diz respeito ao lugar da palavra composta dentro da hierarquia prosódica. É tarefa nossa mapeá-la na hierarquia, tendo em conta que o seu mapeamento deve levar em consideração a sua autonomia frente à palavra prosódica simples e aos elementos maiores que essa – de acordo com a pergunta levantada no problema (1), na introdução deste trabalho. Além disso, no mapeamento da palavra composta, deve-se supostamente respeitar os princípios de boa formação da hierarquia prosódica.

De acordo com (107b), a categoria que rotula as duas palavras como integrantes de uma palavra composta é a palavra prosódica. Isso, contudo, traz o custo de ferir o princípio de não recursividade, que estabelece que um elemento da hierarquia prosódica não pode dominar um constituinte da mesma categoria. Esse contratempo representa o desafio de mapear adequadamente o composto na hierarquia prosódica tendo em vista os princípios que regem a boa formação dessa hierarquia. Isso representa o objetivo refletido em nosso problema (2).

Enquanto a primeira questão está relacionada ao princípio de exaustividade, que prevê que todas as categorias prosódicas sejam afiliadas a uma categoria na hierarquia prosódica, a segunda diz respeito à obediência ao princípio de não recursividade, o qual

ordena que uma categoria prosódica não pode estar contida em uma categoria idêntica a si mesma.

A duas questões acima, portanto, nada mais representam que o conflito entre exaustividade e não recursividade. Ou seja, o princípio que demanda mapeamento dentro de um dos componentes da hierarquia prosódica se depara com o princípio que prevê que as categorias não podem estar contidas em si mesmas. Esse conflito representa um problema para a formalização prosódica dos compostos. Autores como Peperkamp (1997) e Vigário (2003) assumem a prioridade do princípio de exaustividade sobre o de não recursividade, permitindo que este seja, em algum grau, violado em suas análises. Outros estudos, como Vigário (2006) redesenham alguns componentes da hierarquia prosódica, driblando o problema da recursão e, assim, provêm uma análise para os compostos,

Nota-se, aqui, um problema da fonologia que é ancorado também na sintaxe. Trata-se da questão de falta de isomorfismo entre categorias prosódicas e categorias sintáticas. É necessário mostrar como o composto – que representa um único elemento terminal de uma árvore sintática (um único átomo sintático) – é descrito em termos fonológicos, tendo em vista que muitos compostos apresentam dois acentos e são, portanto, formados de duas palavras prosódicas. A questão sobre como distinguir, na hierarquia prosódica, o que é um vocábulo (no caso, o composto) e o que são estruturas maiores, sem estatuto lexical, parece ser a primeira instância de interação entre os componentes, especificamente entre a fonologia e a sintaxe.

5.1.2 PROBLEMAS MORFOLÓGICOS

As respostas que daremos ao problema da recursividade da palavra prosódica alimentarão também a discussão sobre os aspectos morfológicos dos compostos do PB.

O problema da recursão da palavra prosódica também pode estar presente na questão dos limites entre composição e derivação. Isso porque alguns afixos são dotados de independência prosódica, ainda que não ultrapassem o estatuto de afixos da língua.

Para efeitos de análise, elencaremos como representantes dos morfemas dotados de proeminência prosódica, potencialmente formadores de estrutura recursiva, os prefixos que podem se apresentar com as vogais médias em seu timbre baixo ([ɛ] e [ɔ]),

bem como sufixos dissilábicos. É o caso dos prefixos *pré-* e *pós-*, e dos sufixos *-(z)inho* e *-mente*.

Vejamos, então, a constituição morfológica dos grupos (108ab).

(108)

(a) [[pré]_{prefix} [escola]β]

[[pós]_{prefix} [graduação]β]

(b) [[pre]_{prefix} [ver]β]

[[pos]_{prefix} [céfalo]β]

O grupo (108) é formado de compostos (a) e de derivados (b). O fato de os elementos em (a) serem considerados compostos se deve à independência de *pré-* e *pós-* enquanto palavras prosódicas. A evidência de sua autonomia prosódica é o abaixamento das vogais médias [e] e [o] a [ɛ] e [ɔ]. Ademais, o uso das formas *pré-* e *pós-* como elementos morfológicamente autônomos se evidencia pela possibilidade de seu uso isolado. Assim, é possível o uso de *pré* para designar *pré-escola* e de *pós*, para designar *pós-graduação*, por exemplo. Essa possibilidade de uso reduzido, contudo, não parece se estender às formas em (b).

Temos, a partir daí, que *pré-* e *pós-* se apresentam não só como elementos presos, mas também como elementos dotados de relativa independência. Nesse universo, formações com estes elementos gerarão (a) a palavra composta e (b) palavras derivadas.

Cabe ressaltar que os elementos em (108a) são compostos apenas sob o ponto de vista da sua constituição prosódica. Ainda que seja possível o uso independente de *pré* e de *pós*, esse uso é uma redução e só vale como referência específica aos vocábulos *pré-escola* e *pós-graduação* como um todo. Esses vocábulos, portanto, apresentam falta de isomorfismo entre fonologia e morfologia porque sua composição é puramente prosódica, uma vez que o prefixo não tem relevância como base para a formação do composto. Lembremos que para o vocábulo ser considerado composto do ponto de vista morfológico, ele precisa ser formado por duas palavras bases.

Sigamos explorando esse problema e vejamos agora o caso de palavras formadas com outros afixos acentuados.

(109)

[[eterna]β [mente]_{sufx}]

[[coração]β [zinho]_{sufx}]

O grupo (109) apresenta um par de palavras derivadas com os sufixos *-mente* e *-(z)inho*. É oportuno, aqui, fazer uma breve exposição sobre a natureza de tais sufixos.

O sufixo *-mente* é o único sufixo formador de advérbios na língua portuguesa. Essa formação se dá pela sua junção a adjetivos. É conhecida a discussão em torno do estatuto supostamente lexical que está na origem desse sufixo. Alguns autores apontam que o sufixo *-mente* se originou do substantivo latino *mens* (“mente”). Diacronicamente, a formação do advérbio português encontra sua origem em um sintagma adverbial formado de adjetivo mais substantivo – [Adj + Subst]_{AP}. Segundo esse ponto de vista diacrônico, as atuais formações em *-mente* percorreram o seguinte caminho: surgiram como constructos sintáticos, passando a compostos e, por fim, se estabeleceram como vocábulos derivados.

A essa origem lexicalmente autônoma, somam-se outros fatores que fomentam o debate sobre a inclusão de *-mente* no terreno dos morfemas ou no terreno das palavras. Basílio (1998) examina algumas características das formações em *-mente* que vão de encontro ao comportamento regular de afixos. Por exemplo, advérbios formados a partir desse sufixo tomam como base um adjetivo flexionado na forma feminina, evidenciando um derivado com flexão interna, o que aponta seu caráter sintático. Por sua vez, Sandmann (1989) discute se a possibilidade de omissão do sufixo do primeiro de dois advérbios em sequência (*correta e organizadamente* < *corretamente e organizadamente*) pode conspirar a favor de sua independência lexical. Segundo o autor, a resposta é negativa, pois, ainda que *-mente* seja o único sufixo a permitir o truncamento da palavra, tal operação é comum no âmbito da prefixação (*pré e pós-operatório* < *pré-operatório e pós-operatório*). Por fim, o que conta para situar *-mente* no domínio da palavra é a pauta acentual das formações em que esse sufixo figura. As palavras formadas com *-mente* apresentam acento principal (pauta 2) no sufixo e acento secundário (pauta 1) na base adjetiva, tal qual a estrutura prosódica de palavras compostas.

A questão do estatuto das formações em *-mente* é bastante complexa e não deve ser reduzida a uma questão de fácil resposta. Para os fins da análise que ora propomos, no entanto, privilegiaremos apenas o último fator apontado, que discute o estatuto

prosódico do morfema. Assim, ainda que se discuta o valor semântico de *-mente* diacronicamente, vamos considerá-lo sincronicamente um sufixo. Uma vez que, dentro de uma formação, seu significado não é mais recuperável e sua localização dá-se regularmente à direita da base adjetival, tal como sucede com sufixos, vamos considerá-lo um afixo e não um item lexical do português.

Passemos, agora, a tecer algumas considerações sobre o sufixo avaliativo *-(z)inho*, que, como *-mente*, também apresenta estatuto prosódico de palavra independente. A fim de justificarmos a sua inclusão na esfera dos afixos, então, fazem-se necessárias algumas observações.

Nas gramáticas tradicionais, o sufixo *-(z)inho* é apresentado como o formador de diminutivo. Contudo, sabemos que seu uso é mais ampliado, pois nem todas as formações em que *-(z)inho* figura resultam em diminutivo. Assim, seu uso nas formações *mulatinho*, *prezinho* e *bonitinha* serve para expressar aspecto meliorativo, afetivo e depreciativo, respectivamente.

Apesar de não haver evidência diacrônica do uso isolado de *-(z)inho*, ao contrário do sufixo *-mente*, verifica-se, seu uso autônomo em caráter substantivado. Nesse sentido, é possível, no português, referir-se a alguém como *o inho*, ou *a inha*, com fins depreciativos. Acreditamos que essa possibilidade, contudo, é fruto do uso avaliativo do sufixo. Com isso, o emprego de *-(z)inho* autonomamente não pode ser mais que resultado de uma operação de truncamento de uma forma derivada.

Nossa hipótese, que vai ao encontro de Moreno (1997), é de que tal emprego de *-(z)inho* tenha surgido de uma direção inversa à dos elementos que perdem a transparência: *-(z)inho* começa a vida como sufixo e passa, como elemento autônomo, a denominar entidades. Caminho esse contrário ao do seguido por *-mente*, que, de palavra autônoma, passou a sufixo. Consideraremos, para efeito de análise, portanto, *-mente* e *-(z)inho* sufixos.

Tais sufixos, como já foi esboçado, apesar do caráter morfológicamente dependente, apresentam autonomia do ponto de vista prosódico. Tanto *-mente* quanto *-(z)inho* têm o poder de carregar acento de palavra. Com isso, as formações em que esses sufixos figuram apresentam a estrutura prosódica de uma palavra composta, com o acento primário sobre a sílaba tônica do sufixo e o acento secundário sobre a tônica da base adjetival. Nesse sentido, as palavras formadas com esses sufixos não apresentam isomorfismo do ponto de vista da relação entre fonologia e morfologia. Ou seja, tais palavras são formadas de uma palavra base para duas palavras fonológicas. Lembremos,

aqui, que o conceito de palavra base adotada nesse estudo remete aos elementos providos de significação.

(110)

[[eterna]β ω [mente]ω]ω

[[coração]β ω [zinho]ω]ω

Por constituírem uma palavra prosódica recursiva juntamente com a base a que se ligam, tais afixos trazem o problema da recursão da palavra prosódica, uma vez que formam, com sua base, uma palavra dotada de dois acentos. É nesse sentido que temos a composição puramente fonológica: um vocábulo dotado de dois ou mais acentos (prosodicamente complexos), ainda que nem todos seus elementos se caracterizem como bases na língua.

Esses afixos que geram palavras prosodicamente complexas podem ser alguns prefixos ou sufixos dissilábicos. Vejamos algumas formações em que esses elementos aparecem.

(111)

FORMAÇÕES PREFIXAIS

anfiteatro

suprafacial

macroclima

ambidestro

FORMAÇÕES SUFIXAIS

riozinho

ferozmente

naturalista

bebedouro

Nesse aspecto, composição e alguns derivados partilham o problema da recursividade da palavra prosódica. A questão que se coloca, portanto, é sobre qual é a instância responsável pela diferenciação de palavras compostas e algumas palavras derivadas da língua. Isso diz respeito ao problema (3) apresentado em nossa introdução. O problema (3) é, de fato, desdobrado em duas perguntas principais: (a) como se diferenciam a composição puramente fonológica e a derivação? ; (b) como a composição fonológica se distingue da composição regular (formada por duas ou mais palavras bases)?

Na busca de nossas respostas, é importante ter em mente a falta de limite preciso entre composição e derivação no que diz respeito ao estatuto lexical dos elementos

componentes do vocábulo. Como já apontado em seção anterior, quando se trata de elementos de origem greco-latina, há fatores que apontam seu caráter afixal, como o posicionamento regular em um dos lados do vocábulo, mas também seu caráter lexical, como a sua carga semântica mais evidente que a da maioria dos afixos. Também lembramos que os prefixos dissilábicos, aqueles referidos por Schwindt (2001) como “composicionais”, devem ser considerados por seu caráter especial.

5.1.3 PROBLEMAS SINTÁTICOS

Para muitos autores (Di Sciullo e Williams, 1987; Villalva, 1986, 1992), apesar da existência dos compostos chamados “objetos morfológicos”, os quais se revelam opacos para regras sintáticas e apresentam propriedades derivacionais de palavras, os verdadeiros compostos nascem na sintaxe. De acordo com o que foi previamente descrito, uma questão problemática no estudo dos compostos reside nas formações que se revelam transparentes para a aplicação de regras da sintaxe, pois estas constituiriam palavras não regidas pelas regras morfológicas, mas sujeitas às regras do domínio da frase. Vejamos os exemplos.

(112)

(a) peixinho-espada

garotas-propaganda

(b) pão-de-lozinhos

í~~t~~alo-brasileiros

Os exemplos em (112) revelam que fenômenos flexionais e derivacionais não se aplicam de forma regular nos compostos. Enquanto em (112a) flexão e derivação se aplicam internamente ao composto, os exemplos de (112b) indicam a presença dos afixos flexionais e derivacionais na borda direita da palavra.

A problemática das palavras compostas reside, portanto, na duplicidade de sua configuração. Sintaticamente, os compostos apresentam distribuição de X^0 , ou seja, de um único átomo sintático. Quanto à aplicação de regras morfológicas, no entanto, a estrutura interna de muitos compostos espelha a sintaxe, porque apresentam regras de flexão e derivação entre seus constituintes.

Esse quadro representa, portanto, um problema para a noção de atomicidade sintática, como já foi discutido. Esmiuçando essa problemática frente aos compostos, chamamos à baila a noção de palavra (*wordhood*) que se apoia no princípio de Integridade Lexical (Anderson, 1992; Booij, 2007). Esse princípio estabelece que a sintaxe não manipula nem tem acesso ao interior da palavra. Na esfera da composição, contudo, vemos que o critério da não manipulação é violado, uma vez que, como já ilustrado, a flexão e a derivação se apresentam no interior de muitos compostos. O critério da não acessibilidade da sintaxe, todavia, é o que assegura a manutenção dos compostos no léxico. Por esse critério, a palavra é compreendida como um todo, bloqueando regras sintáticas que acessam apenas parte de sua constituição. Aí reside a noção de palavra como átomo da sintaxe. Vejamos como esse critério atua.

(113)

*José é um [[caminhon]_i [eiro]] e dorme nele_i.

A não acessibilidade da sintaxe à estrutura interna da palavra torna impossível uma configuração frasal como a de (113), em que *nele* faz referência ao item *caminhão*, diretamente tomado do interior da palavra derivada *caminhoneiro*.

O mesmo bloqueio se espera de palavras compostas.

(114)

*João tem um [[porta]-[lápiz]_i], mas guarda eles_i na gaveta.

Nessa frase, o pronome *eles* está se referindo a *lápiz*, parte do composto *porta-lápiz*. Sintaticamente, contudo, se o falante quer se referir aos lápis que podem ser mantidos no porta-lápiz, deve fazer uso de um novo objeto (*lápiz*) e não de um pronome que faz referência a outra entidade.

A não acessibilidade da sintaxe é, portanto, caracterizadora do composto. Caso a sintaxe tivesse acesso a uma das partes isoladas da sequência *porta lápis*, essa sequência seria frasal (como em 115), e não lexical. Vejamos.

(115)

João [porta] [lápiz]_i; peça um_i a ele.

Contrariamente ao que acontece no exemplo em (114), aqui cabe a coindexação entre *lápiz* e o referente *um*, uma vez que *lápiz* constitui objeto do verbo portar e não um membro de uma palavra composta.

Ou seja, o princípio da Integridade Lexical, de um lado, não assegura ao composto estatuto de palavra, uma vez que esse partilha com a sintaxe certas características, como a possibilidade de ser manipulado por regras de flexão e derivação internas. Por outro lado, o princípio lhe assegura um lugar na esfera lexical, pois não permite o acesso de certas regras sintáticas a uma parte isolada do composto. Assim, sendo a composição um processo de formação de palavras, deve haver um mecanismo que o diferencie do fenômeno sintático ainda que ambos apresentem semelhanças (o caso da manipulação de regras sintáticas no interior da palavra composta). Buscamos uma formalização que dê conta da diferença entre sequências de palavras que formam um composto, ou seja, que ocupam juntas uma posição X^0 no nível da frase, e sequências de palavras que aparecem lado a lado eventualmente, formando NPs. Nosso objetivo é traduzir essa diferença numa gramática que congregue sintaxe com fonologia e morfologia. Ao respondermos a essa questão, estaremos respondendo à pergunta (4) de nosso trabalho.

5.2 ENCAMINHAMENTO DE UMA ANÁLISE DOS OS COMPOSTOS DO PB

Tendo em vista o principal aspecto que justifica este trabalho, a saber, a possibilidade de uma análise de interfaces, levando em conta a interação dos componentes gramaticais envolvidos no processo de composição, levantaremos, aqui, alguns pontos que servirão de direcionamento à nossa análise.

5.2.1 RETOMADA DOS PROBLEMAS

Primeiramente, partindo do pressuposto de que a nossa análise tem como centro a fonologia e a hierarquia prosódica, uma das problemáticas relacionadas com os compostos diz respeito à obediência às propriedades de SLH (exaustividade e não recursividade), conforme os exemplos já apontados. Em segundo lugar, foi evidenciada a interação entre os componentes fonológico, morfológico e sintático na formação desses vocábulos. Assim, ainda que a falta de isomorfismo entre fonologia, morfologia

e sintaxe não constitua um problema a ser solucionado, mas sim formalizado, buscaremos construir uma gramática que responda pela formação dos compostos, levando em conta a interação entre esses componentes.

5.2.2 ARSENAL TEÓRICO

Uma vez que temos como objetivo promover uma análise que leve em conta a interação dos diversos componentes envolvidos no processo de composição, necessitamos de uma teoria capaz de fornecer um dispositivo de análise que permita descrever o diálogo entre essas diferentes esferas envolvidas na formação dos compostos. Pensamos que a teoria mais adequada para atingirmos esse objetivo é a Teoria da Otimidade, porque essa teoria concebe uma gramática em paralelo e não uma gramática baseada em regras seriadas. No âmbito dessa teoria, precisamos elencar restrições capazes de fazer referência à hierarquia prosódica, além de outras que consigam explicitar relações de interface entre os diferentes componentes envolvidos na composição.

Selkirk (1995), ao analisar prosodicamente as palavras funcionais do inglês e do servo-croata, propõe a combinação de dois grupos de restrições: as *restrições de dominância prosódica* e as *restrições de alinhamento generalizado* – essas últimas, de acordo com McCarthy e Prince (1993). Vejamos mais detalhadamente esses dois grupos.

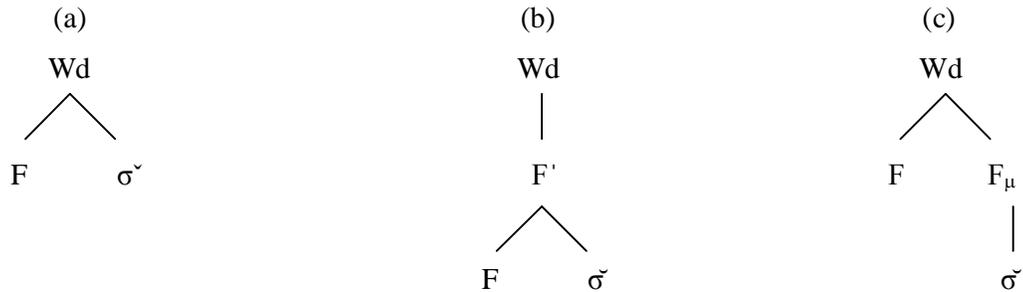
5.2.2.1 AS RESTRIÇÕES DE DOMINÂNCIA PROSÓDICA

As restrições de dominância prosódica têm como base os princípios que governam a hierarquia prosódica. A motivação para tratar esses princípios como restrições violáveis está no fato de que eles são passíveis de violação em algumas línguas. A ideia, portanto, é considerarmos tais princípios como restrições violáveis, de acordo com a tendência que vem sendo verificada entre alguns autores.

A literatura evidencia uma série de casos em que alguns princípios de SLH precisam ser enfraquecidos para que fatos linguísticos sejam explicados. Um dos principais trabalhos que propõem o enfraquecimento de SLH (*weak layering*) é o de Ito e Mester (2003).

Em seu trabalho, Ito e Mester buscam a representação mais adequada dos pés ternários, formados por um pé mais uma sílaba leve, em japonês. As alternativas estão nas representações abaixo.

(116)



A representação em (116a) apresenta violação a SLH, por apresentar pulo de nível na hierarquia. Nesse caso, se observa que a sílaba é diretamente dominada pela palavra prosódica, sem a intermediação da categoria pé. Em (116b), Ito e Mester postulam uma nova categoria prosódica, *Superfoot*, a qual acaba por sobrecarregar a hierarquia. A representação em (116c), por sua vez, faz da sílaba um pé monomoraico, ampliando, assim, a tipologia de pés com uma categoria *ad hoc*.

Segundo os autores, a representação correta é (a), que apresenta um pulo de nível na hierarquia, violando o princípio de *Strict Succession*. Esse princípio é uma versão do princípio de SLH que estabelece a proibição a pulos de níveis na hierarquia. Ito e Mester apontam que tal princípio parece não ser tão fortemente sustentado e incontroverso. Assim, é necessária uma concepção de *layering* que capture estruturas não uniformes como (a).

A fim de dar conta dos fatos, os autores apontam, primeiramente, a possibilidade de encontrar uma solução no licenciamento prosódico. As exigências de licenciamento que governam os constituintes prosódicos são resultado de alguns princípios parcialmente independentes: *Mora Confinement*, *Proper Headedness* e *Maximal Parsing*.

O primeiro princípio, *Mora Confinement*, prevê que moras somente podem existir como parte de sílabas. O segundo princípio, *Proper Headedness*, exige que cada categoria prosódica (não terminal) deve possuir um cabeça, isto é, deve dominar uma categoria imediatamente mais baixa. Segundo os autores, essa é uma condição mínima de boa formação que governa todos os constituintes prosódicos. Cada categoria deve

conter, minimamente, uma unidade da categoria imediatamente subordinada. Tal princípio tem como consequência a condição de minimalidade (palavra mínima). Isto é, se um pé é bimoraico, então a palavra também é. Esse princípio é complementado por um princípio que força a construção de outras estruturas: *Maximal Parsing*. Como apontado por Ito e Mester, a exigência de parse máximo recaptura a essência de *exigência do parse exaustivo*, proposta por Selkirk (1986, p. 384). Esse princípio diz que a estrutura prosódica é maximamente escandida dentro dos limites impostos por outras restrições que atuam na forma prosódica. *Maximal Parsing* não é uma condição absoluta, que bane as configurações em que um categoria C é imediatamente dominado por uma categoria C+2, mas relativa, dependendo de outras restrições à forma prosódica impostas por outros módulos da teoria fonológica. Os autores agrupam os três princípios acima sob o nome *Weak Layering* (WL).

Weak Layering não deve ser vista como uma teoria que tenta negar os princípios de SLH. Diferentemente, aquilo que é visto como lei imutável em SLH passa a ser uma exigência violável, na perspectiva de WL, o que provê a teoria prosódica de flexibilidade necessária para uma adequação descritiva e explanatória dos fenômenos linguísticos.

Além do trabalho de Ito e Mester, que é dedicado especificamente a uma proposta de afrouxamento de SLH, outros trabalhos também apontam a inconsistência desse conjunto de princípios, ao lidarem com outros fenômenos.

Bisol (2005), ao analisar o clítico, assume que esse se prosodiza pós-lexicalmente. Essa prosodização tardia tem como consequência a violabilidade de SLH. Mais especificamente, o clítico, como proposto por Bisol, é uma categoria que domina imediatamente a palavra, mas também domina diretamente a sílaba, representada pela partícula átona, o que ocasiona pulos de níveis na hierarquia. Cabe observar, ainda, que a partícula átona, enquanto sílaba, está a dois níveis de distância do grupo clítico, pulando o nível da palavra prosódica e o nível do pé, uma vez que sílaba átona não forma um pé isoladamente. Bisol (2005) mostra, portanto, a violabilidade do princípio que proíbe pulo de categorias na hierarquia.

Outro estudo que atesta a violabilidade dos princípios de boa formação da hierarquia prosódica é o de Ladd (1986). O autor sugere que a obediência à SLH por parte dos grupos tonais é apenas aparente, apontando evidências para a existência de estruturas recursivas na fonologia entonacional. O autor reconhece, primeiramente, dois tipos de domínio de frase entonacional, a saber, *Major Phrase* (MP) e *Tone Group*

(TG). Os domínios do tipo MP podem apresentar encaixamento em outras MPs ou mesmo podem se apresentar agrupados, formando as chamadas *super-MPs*; daí se apresentarem recursivamente.

Análises como as vistas acima, que tentam prover tratamento aos diferentes domínios prosódicos, podem pôr em xeque a categoricidade dos princípios reguladores da hierarquia. Segundo Selkirk (1995), parece que *Layeredness* e *Headedness* são princípios que se sustentam universalmente, mas que o mesmo não se pode afirmar em relação a *Exhaustivity* e *Nonrecursivity* (exaustividade e não recursividade, respectivamente). Prova são as análises de Ito e Mester para o pé e a análise de Bisol para o grupo clítico, que mostram a insustentabilidade do primeiro dos dois princípios. Já o estudo de Ladd aponta que estruturas como a frase entonacional podem se formar recursivamente.

Em vista disso, parece que a ideia de tratar tais princípios como restrições violáveis nos parece adequada. Nesse sentido, garante-se a sua atuação como força condutora às formas ótimas, mas, por outro lado, sua violabilidade passa a ser permitida dentro do quadro de análise. Assim o faz Selkirk no exame das palavras funcionais do inglês e do servo-croata. A autora aponta que, no inglês, as palavras funcionais podem ser prosodizadas como fortes (com estatuto de palavra fonológica) e como fracas (com estatuto de clítico). Essa diferença na prosodização das palavras funcionais se deve a diferenças nas suas formas subjacentes, mas também ao ranking de restrições que avaliam a forma de superfície. Tais restrições, segundo Selkirk, se definem com base na estrutura prosódica. Ou seja, são os princípios norteadores da hierarquia (SLH) que atuam em forma de restrições violáveis. Estas restrições, conforme a autora, são:

(117)

Constraints on Prosodic Domination²²

(where C^n = some prosodic category)

- (i) *Layeredness* No C^i dominates a C^j , $j > i$,
e.g. “No σ dominates a Ft.”
- (ii) *Headedness* Any C^i must dominate a C^{i-1} (except if $C^i = \sigma$),
e.g. “A PWd must dominate a Ft.”
- (iii) *Exhaustivity* No C^i immediately dominates a constituent C^j , $j < i-1$,
e.g. “No PWd immediately dominates a σ .”
- (iv) *Nonrecursivity* No C^i dominates C^j , $j = i$,
e.g. “No Ft dominates a Ft.”

Tais restrições traduzem os princípios de SLH. *Layeredness* prevê que um constituinte não pode dominar seu constituinte superordenado; *Headedness*, por sua vez, determina que um constituinte deve dominar um constituinte menor, à exceção da sílaba, que é o constituinte da categoria mais baixa; *Exhaustivity* (Exaustividade) é a restrição que proíbe pulo de níveis e também determina que um constituinte esteja exaustivamente contido no constituinte imediatamente superordenado. Por fim, *Nonrecursivity* (Não Recursividade), ao definir que uma dada categoria é composta por uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, determina que um constituinte não pode dominar um constituinte da mesma categoria prosódica.

Em nossa análise faremos uso das restrições Exaustividade e Não Recursividade, pois estamos lidando com dois problemas básicos no que tange à prosodização dos compostos:

- (i) a inclusão e a filiação do composto na hierarquia prosódica;
- (ii) a possibilidade de analisar a composição dentro de uma categoria recursiva, levando em conta que alguns compostos são formados de duas palavras prosódicas.

²² “Restrições de Dominância Prosódica (em que C^n = alguma categoria prosódica)

- (i) *Layeredness* Nenhum C^i domina um C^j , $J > i$. Ex. “Nenhuma sílaba domina um pé.”
- (ii) *Headedness* Algum C^i deve dominar um C^{i-1} (exceto se $C^i = \sigma$). Ex. “Uma palavra prosódica deve dominar um pé.”
- (iii) *Exhaustivity* Nenhum C^i domina imediatamente um constituinte C^j , $j < i-1$. Ex. “Nenhuma palavra prosódica domina imediatamente uma sílaba.”
- (iv) *Nonrecursivity* Nenhum C^i domina C^j , $j = i$. Ex. “Nenhum pé domina outro pé.” (tradução nossa)

Ressaltamos, contudo, que SLH é um conjunto de propriedades e princípios de boa formação da hierarquia que vêm sendo propostos em muitos trabalhos anteriores a Selkirk (1995). SLH é lançado por Selkirk (1984) como um princípio geral que demanda dominância de categorias prosódicas mais altas sobre categorias mais baixas. Em seu trabalho de 1986, a autora desmembra esse princípio geral em quatro propriedades – trazidas em nosso capítulo 2, apresentadas em (10). Nespor e Vogel, em seu trabalho lançado no mesmo ano, porém um pouco anterior a Selkirk (1986), apresentam quatro princípios definidores da geometria das representações prosódicas. Desses princípios, dois – que estão representados em (11), em nosso capítulo 2 – são reconhecidos pelas autoras como equivalentes à condição de boa formação formulada por Selkirk (1984) sob a designação de *Strict Layer Hypothesis*.

Observamos que a interpretação de tais princípios não é uniforme entre os estudiosos. Dessa forma, Selkirk (1995) formaliza o princípio de Exaustividade como integrante de SLH e o associa à proibição a pulos de níveis – um tanto diferentemente de Selkirk (1986), que menciona “exaustividade” (*exhaustively parsed*) em termos de exigência de escansão de uma sentença em categorias prosódicas. Nespor e Vogel (1986), na mesma linha de Selkirk (1986), concebem Exaustividade como uma exigência de filiação de uma unidade em uma categoria do nível superordenado, e, mais que isso, em termos de escansão total de um elemento dentro de uma única unidade representativa da categoria imediatamente mais alta, de acordo com o que mencionamos e exemplificamos por meio da representação (12) no capítulo 2. Nesse mesmo sentido é a interpretação feita por Ito e Mester (2003), que desmembram SLH em dois princípios específicos para essas propriedades, a saber, *Proper Bracketing* – que proíbe um constituinte de estar filiado a dois ou mais nós do constituinte superordenado – e o já por nós mencionado *Strict Succession*, que proíbe pulos de níveis na hierarquia. Entendemos que, para o desenvolvimento de nosso trabalho, não se trata de optar por uma interpretação ou outra do princípio de Exaustividade, pois as três não se opõem; antes, se complementam.

5.2.2.2 ALINHAMENTO GENERALIZADO

Outra categoria de restrições que servirá de ferramenta à nossa análise é a das restrições de alinhamento generalizado.

Em nosso estudo, assumimos que sequências de palavras que formam compostos são diferentes de sequências de palavras formando sentenças, e isto se explica pelo baixo ranqueamento da restrição Não Recursividade na gramática dos compostos, que apresentam estrutura recursiva. Esta, por sua vez, é uma questão que toca ao campo prosódico exclusivamente.

Resta um problema de interface entre fonologia e sintaxe, contudo. Do ponto de vista da construção frasal, como diferenciar composição e sintagma, visto que ambas as formações se constituem de sequências de palavras? Em termos formais, a resposta a esse problema será buscada no esquema de restrições chamado Alinhamento Generalizado (AG).

5.2.2.2.1 ALINHAMENTO GENERALIZADO: CARACTERIZAÇÃO

O termo Alinhamento Generalizado (AG) foi cunhado por McCarthy e Prince (1993) para dar conta da interface morfologia-prosódia no âmbito da Teoria da Otimidade. O embrião da ideia de “alinhamento”, contudo, data de Selkirk (1986), que busca relacionar constituintes sintáticos com a representação fonológica. A ideia, segundo a autora, é de que a relação entre estrutura sintática e estrutura fonológica seja definida em termos de bordas finais de categorias sintáticas de determinados tipos. Uma unidade da estrutura fonológica, nesse sentido, terá como final de sequência (*terminal string*) a extensão da estrutura sintática que é demarcada pelo limite final direito ou esquerdo de um constituinte.

Mais tarde, McCarthy e Prince (1993) buscam unificar essa abordagem com outros estudos que definem limites entre categorias prosódicas e morfológicas, tais como o de Cohn (1989) e o de Inkelas (1989). O resultado, então, é a elaboração de um esquema geral que mapeia limites entre categorias gramaticais (a palavra gramatical ou certos morfemas e radicais) e categorias prosódicas (a palavra prosódica ou outros constituintes prosódicos). Esse esquema combina tais categorias e estabelece a direção da borda em que as mesmas devem ser alinhadas. Vejamos, pois, o esquema geral que dá origem a restrições de alinhamento.

(118)

Generalized Alignment²³

Align (Cat1, Edge1; Cat2, Edge2)

\forall Cat1 \exists Cat2 such that Edge1 of Cat1 and Edge2 of Cat2 coincide.

Where

Cat1, Cat2 \in PCat \cup GCat

Edge1, Edge2 \in {Right, Left}

Nesse esquema geral, PCat representa uma categoria prosódica e GCat representa uma categoria gramatical (morfológica ou sintática). *Edge* responde pela borda (direita ou esquerda) em que tais categorias devem se encontrar. A restrição que daí resulta demanda que um designado limite de uma categoria do tipo 1 (prosódica ou gramatical) coincida com um designado limite de uma categoria do tipo 2 (prosódica ou gramatical). Assim sendo, o esquema AG pode gerar combinações que são subesquemas:

(119)

(a) Align (GCat, E1; PCat, E2)

(b) Align (PCat, E1; GCat, E2)

(c) Align (PCat, E1; PCat, E2)

Estes subesquemas, preenchidos com morfemas específicos de línguas particulares, gerarão as restrições que, de fato, irão atuar nas gramáticas de cada língua. Reside aí, a propósito, uma das críticas ao esquema AG. Uma vez que é permitida a construção de restrições que fazem referência a morfemas de línguas particulares, críticos da TO apontam que, nesse aspecto, a teoria perde em caráter universal. Como aponta Kager (1999), contudo, essa perda é apenas aparente, uma vez que o esquema,

²³ Alinhamento Generalizado

Align (Cat1, Borda1; Cat2, Borda2)

\forall Cat1 \exists Cat2 tal que Borda1 da Cat1 e Borda2 da Cat2 coincidam.

Onde

Cat1, Cat2 \in PCat \cup GCat

Borda1, Borda2 \in {Direita, Esquerda}

(tradução nossa)

no qual os morfemas de língua específica irão figurar, é de caráter universal e faz referência à morfologia enquanto categoria e não a morfemas particulares.

5.3 ALTERNATIVA DE ANÁLISE

A análise que ora propomos tem como pressuposto a Teoria dos Constituintes Prosódicos (Nespor e Vogel, 1986; Selkirk, 1984 e 1986). Nosso arsenal teórico, como referido acima, toma emprestadas as ideias de Selkirk (1995) que concebe os princípios da hierarquia prosódica como restrições violáveis, redesenhando-as como restrições de dominância prosódica. Nessa linha, tal como a autora, faremos uso dos princípios de Exaustividade e Não Recursividade como restrições, no escopo de uma análise otimalista. Também a exemplo de Selkirk (1995), utilizaremos as restrições de alinhamento generalizado em nossa investigação.

5.3.1 ANÁLISE FONOLÓGICA DOS COMPOSTOS

Conforme discutido acima, o principal problema para a descrição dos compostos, aqui, reside no estatuto fonológico da palavra composta na hierarquia prosódica. A fim de traçarmos melhor o objetivo dessa seção, retomemos a pergunta (2), lançada na introdução de nosso trabalho, ou seja, uma vez que o composto não está previsto na hierarquia prosódica, como adequá-lo dentro dessa hierarquia, sem que haja algum custo para a teoria na solução desse problema?

Começemos por discutir as forças conflitantes no mapeamento de uma palavra composta. Ao mesmo tempo em que um composto necessita ser mapeado em um lugar da hierarquia prosódica, como pede o princípio de Exaustividade, não há uma categoria específica para agrupá-lo. Então, ou as palavras integrantes do composto se agrupam sob um nó de frase fonológica ou, alternativamente, se reagrupam dentro de um outro nó de palavra prosódica, ferindo, aí, princípio de Não Recursividade.

A opção por agrupar os integrantes do composto dentro de um nó de frase fonológica não só foge da violação a Exaustividade, obviamente, como também livra o composto de ferir o princípio de Não Recursividade da palavra prosódica. Frente a essa alternativa, observamos que sequer há conflito; ambos os princípios de Não Recursividade e de Exaustividade, são obedecidos. Vejamos, no tableau abaixo, esses

princípios em forma de restrições e observemos que tais restrições, nesse caso, não necessitam de ranking.

(120)

Representação da Frase Fonológica frente a Não Recursividade e Exaustividade

[pão] [duro]	Não Recursividade	Exaustividade
a. [[pão]ω [duro]ω]φ		

Se a configuração em (120) não apresenta conflito é porque está respondendo pela configuração de um constituinte regular na hierarquia, o qual obedece a ambos os princípios de boa formação. Nesse caso, trata-se da frase fonológica. Em termos sintáticos, a configuração representada no ranking responde por palavras dispostas adjacientemente em um sintagma. O que buscamos, no entanto, é encontrar a configuração da palavra composta. A nossa busca pela configuração prosódica do composto já deu seu primeiro passo, que foi formalizar o que *não é um composto*. Isso parece insuficiente, mas utilizando uma lógica estruturalista, segundo a qual as estruturas são o que são por apresentarem oposição umas em relação às outras, pode-se, num primeiro momento, definir o composto como uma estrutura que se opõe à frase fonológica. Ou seja, o ranking que responde pela composição, diferentemente do ranking que responde pela frase, deve mostrar um conflito; uma das restrições deve ser violada, pois o composto não é uma categoria natural da hierarquia.

Se um composto, então, não é uma frase ou, em termos formais, se seus membros não são dominados por um nó de frase fonológica, uma solução pode ser tentar enquadrá-lo sob um nível mais baixo na hierarquia, o da palavra prosódica. Nesse caso, o resultado é uma palavra prosódica constituída de duas outras palavras prosódicas, ou seja, uma palavra prosódica recursiva.

(121)

Palavra Composta: Palavra Prosódica Recursiva

[pão] [duro]	Exaustividade	Não Recursividade
a. [pão]ω [duro]ω	!*	
☞ b. [[pão]ω [duro]ω]ω		*

O que (121) nos mostra é o conflito entre Não Recursividade e Exaustividade. Essa última restrição milita pela inclusão exaustiva de elementos em categorias prosódicas. O tableau nos diz que, mais grave que o fato de uma categoria se estruturar recursivamente é a existência de elementos não mapeados em categoria alguma, como acontece com o candidato (a), cujos membros não têm filiação em uma categoria mais alta na hierarquia – fato que explica o ranqueamento mais alto da restrição Exaustividade. Ademais, o fato de haver violação de uma das duas restrições indica que o candidato vencedor tem estrutura própria, que não se confunde com a estrutura de alguma outra categoria prosódica.

De acordo com (120) e (121), portanto, admitimos a recursão da palavra prosódica para dar conta do estatuto prosódico de compostos que portam dois acentos no PB. Com isso, palavras compostas apresentam estrutura prosódica própria, a palavra recursiva, diferentemente de palavras prosódicas agrupadas em uma frase fonológica.

A literatura apresenta, contudo, alternativas para driblar o problema da recursão da palavra composta em casos como esse. Uma proposta recente é a de Vigário (2006), que lança o já mencionado grupo de palavra prosódica (PWG). Essa nova categoria é um grupo intermediário entre a frase fonológica e a palavra prosódica, e contempla em si o grupo clítico e as formações compostas. Vigário (2006) elenca uma série de fenômenos para evidenciar a possibilidade de criação desse grupo, não só em PE, como também em inglês, em holandês, em turco e em outras línguas. Sua principal motivação, contudo, é o reconhecimento de que muitas línguas apresentam constructos formados de mais de uma palavra prosódica e a crença de que alterações teóricas advindas para acomodar esses fatos têm gerado um enfraquecimento na teoria.

Ao contrário de Vigário (2006), no entanto, não assumiremos a existência do PWG para os compostos do PB. Assim, diferentemente do modelo de hierarquia prosódica proposta pela autora, assumiremos, para o PB, a já consagrada hierarquia de Nespor e Vogel (1986). Na medida em que as autoras não preveem uma categoria específica para a palavra composta, propomos que essa seja formalizada na hierarquia por meio da recursividade da palavra prosódica. Uma vez que assumimos o afrouxamento dos princípios de boa formação de hierarquia prosódica, concebendo-os como restrições violáveis, existe a alternativa de permitir a recursão de uma categoria prosódica. Assim, optamos por manter essa alternativa, uma vez que ela, de acordo com nosso entendimento, representa um custo muito menor para a teoria se comparada ao

custo da postulação de mais um constituinte, o que provocaria a reengenharia de uma hierarquia prosódica já bem estabelecida.

O afrouxamento de princípios da SLH, ao nosso ver, é um ganho para o desenvolvimento da teoria, pois traz, pelo menos, duas vantagens: (1) a preservação de um modelo já consagrado de hierarquia prosódica, o que não acarreta o risco de invalidarem-se análises bem estabelecidas que tiveram essa hierarquia como pressuposto; (2) a reelaboração de tais princípios como restrições violáveis, permitindo a sua utilização na Teoria da Otimidade, que lida com restrições.

Além dos fatores já mencionados, pensamos que o afrouxamento de SLH é uma alternativa dotada de maior generalidade, porque ao permitir violação de princípios da hierarquia, torna possível a análise de categorias não previstas na mesma sem necessariamente incluí-las como constituintes prosódicos. Esse é o caso da composição e pode vir a ser o caso de qualquer outro constructo que se queira analisar dentro da hierarquia prosódica. Pensamos que a opção por postular uma nova categoria prosódica para acomodar a composição – como faz Vigário, ao lidar com um modelo que não prevê a atuação de restrições violáveis – traz ao pesquisador a obrigação de ter de estudar, caso a caso, a possibilidade de incluir na hierarquia qualquer outro elemento que se queira analisar. Essa abordagem, sob o nosso ponto de vista, além de pouco generalista, pode trazer o risco de sobrecarregar a hierarquia prosódica.

5.3.2 ANÁLISE MORFOLÓGICA DOS COMPOSTOS

Levando em conta a semelhança prosódica entre palavras e alguns afixos portadores de acento, admite-se que algumas palavras afixadas se estruturam como palavras complexas do ponto de vista prosódico. Essas palavras derivadas e os compostos regulares se assemelham do ponto de vista de sua estruturação, sendo ambos palavras prosódicas recursivas. Vejamos o par de exemplos abaixo, em que, (122a) representa uma composição regular, e (122b) representa um derivado fonologicamente composto.

(122)

(a) [[belas] ω β [artes] ω β] ω

(b) [[bela] ω β [mente] ω β_{fx}] ω

A composição regular (122a) admite como compostas as palavras formadas por duas ou mais palavras bases (β). Já os derivados fonologicamente complexos são compostos apenas sob o ponto de vista do acento. Nesses derivados, podemos encontrar uma palavra base para duas palavras fonológicas. Sua complexidade não advém da junção de diferentes bases, mas da junção de palavras fonológicas.

No universo das palavras derivadas, uma das questões que perseguimos é sobre como formalizar a diferença entre os derivados fonologicamente simples (123a) e os derivados que se configuram fonologicamente como palavras compostas (123b).

(123)

(a) beleza [belo] β + [eza] ω_{sfx}

(b) belamente [belo] $\omega\beta$ + [mente] ω_{sfx}

A fim de atingirmos esse objetivo, começemos por observar um composto fonológico formado por *-mente*. Vamos pressupor duas variantes desse composto, uma com a vogal média baixa da base preservada e outra com a vogal média sem o timbre baixo, ou seja, não mais com o efeito do acento. Começemos por esse último caso.

(124)

[so] β + [mente] ω_{sfx}

Esta é a palavra fonologicamente simples. O desaparecimento do acento na base é indicado pela perda do timbre baixo da sua vogal média. Esse fenômeno é muito comum em compostos que perdem sua transparência, como *pesticida*, cuja vogal média do primeiro elemento perde o timbre baixo, passando de *p[ε]sticida* a *p[e]sticida*.

No caso (124), o acento primário da palavra como um todo passa para o sufixo, tendo como consequência a neutralização da vogal da raiz, agora pretônica. Assim, a palavra base *só* se obscurece enquanto palavra fonológica, perdendo seu estatuto prosódico. A palavra tem, assim, um único acento e estatuto de palavra simples.

Observemos, agora, a situação abaixo.

(125)

[so] $\omega\beta$ + [mente] ω_{sufx}

Esse é o composto fonológico. De acordo com seu estatuto na hierarquia prosódica, trata-se de uma categoria recursiva, uma vez que apresenta duas palavras prosódicas. Aqui, tanto a palavra base quanto o sufixo são prosodicamente fortes.

A palavra base, na primeira posição, se alinha com uma palavra fonológica, dada a presença do acento, que preserva o timbre baixo da sua vogal média.

No caso (124), contrariamente, a palavra morfológica não apresenta o referido alinhamento, uma vez que perde o acento, transferindo-o para o sufixo *-mente*. Naquele exemplo, à palavra morfológica não corresponde nenhuma palavra fonológica. Como o acento se localiza apenas no sufixo, (124) não mais se configura como composto fonológico. O estatuto de palavra simples em (124) é adquirido pela perda de alinhamento entre palavra fonológica e palavra morfológica na base. Passar a palavra fonologicamente simples significa desalinhar essas categorias.

O composto puramente fonológico (125) consiste, portanto, em uma palavra derivada que manteve o estatuto prosódico de sua base – concomitantemente à presença do acento no afixo –, isso por conta da obediência a alinhamento. Na derivação prosodicamente simples (124), perde-se o acento da base e, portanto, a relação de um para um entre morfologia e fonologia.

(126)

Emergência do Composto Fonológico

[so] [mente]	Align (β , R; PW, R)
☞ a. [sɔ]β ω [mente]ω	
b. [so]β [mente]ω	*

Frente à restrição que requer coincidência de bordas entre a palavra base e a palavra prosódica, o derivado (126b) violará o alinhamento entre as categorias morfológica e fonológica na fronteira direita da base. O composto fonológico (126a) é aquele que obedece o alinhamento entre morfologia e fonologia.

A emergência do candidato que representa o derivado fonologicamente simples apenas acontecerá se a restrição de alinhamento estiver numa posição baixa num ranking em que tal candidato estiver competindo. A fronteira entre a composição puramente prosódica e a derivação prosodicamente simples, nesse caso, dar-se-á pela

demoção da restrição de alinhamento, que deve estar inativa para permitir que o candidato cuja base é desprovida de acento figure vencedor.

A literatura apresenta outras alternativas para resolver essa problemática dos limites entre composição e derivação. Schwindt (2008) contrapõe derivados prosodicamente complexos e derivados prosodicamente simples também via restrição de alinhamento entre a palavra morfológica e a palavra prosódica. Seu estudo, no entanto, tem enfoque sobre a transparência da base e, para isso, lança mão de uma restrição de identidade que faz referência à altura da vogal – que é média baixa quando preservadora de acento. Assim, a restrição de alinhamento deve interagir com essa restrição de identidade de altura da vogal, mas a questão que se coloca é sobre como tratar os casos em que a base apresenta vogais que não sofrem mudança em sua qualidade quando da perda do acento, não deixando, portanto, pistas sobre tal perda.

Outra análise que trata da diferença de acento nos compostos e nos derivados é a de Kager (2000). O autor faz uso de restrições de correspondência entre base e output para mostrar o padrão de acento nos compostos no holandês. Segundo Kager, o acento da base é preservado na palavra derivada devido à obediência a uma restrição que demanda preservação do acento da base nos derivados (PK-Max [B/O]). Nos compostos, tal restrição é violada, uma vez que outputs têm de apresentar um único acento – exigência da restrição Uni-Pk, segundo a qual palavras devem apresentar um único pico de acento – e, contudo, apenas uma das bases das palavras compostas preserva seu acento no output. A análise de Kager via restrições de correspondência nos parece bastante elucidativa. No entanto, um aspecto facilitador para essa análise é o fato da regularidade do acento dos compostos do holandês, que é único e geralmente à esquerda²⁴, regularidade essa não verificada entre os compostos do português.

Com isso, assumimos em nosso trabalho que a diferença entre derivados prosodicamente simples e derivados prosodicamente complexos (o composto fonológico) é resultado da atuação de uma restrição de alinhamento que demanda o emparelhamento da base com uma palavra prosódica. Assim, o composto prosódico emerge quando esse emparelhamento é evidenciado, em obediência a Align (β , R; PW, R) e o derivado prosodicamente simples se apresenta quando se perde esse emparelhamento, resultado da desobediência à restrição, a qual deve estar em baixa posição no ranking para que esse derivado venha à superfície.

²⁴ Apenas os compostos adjetivais apresentam acento à direita.

Resta agora explorar a diferença entre o composto puramente fonológico e o composto morfológico (ou regular), ou seja, aquele cuja complexidade é, antes de tudo, morfológica, advinda da junção de diferentes palavras bases. Prosodicamente, não há diferença entre esse tipo de composto (quando formado de dois acentos) e aquele puramente fonológico, uma vez que ambos apresentam mais de uma proeminência e se configuram recursivamente.

A diferença entre esses dois tipos de compostos reside na relação que a fonologia estabelece com a morfologia. Enquanto na composição fonológica se verifica uma relação não isomórfica, em que existe apenas uma palavra base para duas palavras prosódicas, na composição regular, o isomorfismo entre morfologia e fonologia é evidenciado. Na composição regular, cada palavra prosódica está alinhada a uma base.

(127)

[bɜla]ω β	[mente]ω	COMPOSTO FONOLÓGICO
[bɜlas]ω β	[artes]ω β	COMPOSTO MORFOLÓGICO (REGULAR)

De acordo com Schwindt (2008) “uma vez que a categoria superordenada às duas bases prosódicas é uma palavra prosódica, a diferença entre composição com prefixos e composição propriamente dita torna-se um problema de caráter exclusivamente morfossintático”. Segundo o autor, é a questão morfossintática que dá conta da diferença entre a composição e a afixação, no sentido de que a primeira permite, mais regularmente, operações morfossintáticas em seu interior (como a concordância de número entre os dois elementos, tal como em *abelhas-rainhas*), diferentemente da afixação. A restrição de alinhamento, contudo, nos permite parear a morfossintaxe com a fonologia e, a partir desse pareamento, apontar a diferença entre a composição com prefixos (composto fonológico) e a composição regular (morfológica).

A partir de nossa abordagem, é possível ampliar a definição de composto fonológico – que deixa de se definir apenas como uma palavra prosódica recursiva. Se sabemos que o composto regular também pode se estruturar recursivamente, onde residiria a diferença entre esses dois tipos de composição? Segundo supomos, e tentamos demonstrar, essa diferença se evidencia a partir do modo como se alinham palavra prosódica e palavra base.

O fator morfossintático, que traz a possibilidade de operações tipicamente sintáticas no interior da palavra composta – como apontado por Schwindt – nos remete

a outro problema: o da distinção entre compostos, de um lado, e frases, de outro. Essa questão será tema da próxima seção.

5.3.3 ANÁLISE SINTÁTICA DOS COMPOSTOS

Buscaremos, agora, um meio de responder pela diferença entre palavras compostas, de um lado, e palavras reunidas em unidades sintáticas maiores, de outro lado.

Lembremos, antes de tudo, que a composição, do ponto de vista sintático, se define pela soma de dois átomos sintáticos, cada um portador de uma carga de significado, que, quando combinados, dão origem a um terceiro elemento, de significação e particularidade próprias. Os mesmos elementos adjacentes apresentarão certas propriedades se unidos numa relação sintagmática ou numa relação paradigmática (composicional). Na relação sintagmática, essa relação será sempre de um para um, de acordo com a representação abaixo.

(128)

Tenho uma mesa redonda que quero vender.

[N]	[A]	INPUT/ ESTRUTURA PROFUNDA
[N]	[A]	OUTPUT/ ESTRUTURA DE SUPERFÍCIE

Na representação da frase, em (128), as categorias [N] e [V] serão as mesmas no input e no output (ou na estrutura profunda e na estrutura de superfície). O mesmo não acontece na composição, uma vez que, a partir do agrupamento, as mesmas categorias [N] e [V] se reestruturam, passando a uma terceira categoria morfossintática.

(129)

Temos uma mesa-redonda com um grande cientista.

[N]	[A]	INPUT
∨		
[N]		OUTPUT

Para além do universo da sintaxe, estrutura composicional e estrutura frasal se distinguem com respeito a outros aspectos. Examinaremos, nesta seção, as relações que a sintaxe dos compostos estabelece com a sua fonologia.

Observemos, então, as representações abaixo.

(130)

- a. [mesa]ω x⁰ [redonda]ω x⁰ ESTRUTURA FRASAL
b. [[mesa]ω [redonda]ω]ω x⁰ COMPOSIÇÃO

A estrutura frasal (130a) se caracteriza por uma relação de um para um entre constituinte prosódico e constituinte sintático. Ou seja, cada palavra prosódica corresponde a uma palavra sintática nessa estrutura. Já a estrutura composicional (130b) não apresenta essa relação isomórfica. A palavra *mesa-redonda*, na representação acima, é um composto formado de dois elementos que carregam acento (portanto duas palavras prosódicas independentes) e, contudo, constitui uma única palavra sintática, visto que ocupa uma única posição dentro da unidade frasal. Para esclarecer esse ponto, vejamos a sua comutação com outra palavra sintática na mesma posição da estrutura sintagmática:

(131)

Fomos à [mesa-redonda] ontem.

[aula]

[reunião]

É possível observar que todas as palavras entre colchetes são passíveis de preencher a posição de objeto na frase acima. No entanto, enquanto *aula* e *reunião* portam apenas um acento primário, apresentando uma relação de um para um entre fonologia e sintaxe, *mesa-redonda*, ainda que ocupe uma única posição sintática, apresenta dois acentos. Essa é a grande questão que diz respeito à interface fonologia-sintaxe quando se trata de composição.

Nesse sentido, o alinhamento entre categoria sintática e categoria prosódica é mantido na estrutura frasal e violado na estrutura composicional. A fim de formalizarmos esse limite entre compostos e frases, faremos uso de uma restrição que demanda coincidência de bordas entre estas categorias. Vejamos, então, como se constitui tal restrição.

Como dissemos acima, AG é um esquema que combina categorias gramaticais (sintáticas e/ou morfológicas) e categorias prosódicas. No caso do contraste entre sintagmas e compostos, as categorias em jogo são a palavra sintática e a palavra prosódica. O alinhamento requerido é à direita, lado onde a frase pode se estruturar recursivamente. A escritura da nossa restrição de alinhamento é, portanto, a seguinte.

(132)

Align (PW, R; X⁰, R)

Alinhe a borda direita de um átomo sintático com a borda direita de uma palavra prosódica.

Ao compararmos a estrutura composicional e a estrutura sintagmática sob a avaliação da restrição de alinhamento, o que se pode notar é que a segunda estrutura, representada em (133b), apresenta isomorfismo entre fonologia e sintaxe, e a estrutura composicional (133a) apresenta elementos prosódicos e sintáticos desalinhados.

(133)

Representação do Sintagma e do Composto

/ [mesa] _N [redonda] _A /	Align (PW, R; X ⁰ , R)
a. [[[mesa]ω [redonda]ω]ω x ⁰	*
☞ b. [[mesa]ω x ⁰ [redonda]ω x ⁰]φ	

O tableau acima serve para demonstrar o comportamento do composto e do sintagma frente à restrição de alinhamento. O input dessa análise é constituído pelas categorias morfossintáticas [V] e [N] dispostas adjacientemente. O candidato (a) representa um composto formado de duas palavras prosódicas e um átomo sintático; o candidato (b) responde pela estrutura sintagmática, em que cada palavra prosódica corresponde a um átomo sintático. O candidato que não infringe a restrição de alinhamento, e sai vencedor, é o candidato (b), representante da estrutura frasal, pois, em sua estrutura, se verifica coincidência de bordas sintáticas e bordas prosódicas à direita.

Seguindo o princípio de otimização lexical, que define o input a partir de um critério de semelhança com o candidato ótimo, temos que o input dessa competição é a

estrutura frasal. O tableau (133), portanto, responde pela estrutura frasal ótima. É em comparação com esta estrutura e sob a avaliação de alinhamento que a estrutura do composto se define. Como já mencionamos, (133ab) são formados de elementos pertencentes às categorias [V] e [N] dispostos adjacientemente. No âmbito do candidato ótimo, (b), cada um desses elementos equivale a um X^0 , bem como uma palavra prosódica independente.

(134)

mesa	redonda
$[x^0]$	$[x^0]$
$[\omega]$	$[\omega]$

Já a estrutura do candidato (a) não é uma estrutura isomórfica, pois temos uma palavra sintática para duas palavras prosódicas. Nesse sentido, tal candidato viola a exigência de alinhamento, que demanda coincidência de bordas à direita, e é eliminado.

(135)

mesa	redonda
	$[x^0]$
	∧
$[\omega]$	$[\omega]$

Nesse aspecto, o composto se define a partir de sua relação com a estrutura sintática. É a partir da restrição de alinhamento que se observa a fronteira representacional entre o universo da sintaxe e o universo da composição. O diferencial, nessa análise, reside no fato de que as categorias sintática, fonológica e morfológica não se separam – ao contrário, se unem –, e alinhamento é que faz o elo dessa ligação. Por isso é possível prever a palavra composta a partir de um ranking cujo candidato ótimo é a frase, ou seja, a estrutura sintática.

Aparentemente, sob o ponto de vista de uma TO standard, o tableau acima necessitaria de uma restrição que estivesse em conflito com a restrição de alinhamento. Entretanto, AG, aqui, não está decidindo sobre candidatos competidores, mas apenas mostrando como se diferenciam a palavra composta e a estrutura frasal frente à

exigência de coincidência de bordas. Temos, de um lado, a palavra prosódica recursiva (o composto) em contraste com o sintagma, que, prosodicamente, é um conjunto de palavras prosódicas afiliadas sob um nó de frase fonológica, cada uma equivalente a um átomo sintático.

Acontece que tanto o composto quanto o sintagma têm seu lugar no sistema. O fato é apenas que, enquanto o composto fere alinhamento, seu concorrente não fere restrição alguma no âmbito do pareamento em (133). Fato semelhante ocorre na análise fonológica dos compostos – tableau (120). Lá, o representante da frase fonológica, categoria regular na hierarquia prosódica, não fere Exaustividade e Não Recursividade; obedecia às duas restrições que fazem referência aos dois princípios de boa formação da hierarquia.

O composto, tanto na competição fonológica quanto na competição sintática, mostrada nessa seção, se mostra violador de restrições. No âmbito da fonologia, ele fere Não Recursividade e, aqui, fere a restrição de alinhamento. Seu caráter, portanto, é irregular dentro da hierarquia, mas em virtude de podermos pensar Não Recursividade e Exaustividade como restrições violáveis e devido à possibilidade de uma análise por meio da restrição de alinhamento, que integra fonologia e sintaxe – além da morfologia – é possível levá-lo a uma análise frente às categorias dessa hierarquia prosódica.

Devemos esclarecer que o fato de analisarmos composição *versus* estrutura frasal frente unicamente a restrição de alinhamento não caracteriza simplesmente ausência de conflito. Trazemos aqui o que McCarthy (2002, p. 6) chama de ordenamento parcial: “In practice, though, it is not usually possible to discover a total ordering, and so the analyst must be satisfied with a partial ordering.”²⁵ Fica evidente, pois, que outras restrições de diferentes naturezas responderão, de um lado, por outras características do composto, e, de outro, pelas demais propriedades do nível frasal. O que temos por meta, nesse momento, é capturar o ponto de intersecção entre esses dois universos. Esse objetivo, pensamos, pode ser alcançado pela restrição de alinhamento entre as categorias prosódicas e as categorias sintáticas.

Essa ideia também se estende à análise da seção anterior, que visou a distinguir o composto puramente fonológico e a palavra derivada. Devem existir ranqueamentos específicos subjacentes às características específicas dos compostos fonológicos, assim como às características dos vocábulos derivados. O que buscamos foi definir onde

²⁵ “Na prática, no entanto, não é normalmente possível descobrir o ranking total, e, assim, o analista tem de estar satisfeito com um ordenamento parcial.” (tradução nossa)

reside a diferença de ambos, e AG nos forneceu a resposta: na demissão da restrição que demanda coincidência de borda de palavra fonológica e palavra morfológica na análise dos derivados.

Com isso, AG tem o papel de unificar a análise dos compostos, ou seja, a restrição de alinhamento permite analisar sintaxe, morfologia e fonologia a um só tempo, quebrando a necessidade de se estipular níveis. Ao relacionar estruturas de diferentes categorias, as restrições de alinhamento generalizado podem se estabelecer como um conector entre os diferentes componentes da gramática. Em nossa análise, avaliando a um só tempo constructos prosódicos, morfológicos e sintáticos, AG se configura como um instrumento que permite explicar o mecanismo da composição sem que se recorra à divisão da gramática em diferentes níveis.

5.3.4 A PRODUTIVIDADE NOS COMPOSTOS DO PB

Nesta seção, examinaremos os achados fonológicos, morfológicos e sintáticos das seções precedentes, relacionando-os com os fatores apontados por Aronoff (1976) e Basílio (1980) como determinantes da produtividade, a saber, a *coerência semântica*, a *fonologia* e a *lexicalização (lexical government)*. Acrescentaremos, ainda, as considerações de Bauer (2001) que, ao nosso ver, ampliam a visão dos autores recém mencionados.

5.3.4.1 A COERÊNCIA SEMÂNTICA

Basílio (1980) afirma que a produtividade de uma regra de formação de palavra é determinada, sobretudo, pela sua transparência. Na literatura mais recente, Booij (2007) aponta que, quando um novo composto é formado, o falante, de antemão, já sabe o significado de suas partes componentes, então sua tarefa é estabelecer a relação semântica entre essas duas partes. É sabido, por outro lado, que nem todos os compostos apresentam essa transparência semântica, ou seja, existem alguns compostos cujo significado não pode ser depreendido diretamente do significado das suas partes. É o caso dos compostos exocêntricos, cujo significado é depreendido puramente por metáfora, como nos casos abaixo.

(136)

pé de moleque
casa de abelha
amor-perfeito

Os objetos do mundo real nomeados por esses compostos não coincidem com o significado do núcleo da formação. Para um aprendiz de português como língua estrangeira, seria difícil dizer, a partir das partes *casa* e *abelha*, que o composto *casa de abelha* significa um tipo de costura, ou que *pé de moleque* e *amor-perfeito* possuem significados além dos literais, nomeando um tipo de doce e um tipo de flor, respectivamente.

No entanto, em compostos endocêntricos, em que o núcleo faz referência direta a um objeto do mundo real, é possível verificar uma relação semântica mais regular entre seus componentes. Essa regularidade, ou coerência semântica, nas palavras de Aronoff (1976), é fator contributivo para a produtividade de um padrão composicional. Nesse aspecto, quanto mais previsível é a relação semântica que duas palavras estabelecem numa estrutura composicional, maior é a probabilidade de reutilização dessa estrutura em novas formações, crescendo, assim, sua produtividade.

Retomemos, aqui, algumas das relações semânticas apontadas na seção 4.4, anteriormente, que se verificam entre membros de alguns compostos em PB:

(137)

Relação semântica	Exemplos
R (Y, X) Y qualifica X	mal-agradecido, bem-aventurado
R (X, Y) Y qualifica X	senso comum, abelha-africana
R (X, Y) X que se assemelha a Y	peixe-espada, homem-mosca
R (X, Y) X feito de Y	pão de mel, leite de soja
R (X, Y) X ativado por Y	fogão a lenha, carro de mão

Na medida em que o falante é capaz de enxergar essas relações semânticas e, a partir delas, depreender uma interpretação para o composto, ou seja, na medida em que esse composto é transparente, torna-se fácil operar sobre esta estrutura, de forma a reutilizá-la para cunhar novos compostos.

Podemos estabelecer as relações mostradas em (137) como exemplos de relações semânticas previsíveis e que contribuem para a produtividade dos compostos do PB. Como mencionado anteriormente, essa lista não é fechada, nem regular, entretanto constitui base para apontar a composição de palavras no PB como uma regra produtiva.

5.4.3.2 A FONOLOGIA

Aqui, vamos ampliar o que Aronoff chama de fator fonológico, ou seja, o papel das propriedades estruturais dos morfemas, chamando-o de “fator gramatical”. Isso porque não nos interessa uma fonologia estática, e sim uma fonologia que interage com a morfologia e com a sintaxe, às quais está diretamente ligada no processo de composição.

Bauer (2001) destaca que, se é sabido que nem todos os afixos podem ser anexados a todas as bases, isso se deve a restrições que atuam na colocação e alojamento de elementos. Ainda que o autor não faça uso do termo “restrições” vinculado ao escopo otimalista, ele aponta que a utilização do termo é vantajosa no sentido de que exige um processo de ser absoluto em termos de aplicação ou não aplicação. Para Bauer, as restrições podem ser fonológicas, morfológicas e sintáticas, como veremos a seguir.

Restrições Fonológicas- as restrições fonológicas podem atuar em três campos: no campo da constituição segmental e suprasegmental da base e, ainda, quanto ao número de sílabas da base. Um exemplo (Bauer, 2001, p. 128), é restrição que determina a distribuição das bases antes de plural /s/ em inglês, que se realiza nos alomorfes /iz/, /z/ ou /s/. Nessa língua, a ocorrência do alomorfe /iz/ se deve à restrição contra clusters de estridentes (que gera a pluralização *miss* > *miss[iz]*). No português, o prefixo /in-/, indicador de negação, passa a /i-/, com a queda da nasal diante de palavras iniciadas por segmentos nasais e líquidos, como resultado de assimilação. Temos, assim, regularmente, *incapaz* < [*in* + *capaz*], mas também formas como *ilegal* < [*in* + *legal*], em que a nasal é suprimida em contato com a consoante líquida.

Para a realidade dos compostos do PB, nos parece que a restrição fonológica que está na base de nossa análise é de natureza prosódica, pois se trata de uma restrição que atua contra a recursividade da palavra fonológica. Ou seja, existe, na hierarquia prosódica, uma pressão que inibe a emergência de palavras fonológicas recursivas.

A despeito disso, algumas formações se estruturam recursivamente; é o caso da palavra composta, que pode apresentar, em sua estrutura, a união de palavras e/ou afixos acentuados. Com isso, a restrição à violação do princípio de Não Recursividade constitui um princípio regulador da formação de palavras que, contudo, é quebrado para que se forme a palavra composta no PB. Nesse sentido, a Não Recursividade, que, como princípio de boa formação, poderia atuar como um freio na formação de compostos, é pouco ou nada restritiva a esse mecanismo de produção de palavras. Muito pelo contrário, observamos que as formações fonologicamente complexas dão-se regularmente, tanto em palavras compostas do ponto de vista morfológico quanto em derivados a partir de sufixos acentuados.

Restrições Morfológicas- também na morfologia, há três instâncias em que a estrutura da base pode atuar restringindo a afixação. Essas são três condições em que (1) a base a ser afixada deve pertencer a uma determinada classe antes da afixação, tendo que pertencer à classe dos nomes masculinos, por exemplo; (2) a base deve apresentar uma estrutura morfológica previamente à afixação, como no caso de processos que selecionam apenas bases derivadas ou bases não derivadas, por exemplo; (3) a base, para sofrer determinado processo, fica condicionada a terminar ou não terminar com um afixo específico antes de tal processo ocorrer. Podemos citar como restrição morfológica atuante no português o requisito da base adjetiva flexionada no gênero feminino para a formação dos advérbios.

Observamos, aqui, de acordo com Bauer (2001), que as condições em (2) e (3) apresentam um problema para as análises seriais, especialmente para a condição de apagamento dos colchetes, que estabelece que, a cada passo da derivação, os colchetes referentes ao passo anterior são apagados. Se os colchetes são apagados, então, como um processo que exige uma base derivada enxerga a derivação nessa base? Essas são observações que apontam para alguns impasses colocados pelas análises seriais e que sugerem a alternativa de se verificar as vantagens de uma análise por meio de uma teoria não cíclica, como é o caso da TO.

Além dos três aspectos acima mencionados, que estão seguramente situados no terreno da morfologia, há a questão sobre até que ponto uma operação morfológica, como a derivação, é puramente derivacional ou partilha traços com a composição fonológica. Ou seja, precisamos saber até que ponto uma operação morfológica se limita

ao campo da concatenação de morfemas. A resposta para esta questão, evidentemente, se encontra no ambiente em que morfologia e fonologia interagem.

Nesse momento é necessário, então, retomarmos o problema levantado sobre a diferença entre a derivação e a composição puramente fonológica, ou seja, aquela que une base mais afixo e na qual ambos os elementos são dotados de acento. Essa questão nos levou a estabelecer que a diferença entre ambas as formações se encontra nos efeitos da restrição de alinhamento entre palavra morfológica e palavra fonológica. Enquanto no composto fonológico as duas categorias se alinham, na derivação com um único acento, a restrição de alinhamento é violada, quando da perda do acento da base.

Nesse sentido, a permanência do acento na base, ao lado do sufixo também acentuado, irá determinar se um processo se constitui como apenas derivacional (fonologicamente simples), ou como composicional (composição fonológica). Esse raciocínio, entretanto, nos conduz à ideia de que não existe morfologia sem fonologia. Uma vez que falamos em “permanência” do acento na base, nos casos de derivação, pressupomos que o acento, num primeiro momento, estava lá, pelo menos na forma subjacente. Falar nesses termos pode parecer um retorno à concepção serial, pois isso parece resgatar a ideia de um acento de base que, após uma operação, pode se deslocar para um morfema, ou palavra contígua. A Teoria da Otimidade, contudo, contempla dispositivos de análise que preveem o deslocamento do acento sem que isso ocorra em etapas. Além da restrição de alinhamento, que utilizamos em nossa análise, as restrições de correspondência entre formas de superfície também explicam esse fenômeno – conforme a análise de Kager, 2000, para o acento dos compostos e dos derivados em holandês. Dito isso, concluímos que não é fácil desvincular operações morfológicas e operações fonológicas e que estudos levados a cabo têm provado que é possível analisar a interação fonologia-morfologia por meio de análises não seriais.

Restrições Sintáticas- as restrições sintáticas, na visão de Bauer (2001), dizem respeito ao uso de uma determinada palavra em um determinado contexto. Mais especificamente, as restrições sintáticas governam a relação entre o emprego de determinada palavra e a classe a que essa pertence. Com isso, certos afixos têm restrição quanto à anexação em certas bases e em outras não. Isso significa que é a classe gramatical de uma palavra que determina a possibilidade de afixação de certo morfema. No caso de palavras homófonas, é o contexto que irá determinar sua classe gramatical e, por conseguinte, a anexação de determinados afixos. A palavra *barata*, por exemplo, a

qual pode designar um inseto (substantivo) ou uma mercadoria de baixo custo (adjetivo), tem sua classe determinada pelo contexto. Para tomar o sufixo *-ear*, formador de verbo (*baratear*), é necessário que o contexto sintático aponte a referida palavra como adjetivo.

Também é de controle das restrições sintáticas a distinção entre construtos morfológicos (afixos) e construtos sintáticos (clíticos), distinção essa entre o que, de fato, são palavras e o que são partes de palavras.

Dentro dessa esfera, nossa análise mostra que a decisão sobre o que é morfológico e o que é sintático, no terreno da composição, passa pela relação de interface da sintaxe com a fonologia.

Como demonstramos, nas seções anteriores, a palavra composta se forma, em muitos casos, recursivamente, de modo que a palavra prosódica mais à direita na sequência leva à violação de alinhamento entre palavra prosódica e palavra sintática. Essa palavra prosódica desalinhada, que não coincide com um X^0 , é apenas uma parte do composto como um todo, sendo, portanto, apenas constructo morfológico. Unicamente o composto em totalidade se configura como um constructo sintático; apenas esse alinha palavra prosódica e X^0 , ou seja, tem estatuto de palavra.

A condição, portanto, que se estabelece para a constituição de uma palavra sintática é a autonomia como X^0 , a despeito de seu valor fonológico. Clíticos, por exemplo, podem desempenhar a função de átomo sintático ainda que não carreguem acento. Palavras prosódicas não ancoradas a um átomo sintático configuram-se como partes de palavras; do ponto de vista da sintaxe, seu valor equipara-se ao valor do morfema.

A restrição de alinhamento entre palavra prosódica e átomo sintático traduz essa dinâmica e a sua violação dá origem ao composto. Essa análise via restrição de alinhamento prevê o lugar de interação entre morfologia e sintaxe. Ou seja, o que nas análises seriais era estabelecido com referência ao nível da frase e ao nível da palavra, alinhamento captura de modo unificado, econômico e produtivo.

5.3.4.3 FATORES DE LEXICALIZAÇÃO (LEXICAL GOVERNMENT)

Fatores concernentes à lexicalização são aqueles que, diferentemente dos anteriores, podem inibir a produtividade de uma regra. Nesse caso, poderíamos prever

dois fenômenos como inibidores de produtividade dos compostos. Um deles seria a opacidade e o outro, o bloqueio.

O fenômeno de opacidade, no sentido de falta de transparência de uma estrutura, não nos parece inibidor da produtividade nos compostos do português. Como demonstramos anteriormente, o mecanismo que relaciona semanticamente as palavras na formação de compostos é vasto no PB. Com isso, ainda que uma ou outra estrutura relacional seja mais opaca e pouco propensa para criação de novos termos, existem outras de que os falantes podem se servir para compreender e cunhar novos compostos.

Além do fator de opacidade das estruturas de formação, poderia estancar a produtividade a opacidade dos elementos componentes. Seria o caso dos radicais de origem greco-latina, cujo significado se tornou opaco para falantes do português contemporâneo. No entanto, ainda que alguma parte desse vocabulário se mantenha inativo na formação de novas palavras, outros vêm sendo reciclados e estão em pleno uso. Nesse caso, seu significado se redesenhou por analogia a um uso específico.

Podemos citar novamente a grande produtividade do radical *tele*, usado largamente em novos termos que se relacionam à palavra *telefone*. Nessa palavra, o radical provindo do grego significa “distância”. O falante que hoje cria palavras como *telentrega*, *telemarketing*, *telemensagem*, entre outras, usa o radical significando “telefone” e não mais “distância”; os três vocábulos se referem a serviços feitos ou solicitados por meio do aparelho telefônico. Outro radical que vem aparecendo em novas formações é o radical *dromos*, donde vem *dromo*, cujo significado grego original está relacionado a corrida. Os vocábulos *hipódromo* e *autódromo* se referem a locais de corrida de cavalo e de carro, respectivamente. Acontece que, no PB, *dromo* adquiriu uma extensão de sentido diferente daquela relacionada a corrida, passando a designar “lugar próprio para evento ou ação”. Assim, criam-se novos termos como *fumódromo* (“lugar para fumar”), *camelódromo* (“local para o comércio informal”) e *sambódromo* (“pista de desfile de escolas de samba”).

Nesse sentido, ainda que o significado de um radical esteja obscurecido, ou até mesmo ainda que a estrutura integral de um vocábulo composicional seja opaca, este não é de todo não analisável. Mesmo que um composto seja compreendido apenas pelo seu todo, a recorrência de certos padrões dá ao falante a intuição do significado de suas partes. É o que constatamos ao nos depararmos com a formação *pilantropia*, que faz referência à qualidade da pilantragem, e é formada na base da palavra *filantropia*. Provavelmente o falante não saberia decompor a formação em *filo* (“amigo”) mais

tropos (“homem”), mas sabe que ela se refere à ação humanitária, à caridade. Nessa base, o falante foi capaz de gerar *pilantropia*, analogamente.

Com isso, certos radicais cujo significado original não é mais acessível, passam a ser produtivos por uma nova via. Alguns deles, como *tele* são mais transparentes, com caráter mais lexical; outros, por sua vez, não encontram um significado tão preciso, mas são também produtivos, caracterizando-se como afixos.

Analisemos, agora, o fenômeno do bloqueio. Esse, por outra via, poderia ser inibidor da produtividade no sentido de que, se existe uma palavra simples, uma formação derivada ou uma locução para expressar um dado significado, a composição não emergiria. Isso não nos parece um argumento sustentável, entretanto.

Ao contrário, ficou evidenciado, pelos já mencionados achados de Berman (2009), que a composição é uma estratégia primeira de nomeação, utilizada por crianças em fase de aquisição da linguagem, o que mostra sua faceta criativa e produtiva. Adultos, no mesmo sentido, na falta de um nome para uma entidade, costumam fazê-lo, muitas vezes, por composição verbal (*quebra-galho, chupa-cabras, ganha-filho, etc.*), ou mesmo por reduplicação (*corre-corre, pega-pega, pisca-pisca, etc.*).

Para além dos fatores de lexicalização, poder-se-ia argumentar, na linha de Ullmann (1964), que o PB é uma língua mais pobre em termos de formação de compostos do que outras línguas, como o alemão. Vejamos os pares abaixo.

(138)

TERMO ALEMÃO	CORRESPONDENTE EM PB
fingerhut (chapéu de dedo, lit.)	dedal
kehlkopf (cabeça da garganta, lit.)	laringe
handschuh (sapato para mão, lit.)	luva
wasserleitung (condutor para água)	aqueduto

A comparação das palavras do alemão e do português dispostas acima, nos revela que certos vocábulos compostos do alemão equivalem a uma palavra simples no português. Na verdade, o que se constata é que algumas línguas diferem quanto à quantidade de morfemas e raízes que são capazes de reunir regularmente em uma mesma palavra. O alemão reúne maior quantidade desses elementos num mesmo vocábulo, se comparado ao português, ao francês ou ao inglês. Não caberia, portanto, dizer que o PB é menos produtivo que o alemão em termos de composição, pois as duas

línguas apenas apresentam maior ou menor tendência de aglutinar elementos em um mesmo vocábulo.

Fechamos essa seção retomando os fatores que fazem da composição um processo de formação de palavra produtivo em PB. Primeiramente, mostramos que a coerência semântica é um fator atuante para a criação de novos compostos, uma vez que evidenciamos que, nessa língua, existem estruturas que permitem entrever a relação entre os membros de palavras compostas. Essas estruturas, que foram mostradas em (103) e (137), relacionam semanticamente os membros de um composto e, se transparentes, permitem que o falante as utilize para formar novas palavras compostas, que podem ter seu uso consagrado.

Aspectos estruturais também podem ser mencionados quando se discute a produtividade dos compostos. Fonologicamente, o princípio de Não Recursividade não se mostra inibidor na formação de compostos com dois acentos; pelo contrário, evidenciamos a necessidade de transformar esse princípio em restrição violável, dada a produtividade de compostos com essa estrutura. A morfologia também não apresenta restrições à composição. A possibilidade de a base restringir um processo de afixação, de acordo com Bauer (2001), poderia se aplicar no caso da afixação de morfemas acentuados. Nesse caso, a base poderia perder o acento, deixando-o como propriedade exclusiva do morfema, produzindo um derivado prosodicamente simples. No entanto, o que se verifica, em muitos casos, é a manutenção do acento da base quando da anexação de um afixo acentuado, formando o derivado fonologicamente composto. Por fim, é de competência da sintaxe, na interação com a fonologia e a morfologia, a definição do estatuto de certas palavras umas em relação às outras. Nesse aspecto, se duas palavras ocupam, cada qual, uma posição X^0 , ambas estão em relação de irmandade. Caso duas palavras ocupem a mesma posição X^0 , o estatuto de uma em relação à outra é análogo ao de morfemas e ambas fazem parte de um composto. A definição dessa relação entre as palavras irá determinar se regras do domínio da morfologia serão atuantes e, portanto, produtivas, no conjunto dessas palavras.

Finalmente, não nos parece que fatores de lexicalização (opacidade de elementos aglutinados ou de radicais greco-latinos) e de bloqueio (inibição da criação de um composto em virtude da existência de um termo com mesmo significado) desfavoreçam a produtividade da formação de compostos em PB.

6 CONCLUSÕES

Nosso trabalho teve como objetivo prover um tratamento à formação de palavras compostas em PB de modo a dar um passo adiante em relação às tradicionais abordagens que elegem apenas um dos componentes da gramática como enfoque de análise. Nosso objetivo era lançar um olhar para o fenômeno da composição a partir de uma gramática que integrasse fonologia, morfologia e sintaxe. Para isso, recorreremos a duas teorias: a Teoria da Otimidade, a qual acreditamos ser capaz de descrever um fenômeno linguístico em paralelo, colocando em atuação simultânea os diferentes componentes da gramática, e a Teoria dos Constituintes Prosódicos, que nos permite lidar com um constructo como a palavra ou a frase, considerando outros constructos. Buscamos, com essas teorias, uma formalização da gramática dos compostos por meio de restrições violáveis que fizessem referência a diferentes constituintes gramaticais e prosódicos. Essa formalização foi pensada como alimentadora da discussão sobre a produtividade da formação de palavras compostas no PB.

Nosso trabalho se mostrou eficiente quanto a esse objetivo geral. A partir de uma revisão da literatura sobre palavras compostas, traçamos um panorama geral das análises sobre o PB e ainda sobre estudos de outras línguas cujas metodologias se mostravam interessantes aos nossos propósitos. Acreditamos que nossa investigação traz um diferencial em relação a cada uma dessas análises. Avançamos em relação às análises seriais que concebiam um léxico estratificado e uma gramática modular e, assim, apresentavam uma análise pouco uniforme dos compostos. Ao mesmo tempo, fizemos uso dos avanços da Teoria da Otimidade para revisar equívocos de análise em estudos empreendidos na época dos primeiros desenvolvimentos da teoria. Por fim, promovemos um diálogo sobre teoria representacional e teoria de gramática ao vislumbrarmos a possibilidade de fazer uso de princípios considerados invioláveis da hierarquia prosódica em termos de restrições violáveis, buscando não alterar a já consagrada hierarquia. Nosso trabalho é nada mais que consequência dos grandes passos dados por esses e por outros estudos e vem a ser, igualmente, um passo a mais dentro da teoria, que deve ser debatido para que os avanços continuem a acontecer.

Vejamos, agora pontualmente, os resultados de nossa investigação.

A composição no PB se mostra um processo produtivo tanto do ponto de vista da coerência semântica, quanto do ponto de vista dos processos gramaticais. Semanticamente, a composição se estabelece por meio de padrões de relação de significado entre seus elementos; padrões esses, em sua maioria, regulares. A produtividade do ponto de vista gramatical (entendido aqui como fonológico, morfológico e sintático) se traduz através da violação de um dos princípios de *Strict Layer Hypothesis*, e também da violação da exigência de alinhamento entre categorias prosódicas, morfológicas e sintáticas.

Em termos mais específicos, na formação da palavra composta do PB estão envolvidas as restrições de dominância prosódica Não Recursividade e Exaustividade, a primeira das quais é violada pelo composto formado por duas palavras prosódicas, mais as restrições de alinhamento Align (PW, R; X⁰, R) e Align (β, R; PW, R). Das restrições de alinhamento, a primeira define a diferença entre a composição e o sintagma, e a segunda delimita a fronteira entre derivados que são prosodicamente complexos e derivados simples. Tais restrições constituem pontos de intersecção entre fonologia, morfologia e sintaxe e, portanto, não estão numa escala de dominância entre si. A obediência ou a violação de uma dessas restrições determina se um dado constructo é um composto (morfológico ou fonológico), um derivado prosodicamente simples ou um sintagma.

A construção dessa análise pressupõe que

(I) O lugar da composição na gramática do PB é condicionado ao afrouxamento de um dos pressupostos norteadores da hierarquia prosódica, nomeadamente o princípio que estabelece a não recursividade das categorias. Tal afrouxamento constitui uma alternativa a teorias que sugerem a criação ou adaptação de categorias prosódicas, como Vigário (2006), que concebe o grupo de palavra prosódica, para contemplar a palavra, o grupo clítico e o composto na hierarquia. Nesse sentido, acreditamos que o afrouxamento de um dos pressupostos da hierarquia acarreta menos sobrecarga ao modelo prosódico, dado que tal princípio pode ser concebido como restrição violável em uma gramática otimalista.

(II) Os componentes gramaticais, em certa medida, demonstrem interação, e que a mesma possa ser medida por meio de algum dispositivo. O esquema de Alinhamento Generalizado, nesse sentido, constitui importante instrumento na análise da composição,

pois permite estabelecer uma gramática de interfaces, por meio de restrições que fazem referência a constituintes prosódicos e gramaticais simultaneamente. Alinhamento Generalizado, nesse sentido, constitui um avanço na teoria linguística e, especialmente, na análise da composição. Uma análise desse tipo suprime a necessidade de se estipularem níveis, eximindo a teoria de ter de lidar com mecanismos *ad hoc* como o recurso do *loop*, por exemplo.

A adoção desses dois recursos leva a uma concepção de gramática mais flexível. Como dissemos, o afrouxamento de princípios da hierarquia, diferentemente de uma reorganização da mesma, não leva ao risco de invalidarem-se análises já estabelecidas que tiveram como base a Teoria dos Constituintes Prosódicos. A transformação dos princípios de boa formação em restrições violáveis também pode trazer o ganho de viabilizar outras análises de constructos que não estão previstos na hierarquia prosódica mas que se relacionem a constituintes lá estabelecidos.

Os princípios da hierarquia transformados em restrições em nossa análise foram Exaustividade e Não Recursividade. O segundo desses princípios foi violado para que emergisse o composto. A pergunta (1) de nossos objetivos específicos, “em que medida uma sequência de palavras se configura como um composto e não como uma unidade maior que a palavra no âmbito da hierarquia prosódica?”, tem sua resposta no fato de que a palavra composta é constituída recursivamente, desobedecendo a um princípio da hierarquia que pode ser violado se pensado como restrição, tal como fazemos em nossa análise. Isso faz parte da resposta à pergunta (2), “uma vez que o composto não está previsto na hierarquia, prosódica, como adequá-lo dentro dessa hierarquia?”. Para analisar um constituinte não previsto na hierarquia prosódica, pensamos que a melhor alternativa é o redesenho de seus princípios reguladores. A partir dessa linha de raciocínio, busca-se manipular esses princípios e não mexer na constituição da hierarquia. A adaptação dos princípios reguladores, a fim de possibilitar sua atuação como restrições violáveis, é a estratégia que compromete minimamente a hierarquia e é assim que pensamos ser possível analisar o composto via Teoria dos Constituintes Prosódicos: promovendo um redesenho do princípio de Não Recursividade; jamais estabelecendo um novo constituinte para contemplar a composição.

A restrição de alinhamento, por sua vez, suprime a necessidade de se separar diferentes tipos de compostos com relação a um lugar no léxico. Isso é possível porque, ainda que não sejam isomórficas, categorias prosódicas, morfológicas e gramaticais

podem se integrar dentro do esquema de alinhamento generalizado. Operando via restrição, os componentes da gramática não atuam de modo serial, mas simultaneamente. Essa simultaneidade ou paralelismo, assim, dissolve o inconveniente de classificar palavras (que são os compostos) como tendo seu lugar na sintaxe ou no léxico ou, mais grave, ter de estipular explicações pouco genéricas para os casos em que compostos não se encontram nem na sintaxe nem no léxico.

É por meio da restrição de alinhamento de podemos responder as perguntas (3) e (4) de nosso trabalho, aqui retomadas.

Como resposta à pergunta, (3) “sabendo que a composição é um processo de formação de palavras, em que medida esse processo se diferencia da derivação?”, afirmamos que a composição, no sentido fonológico, tem como requisito emparelhamento entre base e palavra prosódica, exigido pela restrição Align (β , R; PW, R). Na derivação, esse alinhamento entre base e palavra prosódica se perde, estando a restrição de alinhamento em baixo lugar no ranking.

A pergunta (4), “do ponto de vista da sintaxe, como diferenciar uma sequência de palavras que forma um composto de uma sequência de palavras que forma um sintagma?”, também tem resposta no esquema de alinhamento generalizado. Palavras que formam, juntas, um sintagma apresentam isomorfismo entre átomo sintático e palavra prosódica. Tal isomorfismo é quebrado no composto que constitui um único átomo sintático embora seus componentes constituam palavras prosódicas diferentes. Nesse caso, evidencia-se desobediência ao alinhamento em borda direita entre categoria prosódica e categoria sintática, requerido pela restrição Align (PW, R; X^0 , R).

A obediência ou não às restrições de alinhamento é que vai representar o que as teorias modulares chamavam de limite entre fonologia, morfologia e sintaxe. Basicamente essas restrições, juntamente com as restrições baseadas no afrouxamento dos princípios de boa formação da hierarquia prosódica, Exaustividade e Não Recursividade, constituem a resposta à pergunta (5) por nós proposta, a saber, “quais restrições estão envolvidas na formação dos compostos? Essas restrições são capazes de prover um melhor tratamento à composição do que faziam as análises seriais?”. Quanto à segunda parte da pergunta, com base no que já foi exposto, parece que a resposta é afirmativa.

Apesar de termos atingido nossos objetivos, algumas questões permanecem em aberto.

- A noção de atonicidade sintática, que é desafiada pelos fenômenos evidenciados na composição. Ou seja, ainda que o composto seja tratado como um átomo sintático, muitos compostos apresentam operações entre seus constituintes, fato que compromete a noção de átomo para referir o elemento terminal da árvore sintática.

- O estatuto da restrição de alinhamento utilizada nesta pesquisa frente a outras restrições que respondem pelos compostos. Ou seja, é necessário estabelecer outras restrições que respondam pelos compostos numa hierarquia já não apenas parcial ou de interface.

- A questão do acento e seu reflexo na reestruturação dos compostos. Que fatos podemos buscar em outras línguas – como o holandês, cujos compostos apresentam localização regular do acento – a fim de chegarmos a insights mais conclusivos sobre essa questão nos dados do PB?

- A real consequência de se admitir a recursão da palavra prosódica ou de qualquer outro constituinte da hierarquia. Ou seja, qual o estatuto de uma categoria recursiva frente às categorias regulares? Segundo Vogel (2009), ao definir-se um constituinte em uma teoria linguística, deve-se levar em conta um conjunto de características dessa categoria que todos os seus elementos representativos devem apresentar para que façam parte da mesma. Dada, então, a existência da palavra prosódica regular e a possibilidade de formalizar certos elementos como palavra prosódica recursiva, a questão que se coloca é sobre até que ponto não seria a palavra prosódica recursiva um constituinte com características próprias, e portanto, autônomo em relação à palavra prosódica regular.

Essas questões, apesar de bastante relevantes, representam desdobramentos de nossos objetivos iniciais, constituindo, portanto, tópicos para desenvolvimentos futuros dessa pesquisa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLISON, E.J. (1979) The Phonology of Sibutu Sama: a Language of the Southern Philippines. In: EDRIAL-LUZARES, C. & HALE, A. (eds.) *Studies in Philippine Languages* 3.2. Linguistic Society of the Philippines and Summer Institute of Linguistics.
- ANDERSON, S. R. (1992) *A-morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ARAÚJO, G. A. (2002) Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.10 (1), p. 61-90.
- ARONOFF, M. (1976) *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- _____ & FUDEMAN, K. (2005) *What is Morphology?* Blackwell.
- AUSTIN, P. (1981) *A Grammar of Diyari, South Australia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAAYEN, H. (1992) Quantitative aspects of morphological productivity. In: BOOIJ, G. & MARLE, J. van (eds.) *Yearbook of Morphology 1991*. Dordrecht: Kluwer, p. 109-50.
- BASÍLIO, M. (1980) *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1998) Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo: v. 14, Número Especial.
- _____ ET AL (2002) Derivação, composição e flexão no português falado: condições de produção. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Volume III: abordagens. Campinas: Editora Unicamp, 3ª edição.
- _____ (2004) O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo: v. 20, Número Especial.
- _____ (2005) *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 7ª edição.
- BAUER L. (1998) *Vocabulary*. London and New York: Routledge.
- _____ (2001) *Morphological Productivity*. New York: Cambridge University Press.
- BECKER, T. (1992) Compounding in German. *Rivista di Linguistica*, v. 4, n.1, p. 5-36.
- BERMAN, R. (2009) Children's acquisition of compounding constructions. In: LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. (eds.) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, p. 298-322.

BISOL, L. (1994) O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: v. 29, n.4, p. 25-36.

_____ (1996) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS.

_____ (2000) O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.9, n.1, p. 05-30.

_____ (2001) Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 3ª edição.

_____ (2002) Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. (org.) *Gramática do português falado*. Volume 5: Convergências. Campinas: Editora Unicamp, 2ª edição.

_____ (2004) Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo: v.20, Número Especial.

_____ (2005) O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v.40, n.3, p. 163-184.

BLOOMFIELD (1935 [1933]) *Language*. London: George Allen & Unwin Ltd.

BOOIJ, G. (1983) Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics*, 21, p. 249-280.

_____ & RUBACH, J. (1984) Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, 1, p. 1-27.

_____ (1985) Coordination reduction in complex words: a case for prosodic phonology. In: HULST, H. van der & SMITH N. (eds.) *Advances in non-linear phonology*. Dordrecht: Foris.

_____ (1987) Postcyclic versus postlexical rules in lexical phonology. *Linguistic Inquiry*, v.18, p. 1-44.

_____ (1992) Compounding in Dutch. In: *Rivista di Linguistica*, v. 4, n.1, p. 37-57.

_____ & LIEBER, R. (1993) On the simultaneity of morphological and prosodic structure. In: HARGUS, S. & KAISSE, H. (eds.) *Studies in Lexical Phonology*. San Diego: Academic Press, p. 23-44.

_____ (1995) *The phonology of Dutch*. Oxford: Clarendon Press.

_____ (1996) Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review*, 13, p. 219-242.

_____ (2004) Constructions and the interface between lexicon and syntax. In: AERSTEN, H.; HANNAY, M. & STEEN, G. (eds.) *Words in their place*. Festschrift for J. L. Mackenzie. Amsterdam: Vrije Universiteit.

_____ (2004) The morphology-phonology interface in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 3, p. 175-182.

_____ (2005) Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. U.; RAINER, F.; KASTOVSKY, D. & PFEIFER, O. (eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 109-132.

_____ (2007) *The Grammar of Words. An Introduction to Morphology*. Second Edition. Oxford: Oxford University Press.

_____ (2009) Compounding and Construction Morphology. In: LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, p. 201- 216.

_____ (2009) Lexical integrity as a formal universal: a constructionist view. In: SCALISE, S.; MAGNI, E. & BISETTO, A. (eds.) *Universals of language today*. Springer.

CÂMARA JR., J. M. (1984 [1969]) *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 11^a edição.

_____ (2004 [1977]) *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 25^a edição.

_____ (2006 [1970]) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 38^a edição.

CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.

COHN, A. (1989) Stress in Indonesian and bracketing paradoxes. *Natural Language and Linguistic Theory*, 7, p. 167-216.

COLLISCHONN, G. (2001) A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 3^a edição.

_____ (2003) Epêntese vocálica no português do sul do Brasil. *Revista Letras*. Curitiba, Número Especial, p. 285-297.

_____ & SCHWINDT (2003) Teoria da Otimidade em fonologia. In: HORA, D. & COLLISCHONN, G. (orgs.) *Teoria linguística: fonologia e outros temas*.

DI SCIULLO, A. M. & WILLIAMS, E. (1987) *On the definition of word*. Cambridge: MIT Press.

DUANMU, S. (1999) Alignment and the cycle are different. In: HERMANS, B. & OOSTENDORP, M. van. *The derivational residue in phonological optimality theory*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

EWEN, C. J. & HULST, H. van der (2001) *The phonological structure of words: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

- FERNANDEZ, F. (1968) A Grammatical Scketch of Remo: a Munda Language. Unpublished PhD Dissertation. University of North California at Chapel Hill.
- FERREIRA, A. B. H. (2004) *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio Versão 5.0*. Editora Positivo.
- FRADIN, B. (2009) IE, Romance: French. In: LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. (eds.) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, p. 417-435.
- GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. (1996). Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica In: CASTILHO, A.T. & BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do português falado*. Volume IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora Unicamp, 2ª edição.
- GUEVARA, E. & SCALISE, S. (2009) Searching for universals in compounding. In: SCALISE, S.; MAGNI, E. & BISETTO, A. (eds.) *Universals of language today*. Springer.
- GUSSENHOVEN, C. & JACOBS, H. (2005) *Understanding Phonology*. Second Edition. Hodder Arnold.
- HAYES, B. (1981) *A Metrical Theory of Stress Rules*. Indiana University Linguistics Club. Bloomington, Indiana.
- _____ (1991) *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Los Angeles: University of California.
- _____ (1995) *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: University of Chicago Press.
- HOOG, R. & McCULLY, C. B. (1987) *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HULST, H. G. van der ; HENDRIKS, B. & WEIJER, J.M. van der (1999). A Survey of Word-Prosodic Systems of European Languages. In: HULST, H. G. van der (ed.) *Word-Prosodic Systems of the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 425-75.
- INKELAS, S. (1989) *Prosodic constituency in the lexicon*. Doctoral Dissertation. Stanford: Stanford University.
- _____ & ZEC, D. (1995) Syntax-phonology interface. In GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell.
- ITO, J. & MESTER, A. (2003) Weak layering and word binarity. In: HOMMA, T.; OKAZAKI, M.; TABATA, T. & TANAKA, S. (eds). *A new century of phonology and phonological theory*. A festschrift for Professor Shosuke Haraguchi on the occasion of his sixtieth birthday. Tokyo, Kaitakusha.
- JACKENDOFF, R. (2009) Compounding in the parallel architecture and conceptual semantics. In: LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. (eds.) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, p. 105-128.

- KAGER, R. (1999) *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1997) Generalized Alignment and morphological parsing. *Rivista di Linguistica*, 9, p. 245-282. Disponível em <http://www.rutgers.edu>.
- _____ (2000) Stem stress and peak correspondence in Dutch. In: DEKKERS, J.; LEEUW, F. van der & VEIJER, J. van der (eds.). *Optimality Theory: Phonology, Syntax and Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- KATAMBA, F. & STONHAM, J. (2006) *Morphology*. Second Edition. Palgrave.
- KIPARSKY, P. (1982) Lexical morphology and phonology. In: YANG, I. S. (ed.) *Linguistics in the morning calm*. Hanshin. Seoul. 3-91.
- _____ (1985) Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook*, 2, p. 85-138.
- KORNFELD, L. M. (2009). IE, Romance: Spanish. In: LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. (eds.) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press, p. 436-452.
- LADD, R. (1986) Intonational phrasing: the case for recursive prosodic structure. *Phonology Yearbook*, 3. Cambridge: Cambridge University Press, p. 311-340.
- LEE, S. H. (1995) *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.
- _____ (1997) sobre os compostos do PB. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 13, n. 1.
- MAGALHÃES, J. S. (2004) *O plano multidimensional do acento na Teoria da Otimidade*. Tese de doutorado, Porto Alegre: PUCRS.
- MARLE, J. van (1992) The relationship between morphological productivity and frequency: a comment on Baayen's performance-oriented conception of morphological productivity. *Yearbook of Morphology 1991*, p. 151-63.
- MATEUS, M. H. & d'ANDRADE, E. (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- McCARTHY, J. (2002) *A thematic guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A. (1993) Generalized Alignment: the prosody-morphology interface. In: BOOIJ, G. & MARLE, J. van (eds.). *Yearbook of Morphology 1993*, p.79-153. Dordrecht: Kluwer.
- _____ (1995) Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMANN, J., URBANCZYK, S. & WALSH, L. (eds.) *University of Massachusetts occasional papers in linguistics 18: papers on Optimality Theory*, 249-384. Graduate Linguistic Student Association, Amherst.

_____ (2004) Generalized Alignment: introduction and theory. In: McCARTHY, J. (ed.) *Optimality Theory in Phonology: a Reader*. Amherst, Massachusetts: Blackwel.

_____ (2004) Generalized Alignment: prosody. In: McCARTHY, J. (ed.) *Optimality Theory in Phonology: a Reader*. Amherst, Massachusetts: Blackwel.

_____ (2004) Generalized Alignment: introduction and theory. In: McCARTHY, J. (ed.) *Optimality Theory in Phonology: a Reader*. Amherst, Massachusetts: Blackwel.

_____ (2004) Generalized Alignment: the prosody-morphology interface. In: McCARTHY, J. (ed.) *Optimality Theory in Phonology: a Reader*. Amherst, Massachusetts: Blackwel.

McMAHON, A. (2000) *Change, chance and optimality*. Cambridge: Oxford University Press.

MORENO, C. (1997) *Morfologia nominal do português – um estudo de fonologia lexical*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS.

_____ (2002) A formação de compostos no português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 37, n.1.

MORWOOD, J. & TAYLOR, J. (2002) *The Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Oxford: Oxford University Press.

NEELEMAN, A. & KOOT, J. van de (2006) On syntactic and phonological representations. *Língua*, 116, 1524-1552.

NESPOR, M. & VOGEL, I. (1982) Prosodic domains of external sandhi rules. In: HULST, H. van der & SMITH, N. (eds.) *The structure of phonological representations (Part 1)*. Dordrecht: Foris Publications Holland, p. 225-255.

_____ (1983) Prosodic structure above the word. In: CUTLER, A. & LADD, D. R. (eds.) *Prosody: models and measurements*. Berlin: Springer, 123-140.

_____ (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland ; Riverton-USA: Foris Publications.

OOSTENDORP, M. van & HORNE, N. (2005) Boundaries in intonational phonology: Introduction. *Studia Linguistica*, v. 59, (2-3), 107-109.

PEPERKAMP, S. A. (1997) *Prosodic words*. Den Haag: Holland Academic Graphics. (HIL Dissertations, 34).

PLAG, I. (1999) *Morphological Productivity: Structural Constraints on English Derivation*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter.

PRINCE, A. & SMOLENSKY, P. (1993) *Optimality Theory: constraint Interaction in Generative Grammar*. Disponível em <http://roa.rutgers.edu> .

QUADROS, E. S. & SCHWINDT, L. C. (2008) Um estudo sobre a relação entre palavra morfológica e palavra fonológica em vocábulos complexos do português brasileiro. *VIII Encontro do CELSUL: Anais*.

RAINER, F. (1987) Produktivitätsbegriffe in der Wortbildungstheorie. In: DIETRICH, W.; GAUGER, H. M. & GECKELER, H. (eds). *Grammatik und Wortbildung Romanischer Sprachen*. Tübingen: Narr, 187-202.

RAPOSO, E. P. (1992) *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.

ROCHA, L. C. A. (2003) *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 3ª edição.

RUSSELL, K. (1997) Optimality Theory and Morphology. In: ARCHANGELI, D. & LANGENDOEN, D. Terence. *Optimality theory: an overview*. Malden, Mass.: Blackwell. p. 102-134.

SANDMANN, A. J. (1989) *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Editora da UFPR.

_____ (1990) O que é um composto? In: *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo: v. 6, n.1.

SCHWINDT, L.C. (2000) *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Porto alegre: PUCRS

_____ (2001) O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *D.E.L.T.A. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* São Paulo: v.17, n.2. EDUC PUC.

_____ (2004) Produtividade, transparência e estatuto prosódico de palavras derivadas por prefixação em português brasileiro e espanhol peninsular. *Organon*. v.18, n.36. Porto Alegre: UFRGS.

_____ (2005) A forma e o uso dos prefixos PRÉ- e PÓS- no português falado no sul do Brasil. *Letras de Hoje*. v.40, n.3. Porto Alegre: EDIPUCRS.

_____ (2006) A relação entre morfologia e fonologia na história dos estudos linguísticos. In: MARTINS, E. S.; CANO, V. M. & FILHO, W. B. M. (orgs.). *Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises*. Uberlândia/MG: Editora da UFU, v. 4, p. 306-327.

_____ (2008) Revisitando o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas do PB numa perspectiva de restrições. *ALFA(ILCSE/UNESP)*, v. 52(2), p.391-404.

_____ (2008) Sobre a interação entre palavra fonológica e palavra morfológica no português brasileiro. *CD do XV Congresso da ALFAL*. Montevideo, Uruguay: Imprensa Grega, p. 1-7.

SELKIRK, E. O. (1978/1980) *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington, Indiana: IULC (Indiana University Linguistics Club).

_____ (1980) Prosodic domains in phonology: Sanskrit revisited. In: ARONOFF, M. & KEAN, M. L. *Juncture: a collection of original papers*. Saratoga: Anma Libri, p. 107-129.

_____ (1981) On the nature of phonological representation. In: MYERS, T.; LAVER, J. & ANDERSON, J. (eds.) *The cognitive representation of speech*. North-Holland Publishing Company.

_____ (1984) *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Massachusetts: The MIT Press.

_____ (1986) On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, 3. Cambridge University Press: p. 371-405.

_____ (1995) The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J. et al (eds.) *Papers in Optimality Theory*, 439-70. Amherst, MA: GLSA Publications.

LIEBER, R. & ŠTEKAUER, P. (2005) *Handbook of word-formation*. Dordrecht, The Netherlands: Springer.

VILLALVA, A. (1986) *Análise morfológica do português*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.

_____ (1992) Compounding in Portuguese. *Rivista di Linguistica*, v. 4, n.1, p. 201-219.

_____ (2000) *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

VIGÁRIO, M. (1999) Palavra prosódica e composição no português europeu. XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Faro: Universidade do Algarve.

_____ (2003) *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.

_____ (2006) O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. *XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VOGEL, I. (2009) Universals of prosodic structure. In: SCALISE, S.; MAGNI, E. & BISETTO, A. (eds.) *Universals of language today*. Springer.

ULLMANN, S. (1964) *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª edição.

WEIJER, J. M. van der (2002). An Optimality Theoretical Analysis of the Dutch Diminutive. In: BROEKHUIS, H. & FIKKERT, P. (eds.) *Linguistics in the Netherlands 2002*, 199-209. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

WETZELS, L. (1990) *Core, lexical and postlexical feature specifications in the Brazilian Portuguese vowel system*. Unpublished ms. Free University of Amsterdam.

_____ (1991) Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 21, p. 25-58. Campinas: UNICAMP.

_____ (1995) Mid-Vowel Alternations in the Brazilian Portuguese Verb. *Phonology*, 12, p. 281-304.

_____ (2002) Les adjectifs pré-nominaux du français: formes longues et formes féminines. In: JACOBS, H. & WETZELS L. (eds.) *Liber Amicorum Bernard Bichakjian*. Maastricht: Shaker Publications: 273-306.

_____ (2007) Primary stress in Brazilian Portuguese and the quantity parameter. In: ELORDIETA, G. & VIGÁRIO, M. (eds.) *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 5/6, Special Issue on the Prosody of the Iberian languages, p. 9-58.

ZOLL, C. C. (1996) *Parsing below the segment in a constraint based framework*. PhD Dissertation, UCLA, Berkeley.

8 ANEXOS

Seguem, primeiramente, os compostos coletados na pesquisa, ordenados alfabeticamente e com a referência à respectiva fonte. Também estão anexados os dois textos utilizados na verificação do foco fonológico em falantes do português brasileiro.

DADOS

Legenda

GGL	“Google”
RDS	“Revista da Semana”
VJ	“Veja”
VSL ADOL	“Varsul, adolescente”
VSL UNIV	“Varsul, universitário”

abaixo-assinado GGL
abelha-africana GGL
abelha-mestra GGL
abre-alas GGL
aeroespacial GGL
aeroporto GGL
aerossol GGL
afro-brasileiro GGL
afro-samba RDS 19/05/2008
agricultura VJ 03/12/2008
agridoce GGL
agroindústria GGL
agropastoril GGL
agropecuária GGL
água-furtada GGL
água-marinha GGL
aguapé GGL
aguardente GGL
água-viva GGL
além-mar VJ 03/12/2008
além-túmulo GGL
alentejano GGL
alfanumérico GGL
algodão-doce GGL
alta-costura GGL
alta-fidelidade GGL
altar-mor GGL
alta-roda GGL
alta-tensão GGL
alto-astral GGL
alto-contraste GGL
alto-falante GGL
alto-forno GGL

alto-mar VJ 03/12/2008
alto-relevo GGL
alvinegro GGL
alvirrubro GGL
ama-seca GGL
ambidestro GGL
ambiesquerdo GGL
ambisséxuo GGL
amigo-oculto VJ 26/11/2008
amigo-secreto VJ 26/11/2008
aminoácido GGL
amizade-colorida GGL
amor-perfeito GGL
amor-platônico GGL
amor-próprio GGL
anfiteatro GGL
anglo-indiano VJ 19/11/2008
ano novo VJ 19/11/2008
ano-base GGL
ano-bom GGL
ano-luz GGL
ante-sala VJ 03/12/2008
antiaderente RDS 19/05/2008
antibióticos RDS 19/05/2008
anticiclone VJ 03/12/2008
anticrise VJ 03/12/2008
antidepressivos VJ 19/11/2008
antienvelhecimento VJ 03/12/2008
anti-hackers VJ 03/12/2008
anti-horário VJ 03/12/2008
antioxidante VJ 26/11/2008
anti-ruído VJ 26/11/2008
anti-semita VJ 03/12/2008
anti-sequestro VJ 03/12/2008
antítese VJ 26/11/2008
anti-vazamento VJ 26/11/2008
antropólogo VJ 03/12/2008
apart-hotel GGL (está no Aurélio)
após-guerra GGL
aquaplanagem VJ 19/11/2008
aquecimento global VJ 19/11/2008
aquém-mar GGL
arco-íris GGL
ar-condicionado VSL 60 ADOL
areoclube GGL
armas brancas VJ 03/12/2008
armas de fogo VJ 03/12/2008
arquivologia VJ 03/12/2008
arquivonomia GGL
arranca-rabo GGL

arranha-céu GGL
arrasta-pé GGL
arroz-doce GGL
arte-final GGL
arteriosclerose GGL
asa-branca GGL
asa-delta GGL
audiovisual GGL
aurirróseo GGL
auriverde GGL
autoajuda VJ 03/12/2008
auto-análise VJ 03/12/2008
autoconfiante VJ 19/11/2008
autoconsciente RDS 19/05/2008
autocríticos VJ 26/11/2008
autodidata GGL
autoescola GGL
autoestima GGL
autofoco VJ 26/11/2008
autogestão VJ 03/12/2008
automotores VJ 19/11/2008
automóvel VJ 19/11/2008
autopeça GGL
auxílio-maternidade GGL
bailarinos-acrobatas RDS 19/05/2008
baixo-astral GGL
baixo-relevo GGL
balcão-frigorífico GGL
banana-da-terra GGL
banana-maçã GGL
banda-larga VJ 03/12/2008
banho-maria GGL
barra-pesada GGL
bar-restaurante GGL
barriga-d'água GGL
batata-doce GGL
bate-bico GGL
bate-boca VSL 36 UNIV
bate-bola GGL
bate-estaca GGL
bate-papo GGL
beira-mar VJ 03/12/2008
bel-prazer GGL
bem-acabado GGL
bem-aceito GGL
bem-afamado GGL
bem-afortunado GGL
bem-agradecido GGL
bem-ajambrado GGL
bem-amado GGL

bem-apanhado GGL
bem-apeesoado GGL
bem-apresentado GGL
bem-arrumado GGL
bem-aventurado GGL
bem-avisado GGL
bem-bom GGL
bem-casado GGL
bem-comportado GGL
bem-conceituado GGL
bem-conformado GGL
bem-criado GGL
bem-disposto GGL
bem-dizer GGL
bem-dormido GGL
bem-dotado GGL
bem-estar GGL
bem-estar VJ 26/11/2008
bem-falante GGL
bem-fazer GGL
bem-feito GGL
bem-humorado GGL
bem-intencionado GGL
bem-lançado GGL
bem-mandado GGL
bem-me-quer GGL
bem-merecido GGL
bem-nascido GGL
bem-ordenado GGL
bem-ouvido GGL
bem-parado GGL
bem-parecido GGL
bem-posto GGL
bem-proporcionado GGL
bem-querer GGL
bem-sabido GGL
bem-soante GGL
bem-sucedidos VJ 19/11/2008
bem-talhado GGL
bem-te-vi GGL
bem-vinda VJ 03/12/2008
bem-vindo VSL 65 ADOL
bem-visto GGL
bendito GGL
bendizer GGL
benquisto GGL
betacaroteno GGL
bibliografia VJ 26/11/2008
biblioteconomia VJ 03/12/2008
bicampeão GGL

bicentenário GGL
bicho-carpinteiro GGL
bicho-grilo VSL 32 UNIV
bifocal GGL
binacional GGL
biocombustíveis VJ 26/11/2008
biografia VJ 19/11/2008
biologia VJ 03/12/2008
biometria VJ 26/11/2008
biopirataria VSL 65 ADOL
biorritmo GGL
bipartidário GGL
bissemanal GGL
bissexto GGL
bissexual GGL
blogueologia GGL
boa-pinta GGL
boa-praça GGL
boas-noites GGL
boa-vida GGL
boa-vida GGL
boca-livre GGL
bóia-fria GGL
boi-bumbá GGL
bola-presa GGL
bolo-podre GGL
bolsa de valores VJ 19/11/2008
bomba-relógio GGL
bom-bocado GGL
bom-dia GGL
bom-tom GGL
bota-fora GGL
brutamontes VJ 03/12/2008
cabeça-dura GGL
cabeça-inchada GGL
cabelo de anjo GGL
cabra-cega GGL
cabra-macho GGL
caça-níqueis GGL
cachorro-quente GGL
cadeira de rodas VSL 63 ADOL
caderneta de poupança VJ 03/12/2008
café-concerto GGL
caixa-d'água GGL
caixa-forte GGL
caixas-pretas VJ 19/11/2008
caixeiro-viajante GGL
calça social VJ 19/11/2008
camisa social VJ 19/11/2008
caradura GGL

cara-pintada VSL 28 UNIV
cardiologista VJ 03/12/2008
cardiorrenal GGL
cardiorrespiratório GGL
cardiovascular GGL
cardiovascular VJ 03/12/2008
carrinho de lomba VSL 63 ADOL
carro de mão GGL
carro-bomba VJ 03/12/2008
carro-forte GGL
carro-leito GGL
carro-pipa GGL
carta-prefácio VJ 03/12/2008
cartões-postais VJ 03/12/2008
casa-grande GGL
casca-grossa GGL
cata-vento GGL
caudilho-mirim GGL
cavalinho de pau VSL 34 UNIV
cavalo-marinho GGL
cavalo-vapor GGL
cê-cedilha GGL
células-tronco VJ 03/12/2008
cenográficas VJ 26/11/2008
centroavante GGL
centro-esquerda VJ 03/12/2008
Centro-Oeste VJ 26/11/2008
cessar-fogo GGL
chá-mate GGL
chapéu-coco GGL
chefe de gabinete VJ 03/12/2008
chefes de estado VJ 03/12/2008
cheiro-verde GGL
chupa-sangue GGL
ciberespaço GGL
cidade-satélite GGL
cinco-estrelas VJ 03/12/2008
cinebiografia GGL
cineclube GGL
cinema-favela RDS 19/05/2008
cine-teatro GGL
claro-escuro GGL
classe média VJ 19/11/2008
coabitar GGL
coadquirir GGL
coagir GGL
co-autor VJ 19/11/2008
cobra-cega GGL
cobra-coral GGL
cobra-d'água GGL

cocainômano GGL
coexistência GGL
cofre-forte GGL
cofundador VJ 03/12/2008
coincidência GGL
coisa-ruim GGL
comandante-chefe GGL
come e dorme GGL
comédia-pastelão GGL
côncavo-convexo GGL
cônsul-geral GGL
conta-gotas GGL
contracheque RDS 19/05/2008
contrapé VJ 19/11/2008
coobrigação GGL
cooperar GGL
coordenar GGL
copiloto GGL
copo-de-leite GGL
co-radical GGL
corda-bamba GGL
cor de rosa VJ 03/12/2008
co-redator GGL
corre-corre GGL
correlacionar GGL
correlatar GGL
correligionário GGL
corrimão GGL
corromper GGL
corta-luz GGL
cosmopolita VJ 19/11/2008
couve-flor GGL
criado-mudo GGL
criança-problema GGL
cristão-novo GGL
crônica policial RDS 19/05/2008
curta-metragem GGL
curto-circuito GGL
custo-benefício GGL
dedo-duro GGL
deixa-disso GGL
demagogo VJ 19/11/2008
democracia VJ 19/11/2008
democratas VJ 03/12/2008
densidade demográfica VJ 19/11/2008
dermatologista VJ 03/12/2008
dia a dia VJ 03/12/2008
diretor-geral VJ 19/11/2008
diretor-presidente VJ 26/11/2008
dona de casa VJ 19/11/2008

dono de casa VSL 58 ADOL
ecológicas VJ 19/11/2008
economia RDS 19/05/2008
econômico-social GGL
edifício-garagem GGL
editor-chefe GGL
educação física VJ 03/12/2008
egoísmo VJ 03/12/2008
ególatras VJ 03/12/2008
elemento-surpresa GGL
eletrodomésticos VJ 03/12/2008
endovenoso GGL
Ensino Médio VJ 26/11/2008
erva-cidreira GGL
erva-doce GGL
erva-mate GGL
escalda-pés GGL
escola-modelo GGL
espalha-brasas GGL
espeleólogo VJ 26/11/2008
estado-maior GGL
estrela anã GGL
etnógrafo VJ 03/12/2008
euromercado GGL
ex-alcoólatra VJ 19/11/2008
ex-bailarina VJ 19/11/2008
ex-banqueiro VJ 03/12/2008
ex-cocainômano VJ 19/11/2008
ex-economista-chefe VJ 03/12/2008
ex-gerente VJ 26/11/2008
ex-integrantes VJ 19/11/2008
ex-milicianos VJ 19/11/2008
ex-ministra VJ 19/11/2008
ex-ministro VJ 26/11/2008
ex-modelo VJ 03/12/2008
ex-mulher VJ 03/12/2008
ex-namorada VJ 19/11/2008
ex-noiva VJ 19/11/2008
ex-policial VJ 19/11/2008
ex-prefeito VJ 03/12/2008
ex-presidente VJ 03/12/2008
ex-publicitário VJ 03/12/2008
ex-reitor VJ 03/12/2008
ex-secretário VJ 03/12/2008
ex-segurança VJ 03/12/2008
ex-sócio VJ 03/12/2008
ex-superintendente VJ 26/11/2008
ex-técnico VJ 26/11/2008
extrajudicial VJ 03/12/2008
extraordinária VJ 03/12/2008

extravirgem VJ 03/12/2008
fã-clube GGL
fac-símile GGL
farinha de mandioca VJ 19/11/2008
fazenda-modelo GGL
faz-tudo GGL
fede-fede GGL
feijão-preto GGL
feira-livre GGL
ferro-velho GGL
ferrovia GGL
ferroviário VJ 03/12/2008
filantrópicas VJ 26/11/2008
filósofo VJ 03/12/2008
fim de semana VSL 31 UNIV
finca-pé GGL
físico-químico GGL
fogão a lenha GGL
fogo-selvagem GGL
foguetes-sonda GGL
folha-seca GGL
fonoaudióloga VJ 03/12/2008
força-tarefa GGL
formiga-correição GGL
fotocomposição GGL
fotocópia GGL
fotografia RDS 19/05/2008
foto-legenda GGL
fotomontagem GGL
fotonovela GGL
fotossíntese GGL
franco-atirador GGL
franco-belga VJ 03/12/2008
frango-d'água GGL
fruta-pão GGL
furta-cor GGL
galinha-d'angola GGL
galinha-morta GGL
ganha-pão GGL
ganha-perde GGL
garota de programa VJ 19/11/2008
garota-propaganda GGL
garoto-propaganda GGL
gato-pingado GGL
geográfica VJ 19/11/2008
goma-arábica GGL
grã-fino GGL
gravata-borboleta VJ 19/11/2008
guarda-chuva VJ 19/11/2008
guarda-costas GGL

guarda-louças GGL
guarda-noturno GGL
guarda-pó GGL
guarda-roupa VSL 36 UNIV
guarda-volumes GGL
hebiatra VJ 26/11/2008
heroína-título VJ 19/11/2008
hidrelétrica VJ 03/12/2008
hidrelétrico GGL
hiperdimensionada VJ 19/11/2008
historiografia VJ 19/11/2008
homem-mosca GGL
homem-rã GGL
homofobia GGL
homossexuais VJ 26/11/2008
hora-extra GGL
humor negro VJ 19/11/2008
ideologia VJ 26/11/2008
imunossupressores VJ 26/11/2008
infra-estrutura VSL 28 UNIV
intercâmbio VSL 34 UNIV
interestaduais VJ 03/12/2008
internacionais VJ 03/12/2008
interpessoais VSL 65 ADOL
interurbanas VJ 03/12/2008
intrapartidos VJ 26/11/2008
ítalo-brasileiro VSL 34 UNIV
ítalo-descendente GGL
jardim de infância VSL 31 UNIV
jeca-tatu GGL
jogo-treino GGL
judeu-americano GGL
labiodental GGL
lança-chamas GGL
latino-americano VJ 19/11/2008
lavagem de dinheiro VJ 26/11/2008
leite de soja GGL
lero-lero GGL
linguodental GGL
lipoaspiração VJ 03/12/2008
livre-comércio GGL
livro-texto GGL
lugar-comum GGL
lustra-móveis GGL
macaco-prego GGL
má-criação GGL
macroclima GGL
macroeconômica VJ 19/11/2008
má-educação GGL
má-fé GGL

mal-educado VSL 64 ADOL
mal-encarados VJ 03/12/2008
mal-estar VJ 03/12/2008
mal-humorados VSL 58 ADOL
má-língua GGL
malsucedidos VJ 19/11/2008
mamografia VJ 03/12/2008
manga-rosa GGL
mão de obra VSL 65 ADOL
mão-aberta GGL
mão-leve GGL
marca-d'água GGL
maria-chiquinha GGL
maria-fumaça VSL 64 ADOL
maria-mole GGL
mata-mosquito GGL
matérias-primas VJ 03/12/2008
mau-caráter GGL
mau-olhado GGL
maus-tratos GGL
médico-cirúrgico GGL
medula óssea VJ 26/11/2008
Mega-Sena VSL 31 UNIV
megachama VJ 03/12/2008
megacidades VJ 19/11/2008
megalomaniaco VJ 19/11/2008
megaprodutor VJ 03/12/2008
megaprojeto VJ 03/12/2008
megatempos VJ 03/12/2008
meia-calça GGL
meia-idade GGL
meia-luz GGL
meia-noite VJ 19/11/2008
meia-sola GGL
meias-verdades GGL
meia-volta GGL
meio-termo GGL
meritocracia VJ 19/11/2008
mesa-redonda GGL
meteorológico VJ 03/12/2008
metodologia VJ 03/12/2008
metrópole GGL
mico-leão-dourado VJ 26/11/2008
microfibra VJ 19/11/2008
microondas VJ 03/12/2008
microônibus GGL
microorganismo GGL
microrregião GGL
mimeógrafos VJ 03/12/2008
minimalismo VJ 03/12/2008

minissaias VJ 19/11/2008
ministro-chefe VJ 03/12/2008
minivestido VJ 19/11/2008
mirim-pintada GGL
mirim-preguiça GGL
mirim-rendeira GGL
misantropia VJ 19/11/2008
mitologia VJ 03/12/2008
monogâmico GGL
monótonas VJ 03/12/2008
morfologia GGL
morfossintaxe GGL
mosca-morta GGL
mulher-macho GGL
multicolorida VJ 26/11/2008
multifunções VJ 26/11/2008
multilateralismo VJ 26/11/2008
multimídia VJ 03/12/2008
multinacional VJ 19/11/2008
multisseriadas VJ 26/11/2008
multitarefa VJ 03/12/2008
mundo cão GGL
museologia VJ 03/12/2008
não ficção VJ 03/12/2008
narcoguerrilha VJ 19/11/2008
natimorto VJ 03/12/2008
neoliberal GGL
neoliberal VSL 32 UNIV
neologismo GGL
neurocientista VJ 03/12/2008
neurologia VJ 03/12/2008
neuroplasticidade VJ 03/12/2008
nordeste VJ 26/11/2008
norte-americano VSL 34 UNIV
nova-iorquino RDS 19/05/2008
novos-ricos GGL
nutrólogo VJ 03/12/2008
oba-oba VSL 34 UNIV
obra-prima VJ 03/12/2008
ortografia VJ 26/11/2008
palavra-chave VJ 03/12/2008
pan-eslavismo GGL
pão de ló GGL
pão de mel GGL
pão-durismo VJ 03/12/2008
pão-duro GGL
par de vasos VJ 19/11/2008
passa-fora GGL
passatempo GGL
patinho feio VJ 03/12/2008

pau de arara GGL
pau-mandado GGL
pé de moleque GGL
pedagogia VJ 26/11/2008
pediatria VJ 26/11/2008
pedofilia VJ 26/11/2008
pedra-infernal GGL
peixe-espada GGL
pena de morte VJ 03/12/2008
personagem-título GGL
petróleo RDS 19/05/2008
pica-pau VJ 26/11/2008
pilarantropia VJ 19/11/2008
piloto automático VJ 26/11/2008
pisca-pisca GGL
piscicultura GGL
planalto GGL
plurisseriado GGL
pluviométricos VJ 03/12/2008
poligâmico GGL
polimorfia GGL
politicamente correto VJ 19/11/2008
porta-chaves GGL
porta-espada GGL
porta-lápis GGL
porta-malas VSL 34 UNIV
pós-americano VJ 26/11/2008
pós-graduação VJ 03/12/2008
pós-guerra VJ 19/11/2008
pós-nazista VJ 03/12/2008
pós-tecnologia VJ 26/11/2008
prata da casa VJ 03/12/2008
prato cheio VJ 19/11/2008
preconceitos VJ 19/11/2008
primeiro-ministro VJ 19/11/2008
pronto-socorro VSL 31 UNIV
pseudônimo GGL
psicobiologia VJ 19/11/2008
psicologia VJ 19/11/2008
psicossocial GGL
psicossomático GGL
psicoterapeuta VJ 26/11/2008
psicóticos VJ 19/11/2008
puxa-saco GGL
quadro-negro VJ 03/12/2008
quebra-mar VJ 19/11/2008
quebra-nozes GGL
quem é quem VJ 19/11/2008
quilograma GGL
rádio peão VJ 19/11/2008

radiotécnico GGL
radiotelefonia GGL
radiuvinte GGL
recém-aberto GGL
recém-admitido GGL
recém-adquirida VJ 19/11/2008
recém-casados VJ 19/11/2008
recém-chegado GGL
recém-criado GGL
recém-descoberto RDS 19/05/2008
recém-fabricado GGL
recém-formado GGL
recém-importados VJ 19/11/2008
recém-nascido GGL
recém-publicado GGL
recém-saído VJ 03/12/2008
recém-vindo GGL
reco-reco GGL
redator-chefe GGL
redemoinho VJ 03/12/2008
regra-três GGL
régua-tê GGL
relações-públicas GGL
retroescavadeira GGL
retrovisor GGL
roda-gigante GGL
rodapé GGL
roda-viva GGL
rodoviárias VJ 03/12/2008
roleta-russa GGL
rubro-negro GGL
rubro-verde GGL
sabe-tudo GGL
sabiá-laranjeira GGL
saca-rolhas GGL
saci-pererê GGL
sacrossanto GGL
sadosoquismo GGL
salário teto GGL
salário-família GGL
salário-hora GGL
salário-mínimo GGL
sal-gema GGL
salto-mortal GGL
salva-vidas GGL
salve-rainha GGL
salvo-conduto GGL
samba-canção GGL
samba-enredo GGL
samba-rock VJ 03/12/2008

sanguessuga GGL
sapo-boi GGL
secretária-eletrônica VJ 03/12/2008
Segundo Grau VSL 64 ADOL
seguro-desemprego GGL
seguro-garantia RDS 19/05/2008
seguro-saúde GGL
seguro-viagem GGL
sem-cerimônia GGL
sem-dinheiro GGL
sem-fim GGL
semicultura VJ 03/12/2008
sem-justiça GGL
sem-lar GGL
sem-luz GGL
sem-modos GGL
sem-nome GGL
sem-número GGL
sem-pão GGL
sem-par GGL
sem-pudor GGL
sem-pulo GGL
sem-razão GGL
sem-sal GGL
sem-terra VJ 03/12/2008
sem-teto GGL
sem-trabalho GGL
sem-vergonha GGL
sensaborão VJ 03/12/2008
servidores públicos VJ 19/11/2008
sete-belo GGL
sexologia GGL
sobe e desce GGL
sobrenatural VJ 03/12/2008
sobrenomes VSL 65 ADOL
sobressair VJ 26/11/2008
sobrevida VJ 03/12/2008
sociocultural GGL
socioeconômico GGL
socióloga VJ 03/12/2008
sociopolítico GGL
sofá-cama GGL
subcapitalizados VJ 03/12/2008
subemprego VJ 03/12/2008
submarino VJ 19/11/2008
subsecretário-geral VJ 03/12/2008
sudeste VJ 26/11/2008
sul-americano GGL
sul-americanos VJ 03/12/2008
superamigo VSL 64 ADOL

superanimada VSL 34 UNIV
superbem VSL 28 UNIV
superboa VSL 34 UNIV
superbom VSL 36 UNIV
supercamarada VSL 28 UNIV
superfácil VSL 65 ADOL
superfranquia VJ 03/12/2008
supergratificante VSL 36 UNIV
super-hospitaleiro VSL 28 UNIV
superintendente VSL 31 UNIV
superlegal VSL 36 UNIV
supermercados VSL 28 UNIV
supermimada VSL 34 UNIV
superpobre VSL 28 UNIV
superpromoção VJ 26/11/2008
super-rica VSL 34 UNIV
supertranquila VSL 28 UNIV
supranacional VJ 03/12/2008
suprafacial GGL
supra-sumo VSL 28 UNIV
surdo-mudo GGL
tamanduá-mirim GGL
tão-somente VJ 03/12/2008
tecnologias VJ 03/12/2008
telecomunicações VJ 03/12/2008
teledramaturgia VJ 26/11/2008
teleimpressão GGL
telentrega GGL
televisão GGL
tenente-coronel GGL
termômetro GGL
termonuclear GGL
texto-base VJ 19/11/2008
toca-discos GGL
toca-fitas GGL
transgênicos VJ 26/11/2008
trem-bala GGL
tricotilomania VJ 19/11/2008
ultra-radical VJ 19/11/2008
unissexual GGL
vai e vem GGL
vale-presente VJ 26/11/2008
verde-amarelo GGL
vermelho-intenso GGL
vice-líder VJ 03/12/2008
vice-presidente VJ 03/12/2008
vice-versa VJ 19/11/2008
videochamada VJ 26/11/2008
videoclube GGL
videoconferência VJ 03/12/2008

vídeo-game VSL 60 ADOL
vira-lata GGL

INSTRUMENTOS DE VERIFICAÇÃO DE FOCO FONOLÓGICO EM FALANTES DO PB

I- A cara do documentário brasileiro hoje

O cineasta Rodrigo Cabral, em seu recente documentário, que fala do carnaval carioca, aborda não a conhecida competição entre escolas rivais, mas a competição dentro das escolas de samba, entre os mais jovens e os mais velhos. Rodrigo aponta: “o que mais me impressionou foi a rixa entre Seu Cristóvão, da velha-guarda e Carlinhos, da jovem-guarda. Carlinhos, mestre-sala, vai para a quadra da escola e não abre mão de dançar ao som de seu *i-pod*, dispensando o som da bateria, o que deixa indignado Seu Cristóvão, que viu a escola crescer ao som da cuíca”. Em entrevista a Rodrigo, o pessoal da escola denuncia a rivalidade:

- Seu Cristóvão, você reconhece que quem domina as quadras hoje é a jovem guarda?

- Não, quem domina é a velha-guarda!!! A juventude tenta modificar a tradição, mas é a velha-guarda quem domina.

Outro documentarista que retrata a competição entre grupos é Franz Schneider, cineasta judeu-americano que nasceu nos Estados Unidos e cuja família veio para o Brasil quando ele completava dois anos de idade. Franz diz que queria mostrar não apenas o lado pastoril da colonização européia no Rio Grande do Sul, mas denunciar a rivalidade entre os dois grupos majoritários que povoaram o Vale do Rio dos Sinos e a Serra Gaúcha.

- Dizem que cada grupo tem sua virtude (diz Franz ao entrevistar Klaus, um descendente de alemães, trabalhador de uma fábrica de calçados). O teuto-brasileiro é mais apegado à religião, e o ítalo-brasileiro é o mais trabalhador.

- Não! O teuto-brasileiro é que é!!! – responde Klaus.

Do outro lado, na conversa com Francisco, descendente de italianos, o clima de rivalidade é o mesmo. Em tom de provocação, Franz diz:

- Dizem os alemães que, quando o assunto é dinheiro, o italiano é mal-intencionado...

-Não! O italiano é bem-intencionado!!! Sempre fomos muito honestos.

O documentário dirigido pelo cineasta judeu-americano, por tratar dos alemães que imigraram para o Brasil fez sucesso também na Alemanha, onde foi indicado ao prêmio Urso-Documnto. Lá, infelizmente, o prêmio não foi concedido ao judeu-americano, mas a um sino-americano! Este tratou da extinção dos ursos-pandas em seu filme.

II- Ana e João

Ana e João são casados. Ana trabalha de segunda a sexta numa fábrica de enlatados. Aos sábados, tira um dinheiro extra como manicure, pois João, que há nove anos luta para se formar em direito, está sem trabalhar. Nisso, é Ana quem paga as contas e põe a comida do dia a dia dentro da casa em que vivem. Casa não muito modesta, pois João, apesar de não trabalhar, gosta de manter as aparências. “Não gosto de nada caindo aos pedaços. Imagina se chega um conhecido aqui em casa! Móveis, aqui, têm vida útil de dois anos”. Foi assim que João convenceu Ana a comprar-lhe um guarda-roupa novo. Não porque o que tinham era velho, ou já completava dois anos, mas porque, segundo ele, suas roupas de grife estavam sendo amassadas ao dividir o móvel com Ana. “Então compramos uma cômoda, querido”- disse Ana. “Cômoda não! Vamos comprar um guarda-roupa! Não me faltava mais nada, uma cômoda para guardar Dior e Armani”. Então lá foi Ana e comprou um guarda-roupa para João – em quinze prestações, é claro.

A mãe de Ana não suporta a situação. Mas Ana ainda acha que o marido faz muito e discute com a mãe.

-“João está empenhado em se formar, mãe. Ele passa o dia nos livros. João estuda e dorme”.

- “Não! João estuda e dorme, não! João é um come-e-dorme”, diz a mãe.

- Sim, ele precisa comer bem. Come e trabalha – diz Ana.

- Come e trabalha, não! Ele é um come-e-dorme!

Para a mãe de Ana, comer e dormir é a lei da vida de João. “Trabalho, nem pensar. É minha filha quem faz tudo”.

Mas Ana não se importa. O que a deixa feliz é a satisfação do marido parasita.

QUESTIONÁRIO

I – VERIFICAÇÃO DA ATRIBUIÇÃO DE FOCO SEM CONTRASTE:

(1) Não gosto dos Estados Unidos, mas o norte americano é uma bela região!

(2) Não gosto do povo francês, mas o norte-americano é um belo povo!

II – VERIFICAÇÃO DE ATRIBUIÇÃO DE FOCO COM CONTRASTE SEMÂNTICO:

(1) - Tu viajou para o sul americano?

- Não! Eu viajei para o norte americano.

(2) - O Mendez é sul-americano?

- Não! Ele é norte-americano.

III – VERIFICAÇÃO DA POSIÇÃO DO FOCO NO SINTAGMA:

(1) - O norte brasileiro é que é frio, não é?

- Não! O norte americano é que é.

(2) - Viajaste para os Estados unidos? O norte americano é bem pobre, não é?

- Não! O sul americano é mais pobre.